

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Entrevistador: Então olha, já passaste por vários estágios se pensares um bocadinho naquele estágio que tu tiveste de Novembro a Dezembro, não é, que correspondeu ao estágio de integração à vida profissional, que tiveram, o último antes deste, qual é a opinião global que tens acerca desse estágio?

Entrevistado 1: É preciso dizer qual é o estágio?

Entrevistador: Podes dizer.

Entrevistado 1: Então, vai facilitar porque eu tive no hospital x, no Serviço de Psiquiatria x, em termos de orientação o meu balanço é muito positivo, porque a minha enfermeira orientadora, supostamente a que eu achava, que nos deu aulas de psiquiatria, achava que era espectacular e à primeira vista tinha uma ideia espectacular dela e

Entrevistador: Era do serviço?

Entrevistado 1: Era do serviço e deu-nos aulas e eu fiquei toda contente quando soube que era ela e depois ela foi de férias e em termos de orientador fiquei com o enfermeiro chefe e foi giro, não era, foi giro porque não era um serviço difícil, porque não era um serviço que exigisse muito de nós, exige algum empenho, exige algum e essencialmente exige algum gosto e isso eu tinha, portanto eu achava fácil, mas se exigisse nós não tínhamos sido muito orientáveis. Acho que foi um bocado pôr-nos a fazer coisas e a ver o que saía, não numa perspectiva de nos ensinar, que nos primeiros dias em que tive com essa enfermeira, que era a enfermeira x, havia essa relação de ensino-aprendizagem era mesmo muito interessante, ela dava imensa importância, ela revia o plano de cuidados connosco, ficavas com a sensação que ela era múltipla de saber e saias junto dela a pensares assim, porque é que eu não me lembrei disto?, porque fazia tudo sentido, ela explicava-te mesmo e não era uma perspectiva de tem que ser isto, isto e

isto, não, era então porque é que achas que isso aconteceu? e saías mesmo a perceber, com vontade de ver, de encontrar já o primeiro esquizofrénico e com o enfermeiro chefe a perspectiva não era, eu acho que ele achava que fazia isso, mas não fazia de todo, mas também quem somos nós para lhe dizer?, então era um bocado à quantidade, ou seja ver quanto é que saía de nós, ou seja quantas higiènes nós fazíamos, quantas sessões de relaxamento nós fazíamos, quantas, o que é que nós mostrávamos e isso acho que faz com que o balanço não seja muito positivo, não havia grande reflexão sobre isso, por exemplo nós tínhamos actividades que fazíamos com os doentes lá que nenhuma delas foi assistida pelo enfermeiro, quer dizer até que ponto vale alguma coisa?. A gente podia estar ali a dizer a maior barbaridade, a dizer estão numa nuvem e agora atiram-se da nuvem e morrem e querem matar o sobrinho! e quer dizer e ninguém dava por nada e não havia e eu saí de lá com imensas dúvidas e com imensa necessidade de ter feito coisas melhores, por exemplo se havia alguém que se levantava no meio da sessão e começava, porque eu estava num serviço de agudos, portanto as pessoas algumas estavam bastante descompensadas, se me levantava a meio do, se havia uma que se levantava a meio da sessão e começava a cantar e eu pensava, mas o que é que é suposto eu fazer agora?, mesmo que eu não fizesse nada quando eu ia para a sessão de relaxamento a seguir já ia com a ideia que se iam levantar todos e começar a gritar comigo e não havia muito esta, não havia, da parte do enfermeiro chefe não havia muito esta preocupação.

Entrevistador: Mas porque é que achas que ele não tinha essa preocupação?

Entrevistado 1: Eu acho, que é assim, ele era uma pessoa super ocupada, pronto, era uma pessoa super ocupada mesmo, não sei se ele se fosse, ele não prestava cuidados, não sei se ele se fosse prestador de cuidados em equipa como os outros se não haveria essa preocupação, mas se havia também porque é que ele não a disse?

Entrevistador: Ele só tinha um aluno, ou tinha vários?

Entrevistado 1: Tinha-nos a nós as três, nós éramos três, ah e não sei e depois era esquisitíssimo, ele não, uma das coisas que mais me irritava era que, pronto a avaliação final foi, elas tiveram todas muito bem porque eu lhes disse isto e isto e isto e foi por causa disso que elas deram um salto!, quer dizer ao fim ao cabo um orientador tem um

bocado essa função, não é, não de nos motivar, nós temos que encontrar a nossa própria motivação, mas de nos dar instrumentos para trabalhar e ele, ele era completamente auto-centrado, tudo o que acontecia de bom era ele, era com tudo, não era só conosco, era com tudo, era horrível, mas ele era muito simpático, não era uma pessoa de trato difícil, era bastante acessível, mas era bastante auto-centrado, então o nosso sucesso em estágio acabou por dever-se à prestação maravilhosa que ele teve e ele não teve uma prestação assim tão maravilhosa!, quer dizer não foi daqueles orientadores que tens de fazer isto, tens de fazer aquilo, já viste o que fizeste?, porque é que achas que isso está a falhar? não nos ensinou, não, mas também foi um bocado ao vento e não penso que tenha sido positivo, de qualquer maneira tentou nos encontrar visitas domiciliárias, tentou arranjar o máximo de, deu-nos sugestões para actividades com eles, tentou-nos arranjar estratégias, mas essas estratégias não eram avaliadas, não eram vistas, não eram, quer dizer eu acabei por pensar assim, como é que ele me vai avaliar se ele nunca me viu?

Entrevistador: Ele nunca vos via?, o tempo que estava com vocês não vos ia dando feedback do que é que

Entrevistado 1: não

Entrevistador: Só foi no fim?

Entrevistado 1: Não é assim, nós podíamos eventualmente mostrar-lhe os planos de cuidados e ele dizia sim muito bem, não, não havia grande resposta e ele tinha uma função lá mais logística, mais administrativa, trazes material para aqui, vais ali, mandas não sei quem e em termos de cuidados não fiquei também muito à vontade para lhe perguntar o quer que seja. Ó pá era impossível, a única pessoa com quem eu tive, as coisas que eu acho que em psiquiatria nos devem suscitar mais dúvidas e a mim suscitavam-me era como comunicar, como e havia uma série de dúvidas que eu não conseguia pôr a ele e pus à enfermeira x na primeira semana que ela teve conosco e que ela tirou completamente e a ideia que eu tenho é que se eu tivesse mais quatro semanas com ela tinha sido um estágio riquíssimo, que eu tinha aprendido imenso e que tinha adorado aquilo e que se calhar ia para lá trabalhar quando acabasse o curso e

portanto aquilo estava a correr tão bem e depois houve ali uma falha e tive um bocado essa sensação, mas correu bem.

Entrevistador: Mas ela por exemplo punha-vos a pensar, foi um pouco o que tu disseste, punha-vos a reflectir sobre as coisas e depois dava -vos algum feedback acerca do que é que vocês faziam?

Entrevistado 1: Não houve muito tempo para isso, não houve muito tempo para isso, ela dava-nos feedback quando nós lhe mostrava-mos o plano de cuidados, ela não assistia propriamente à nossa relação, porque ela também ajudava muito o enfermeiro chefe, portanto também não prestava cuidados directamente, mas perguntava-nos sempre, queria sempre falar connosco, por exemplo nós tivemos, ao fim de um dia quis falar connosco, por exemplo arranjou uma estratégia que eu achei que foi muito boa que foi não nos deixar ver os dossiers durante três dias e então não sabíamos os diagnósticos e então ela, mandou-nos conhecer, não nos deixava assistir à passagem de turno e era só uma tentativa de nos conhecer, vocês as três estão no serviço, não vão prestar cuidados, vão só falar com os eles e vão tirar as vossas conclusões e depois vão-me dizer o que é que acham que eles têm e foi giríssimo, foi completamente ao lado e nós conseguimos perceber que a doença mental tem, influencia as pessoas de maneiras diferentes e as pessoas reagem à vida e ao stress de maneira diferente como é óbvio.

Entrevistador: Vocês conseguiam chegar lá, tinham conhecimentos da escola suficientes para chegarem lá?

Entrevistado 1: Não, não, este ano

Entrevistador: Ou tinham-nos e não eram capazes de os pôr em prática?

Entrevistado 1: Não tínhamos, não tínhamos de todo, esta enfermeira que foi quem nos deu aulas, ela tentou transmitir nas três aulas que nos deu o máximo que conseguiu, mas acho que é completamente impossível, é completamente impossível em três aulas, como nós tivemos aulas, com, tivemos umas aulas que eu até achei interessantes sobre as taipas, sobre os toxicodependentes, mas que nós não abordámos em nada e quer dizer se calhar tínhamos aproveitado melhor se fossem aulas de saúde mental ou de cuidados

objectivos, acho que para este estágio nós fomos muito mal preparados, acho mesmo porque dada a carga horária que tenho, a importância que têm para nós, ah, e sendo nós alunos do quarto ano dos quais se exige muito mais do que dar banhos, não acho minimamente que nós tivéssemos preparados, em termos então de patologias não, ela falou-nos em termos de comunicação, como é que era o serviço, mas em termos de patologias não, então nós estávamos um bocado um tiro no escuro, o método de aula das patologias era mostrarem-nos um filme, por exemplo em relação ao toque, ao transtorno obsessivo-compulsivo mostravam-nos aquele filme do x, com o y e pronto era um bocado um comentário à volta daquilo e não havia um suporte teórico muito grande, portanto as aulas eram engraçadas e tal, a gente não faltava porque eram giras, mas não havia um suporte teórico muito grande, não é e em estágio tivemos muitas pessoas internadas com transtorno obsessivo-compulsivo e pronto, mas ela, foi giríssimo. O que ela nos quis dar foi esta ideia inicial, o objectivo dela não era mesmo as patologias, aquilo que nós tínhamos oportunidade de lidar mais tarde, é mesmo a relação, o perceber como é que a saúde mental afecta uma pessoa e porque é que é tão marginalizada. E acho que ela conseguiu isso e depois outra estratégia que ela adoptou foi, nós éramos para só termos um doente ao fim de uma semana e tivemos logo dois no terceiro dia, que não fazia sentido realmente, o serviço era bastante leve, eles eram independentes, era uma questão de estabelecimento de uma relação terapêutica e no serviço é complicado porque são dois enfermeiros para trinta doentes, mas para nós acho que dois era perfeitamente aceitável e isso ajudou-nos imenso porque podemos conhecer mais, mais, um leque mais variado de doenças, por isso é que eu fiquei sempre com psicóticos, porque eram os únicos que existiam!, mas eu acho que ajudou e acho que foi positivo.

Entrevistador: Então olha, estou a ver que gostaste muito dessas enfermeira orientadora!

Entrevistado: Sim

Entrevistador: Se pensares um bocadinho em todos os estágios que tiveste até agora, qual é que, pensando, diz-me qual é que tu gostaste mais e porquê ? e qual é que gostaste menos?

Entrevistado 1: A menos é fácil, agora a mais, a mais, é assim houve uma que me marcou definitivamente, estou a gostar muito deste meu orientador agora, porque é uma pessoa com uma capacidade enorme de conhecimentos, uma necessidade enorme de ensinar e de aprender contigo e acho que isso é bastante positivo, mas o estágio ainda não acabou portanto deixo as conclusões para depois.

Ah, mas a minha primeira orientadora, as minhas duas primeiras orientadoras no primeiro ano, ah, a orientadora do centro de saúde em cuidados continuados e a minha orientadora do serviço de ortopedia de x, ah, foi o serviço, o primeiro estágio em centro de saúde e o primeiro estágio em hospital, foram brutais, brutais, brutais!. Ah, foram as duas impecáveis, eu não conhecia nada de cuidados continuados e estou a fazer, o meu projecto final é de cuidados continuados, portanto acho que isso diz alguma coisa do que ela me marcou, acho que se a experiência se nunca tivesse sido positiva nunca, uma pessoa super dedicada; super competente; ah a relação com a família, os cuidados continuados baseiam-se muito, era brutal, toda a gente a conhecia; toda a gente lhe fazia um sorriso quando ela batia à porta; toda a gente lhe telefonava quando precisava de alguma coisa; ela ia a conduzir e a atender telefonemas, sobre, para responder a dúvidas da família e das pessoas, era brutal, era muito positivo, a equipa funcionava muito bem, eram todas pessoas dedicadas, todas, e marcou-me muito positivamente e pelas mesmas razões no estágio de ortopedia, pude ver como é que uma pessoa pode ser competente nos dois estágios. Ah, a enfermeira que estava comigo era super dedicada, ela tentava-nos mostrar a maior parte, ela percebia perfeitamente que nós éramos alunos do primeiro ano, ah, exigia-nos, nunca nos exigia mais do que aquilo que era suposto, ah e exigia já depois de nos ter mostrado uma vez, explicado uma vez, e agora faz tu e agora faz tu com orientação e agora faz tu sozinha, havia sempre esse, essa preocupação, ela tinha duas alunas, eu e outra e safava-se lindamente, acho que nunca privilegiou uma em detrimento da outra, a equipa também era fabulosa, nunca, também era aluna do primeiro ano, mas nunca detectei maus cuidados, nunca detectei problemas em que tivessem havido mau cuidado de enfermagem, uma preocupação e um carinho pelos doentes muito bom, ah, funcionava tudo bem no serviço, lixos; material; os auxiliares eram impecáveis, ah, o serviço funcionava cinco estrelas mesmo, ajudaram-me imenso e fiquei com a pedalada toda para o segundo ano, que foi quando eu achei que ia desistir do curso, porque tive o pior estágio da minha vida, mas o pior estágio da minha vida!, não só porque tive ah, má orientadora, posso dizer que era uma má enfermeira orientadora, como posso dizer também que tive uma má professora orientadora, ah,

então as duas coisas em conjunto é catastrófico, completamente catastrófico!, é uma sensação de abandono, de, eu saí uma vez do hospital e virei-me para o meu namorado sem chorar sem nada e disse assim: eu vou desistir do curso, eu vou desistir disto, porque a minha saúde mental não me permite que eu ultrapasse isto, isto não devia de ser assim tão importante para mim, ah foi um exagero!, eu ouvia coisas que se calhar muitas pessoas ouvem que é, o enfermeiro, os enfermeiros normalmente pelo que eu me pude aperceber dos estágios não são eles que se voluteariam a ficar com alunos, são escolhidos pelo enfermeiro chefe e ficam com alunos, pronto e depois há os que gostam e os que não e eu fui logo calhar com uma que não gostava!, mas acho que se calhasse com qualquer outra pessoa do serviço me iria calhar uma pessoa que não gostasse. A equipa era horrível!, não falavam uns com os outros, não comunicavam, tinham, encostavam trabalho uns aos outros, era um serviço de medicina, não sei se isso quer dizer alguma coisa. Ah, mas, é, foi o, as situações não eram fáceis, o serviço era mesmo impossível, eu sou capaz de reconhecer que não eram muitos enfermeiros, o rácio não era muito grande, pá mas eles tratavam mal os doentes, eles tratavam mal os doentes, era impressionante, era, eu lembro-me que havia lá uma rapariga do, que tinha acabado de sair do nosso curso, da nossa escola, e eu lembrava-me dela, que era a x, uma pequenina gordinha de cabelo comprido, não sei se era do teu ano, era capaz de ser do teu ano que ela deve ser antes de, não, ah e lembro-me que tinha um doente inconsciente, ela tinha um doente inconsciente numa fase de neo já mesmo terminal que morreu no dia a seguir e ela estava-lhe a aspirar secreções e antes de lhe aspirar secreções ela disse: senhor não sei quantos, já não me lembro o nome, eu vou-lhe agora aspirar secreções vai sentir isto e isto, mas mantenha-se calmo, tente respirar, uma coisa, não é possível!, como aquela gente que chegava ali e aspirava sem luvas, para cima e para baixo, para cima para baixo, para cima e para baixo, infectados ou não, uma coisa horrível, uma coisa horrível em termos de cuidados! de toda a gente, quase, é assim não posso, claro que havia enfermeiros competentes, mas no geral eram muito poucos, não estou a perceber o que vocês estão a fazer, é impressionante!

Da minha enfermeira eu chegava a ouvir coisas, ela era chefe de equipa, mas aquilo não funcionava como equipa minimamente, era chefe de equipa, porque de vez em quando estavam lá as trocas dos outros, ah e ela era chefe de equipa e ela chegava-me a dizer coisas deste género: mas tu queres vir para enfermagem porquê?, isto é horrível!, tu não devias querer ir para enfermagem!, coisas do género, eu já estou farta de ter alunos!, tu és a última aluna que vou ter!, porque eu já estou farta de alunos!

Entrevistador: Porque é que achavas que ela estava farta?

Entrevistado 1: É assim, porque era assim nós éramos alunas do segundo ano, era a primeira vez que nos estavam a exigir coisas como puncionar veias, era a primeira vez que nos estavam a exigir e eu, se calhar para mim tinha sido mais fácil se eu no primeiro ano tivesse tido um estágio de medicina, como alguns colegas meus tiveram, mas eu não tive, tive no estágio de cirurgia, eram mais dependentes, eram mais independentes, era, havia uma motivação muito diferente nas pessoas, nos próprios doentes para ajudarem e para perceberem porque é que nós, ali não, ali os doentes basicamente se não estavam quase também não faltava e era mesmo uma situação, eu já me sentia insegura com a falta de conhecimentos que tinha, não porque não os tivesse aprendido na escola porque tinha, tinha uma cadeira enorme chamada enfermagem dois, que, de quinhentas mil páginas, e , mas não me sentia segura, porque tinha que executar uma série de técnicas quase diariamente, porque num serviço de cirurgia por exemplo só as executei uma vez, eu algaliei uma vez.

Entrevistador: Mas não tinhas aprendido essas técnicas na escola?

Entrevistado 1: Tinha aprendido na escola, mas nunca houve, lá está como no primeiro ano tinha havido, ali nunca houve uma preocupação em me mostrar, em me explicar, em perceber porque é que à segunda vez eu falhava, eu tive, a primeira vez que eu puncionei uma senhora, ah, a minha enfermeira orientadora virou-se para mim e disse-me assim: fogo! isso é o canal das manchas, se tu não furas isso!, eu já estava nervosa, eu olhei para as veias e disse assim, bem isto não há-de ser muito difícil, mas aquilo e o manderil e o outro e tira ao mesmo tempo, foi horrível! e furei três vezes a senhora, não correu nada bem, o canal da mancha afundou, ainda levei nas orelhas por cima, foi horrível, extremamente horrível e ainda hoje não consigo puncionar como deve ser.

Entrevistador: Diz-me uma coisa, tens estado a falar do enfermeiro competente, estás a falar de enfermeiro como competente, gostaste muito daquelas enfermeiras do centro de saúde e da ortopedia porque eram competentes, competentes como enfermeiras?

Entrevistado 1 : Como enfermeiras e como orientadoras.

Entrevistador: Como orientadoras? Porque é que eram competentes como orientadoras?

Entrevistado 1: ah

Entrevistador: O que é para ti competência?

Entrevistado 1: Uma competência eu acho que é, para mim essencialmente é ter capacidade de pensar e de argumentar aquilo que se faz, ah se se faz por uma razão, qual é a razão e porque é que isso é bom e ter noção que é uma coisa que se vai melhorando, nunca é uma coisa adquirida, ah uma competência vai-se melhorando sempre, não é estar adquirido porque está adquirido e pronto, eu sei aspirar mas por mais porcaria que faça, a aspiração também não tem muita lógica, pronto, traumatismo do não sei de quê. E era competentes nesse aspecto, em termos de enfermagem, porque eu acho que não só é importante ter um bom apoio psicológico e um bom apoio enquanto orientador como também é importantíssimo que aquela pessoa te sirva como modelo, que não te diga coisas como também já ouvi, principalmente naquele estágio de segundo ano, que é pá, fazes assim na escola, mas isto que tu estás a ver que eu estou a fazer tu não estás a ver!, é horrível, é pôr em questão, então aluna do segundo ano!, eu agora no quarto ano consigo diferenciar, porque já tive boas experiências e más experiências, no segundo ano, eu tinha tido uma boa experiência e agora estava aquela jovem ali a dizer-me para fazer aquilo e eu a pensar, então como é que se faz? Mas isto está mal, eu tenho que perceber que isto está mal!, mas não dá, tu vês tanta gente a fazer a mesma coisa que te interrogas!, dá muito mais jeito fazer assim, dá muito mais jeito não estar ali com umas luvas esterilizadas à procura de que alguém te vá, não é, mas acho que, é pá, acho que tem que haver essa preocupação, servir também como modelo, eu acho que isso para mim dá-me uma grande segurança perceber, como agora neste estágio que o meu enfermeiro orientador sabe muito mais do que eu e eu consigo ver isso, não é só saber tipo blá, blá, blá, blá, blá, blá e uma aspiração faz, não, é ver que ele não descara nada, não só aspira, como é a comunicação com o doente, com é a comunicação com a família, como é capaz de estar atento a dez mil coisas ao mesmo tempo, a perceber tudo, atento a mim, quer dizer não deve ser fácil penso eu ter o serviço atrás dele

Entrevistador: Atento a ti como?

Entrevistado 1: Perceber que, por exemplo,

Entrevistador: O que é que queres dizer com isso?

Entrevistado 1: Atento a mim no aspecto de, quando eu dou por mim ele está sempre a me, é assim este enfermeiro agora é chefe de equipa e em cuidados intensivos o chefe de equipa funciona muito como muleta de todos, está ali ah, o que é que tu precisas?, se alguém tem alguma dúvida, especialmente porque há muitos, muitos, pessoas novas a integrar as equipas e então ele não só me está a orientar a mim como está ainda a integrar mais duas pessoas ah e ele tem isto, com pessoas em situações instáveis, enquanto o meu doente normalmente é uma pessoa mais estável, traçado sinusal, pronto e aquilo funciona tudo muito bem, eles não, eles têm situações realmente complicadas e de vez em quando, o meu doente traçado sinusal e ele o que é que tu precisas? e eu digo-lhe, e eu tinha uma série de questões que ia acumulando e digo-lhe tudo e ele é perfeitamente capaz independente do trabalho que tenha de se sentar, de me ouvir na altura, se precisa de ir a algum lado volta, não me deixa pendurada, não se esquece de mim, ah sei lá outra das coisas é deu-me o contacto quando me conheceu, acho que é fundamental, ah mostra alguma disponibilidade, também é uma pessoa com vinte e sete anos, que também facilita

Entrevistador: Mas porquê, porque é que facilita?

Entrevistado 1: Facilita imenso, acho que não, a forma de ver os alunos, isso facilita-me, isso dificulta-me tanto como eu falar como a minha futura sogra, tenho que estar sempre com duas pedras na boca, dizer bem se calhar eles, bué!, eu não posso dizer bué!, ninguém percebe, não é que eu vá dizer bué, agora com este enfermeiro orientador, mas se me sair também não me preocupo e há sempre aquela sensação de será que eles me entendem?, ou se eu, não sei, se calhar sem razão nenhuma, sem fundamentação nenhuma, mas há ali uma sensação de hierarquia que com ele não há e ele é capaz de ser das pessoas mais informadas ali dentro e com mais competências a nível de tudo e que não há com um enfermeiro mais velho, um enfermeiro mais velho não sei, um enfermeiro mais velho, agora dizer que, não sei isso não me aconteceu, por exemplo a minha enfermeira orientadora de cuidados continuados era uma pessoa

também nova, com cerca de trinta anos, mas a de ortopedia não era, tinha cinquenta e tal anos e era uma pessoa que eu considero ao mesmo nível deste enfermeiro que está agora comigo, pronto este enfermeiro sabe muito mais por ser Cuidados Intensivos, há um leque muito mais variado de conhecimentos que tem que ter e que ele consegue ter ah e acho que é assim, acho que é isso.

Entrevistador: Pronto, já percebi qual é o teu pior e o teu melhor!

Entrevistado 1: Pois

Entrevistador: Já que estávamos a falar de competências, tu achas que no final dos estágios tu adquires competências?

Entrevistado 1: Acho que depende do enfermeiro orientador, muito sinceramente acho que sim

Entrevistador: Até agora achas que adquiriste competências para seres uma boa enfermeira?

Entrevistado 1: Acho que adquiri algumas, não adquiri todas de certeza, acho que principalmente adquiri vontade de as melhorar, eu sei perfeitamente que não consigo neste momento ser autónoma e chegar a uma equipa e funcionar a cem por cento, não sou mas acho que com a correcta integração, acho que adquiri as competências necessárias para me motivar e para conseguir

Entrevistador: Que competências?

Entrevistado 1: Ah, sei lá, acho, trabalho em equipa acho que é fundamental; ah tenho imensa vontade de começar a trabalhar com as minhas colegas, de, mesmo, as minhas colegas da escola, acho que era fenomenal e tenho ideia que existem equipas que funcionam assim e se Deus quiser acho que vou conhecer; tenho, sei lá, concentração, eu adquiri imensa; estabilidade emocional, eu era uma pessoa que no primeiro ano meu Deus!

Entrevistador: Concentração, porquê?

Entrevistado 1: Concentração, porque eu era completamente despaçada, completamente despaçada, as coisas aconteciam e eu nem notava, se eu estava concentrada numa coisa o resto à volta, é um bocado, eu lembro-me, eu tenho uma amiga minha que tem, uma amiga minha que já tem alguma idade, que é educadora de infância e ela diz que é impossível quando se trabalha com crianças tu ficas com uma noção de tudo, do que se está a passar à tua volta, porque tens mil e uma crianças à tua volta e estão sempre a fazer sempre asneiras e tu tens que estar de olho em todas e acho que enfermagem é um bocado isso, é perceber o que se passa com o teu doente, com o doente do lado, mesmo que não lhes estejas a prestar cuidados, que a tua colega precisa de ajuda, isto envolve concentração e capacidade de e eu acho que isso um bocadinho consegui, que eu era completamente ao lado, que adquiri por exemplo, tenho mesmo de dizer isto, acho que estou muito mais calma, aprendi a ouvir melhor, reajo muito melhor à crítica e mais, acho que estou muito mais criativa, acho que se não tenho almofada tenho capacidade de perceber o que é que vou fazer dali, se não tenho tesoura como é que vou resolver isto, se não tenho nastro como é que vou resolver isto, ah mesmo em termos relacionais, sei lá acho que envolve também alguma criatividade saber comunicar com as pessoas e saber perceber o que se passa com ela e essa também se calhar é outra característica, a capacidade de comunicação, a capacidade de ouvir, de fazer aqueles silêncios terapêuticos, sei lá acho que são n e dependendo do contexto, acho que as técnicas em si, é a pior coisa, a destreza manual, aquela coisa que eu

Entrevistador: É uma coisa que vais adquirindo com o tempo

Entrevistado 1: Acho que sim, espero que sim

Entrevistador: Por isso é que disseste que a competência vai evoluindo

Entrevistado 1: Pois.

Entrevistador: Olha, disseste muitas coisas que eram importantes num enfermeiro orientador, imagina que tinhas todo o poder do mundo para seleccionares um

orientador, quais eram os critérios que, imaginas que eras chefe, disseste que eram os chefes que seleccionam os orientadores e tinhas que escolher um orientador

Entrevistado 1: Para um aluno ou para mim?

Entrevistador: Para um aluno. O que é tu achas que era importante para seleccionar esse orientador, quais eram os critérios que utilizavas?

Entrevistado 1 : Eu acho que acima de tudo e fundamentalmente não há outra hipótese, não se atribuem alunos a enfermeiros que não querem ter alunos ou pelo menos só se entregam a quem quer, nem é sequer a quem não se importa, porque aí vai haver sempre algum desprezo, se vem num dia mau, que chatisse lá vou eu ter que levar com aquele miúdo outra vez, ah não funciona de todo. Ah, penso que a idade não seja limite, há pessoas novas bastante competentes, eu no outro dia fiquei com, o meu orientador não estava numa noite e fiquei com uma das pessoas da equipa que eu achei fabulosa, fabulosa, tinha mais três ou quatro anos que eu, foi impecável comigo, não só não me fez tudo, ela explicou-me tudo, tentou-me inserir na maior parte de coisas que ela conseguiu, tentou-me levar sempre a perceber o que é que ela estava a fazer, acho que é fundamental haver, eu tive outro orientador no terceiro ano que foi giríssimo que ela estava a fazer um curso sobre o ensino-aprendizagem e ela própria dizia, eu estou aqui para aprender contigo, ela falava assim: eu estou aqui para aprender contigo e eu achava aquilo giríssimo e dava-me algum poder o que eu acho que também é giro nessa relação e é bom, porque nós sentimo-nos, nós sentimo-nos, nós não nos sentimos só ajudados como também nos sentimos úteis e eu chego aos primeiros dias de estágio e tenho aquela sensação de ai meu deus estou a ser um imbecilho, estou ali feita sombra, atrás de alguém, olhe desculpe se não se importa de me responder?, acho que e ali não, quando a pessoa mostra que também está a aprender alguma coisa contigo e que tu também a estás a motivar, as perguntas tornam-se pertinentes e a relação torna-se pertinente e com razão de ser, acho que fundamentalmente as pessoas não só têm que querer ter alunos, mas também têm que saber porque é que querem, se é para aprender, se é para formar profissionais competentes, tem que haver uma razão, ah não é orientar por orientar, acho que isso é fundamental, depois o resto dos critérios, eu acho que não pode ser, não pode ser, como é que hei-de explicar isto, não pode ser, autoritário, não se pode achar hierarquicamente superior, acho que isso inibe-nos de perguntar, inibe-nos

de, ah, estamos sempre num stresss, o que é horrível, eu tenho uma amiga minha que está nessa situação agora e ela chega ao serviço e entra em stress, ah para onde é que eu vou?, isto inibe o raciocínio como deve ser, isto não lhe permite pensar, ela chega ao serviço, deixa-me ver, não sei quê, agora tenho que me sentar assim, não posso sair de ao pé do doente, porque leva na cabeça cada vez que sai de ao pé do doente, aquilo há ali um stress que inibe qualquer tipo de aprendizagem e a sensação que eu tenho dos estágios que eu não gostei, que não foram muitos, foram só dois que eu saí de lá a saber exactamente a mesma coisa, exactamente a mesma coisa, não adquiri nada de novo, nada, nada, nada, não sou capaz de dizer eu aprendi a fazer isto, o serviço até pode ter coisas boas, mas se o estágio em si é negativo nós não aprendemos nada, não aprendemos nada porque não temos vontade de aprender, porque achamos que estamos a maçar, porque achamos que estamos mal, que estamos sempre a levar nas orelhas que estamos errados, que não vamos chatear o senhor chefe de equipa ou o e é horrível essa sensação de hierarquização e tu estás no fundo da cadeia alimentar, feito rato, não é bom.

Entrevistador: Desses todos, diz-me um, um critério que achas que é o mais, o mais ,deles todos o mais importante?

Entrevistado 1: Acho que é, ah, a vontade de ter alunos, a capacidade de perceber que aquilo também é importante para ele, não me está a fazer favor nenhum, está a orientar-me, mas não me está a fazer favor nenhum, é isso.

Entrevistador: Agora queria só que pensasses assim nos estágios, num momento, numa situação que tenha sido particularmente difícil para ti? Consegues?

Entrevistado 1: Particularmente difícil para mim, reporto-me ao estágio do segundo ano, agora a mais difícil!

Entrevistador: Não tem que ser a mais difícil podem ser várias.

Entrevistado 1: Não, a mais difícil não foi no segundo ano, foi no primeiro. Foi uma situação em que a minha colega, eu estava no estágio de Centro de Saúde, na sala de Cuidados Continuados com uma colega minha, a minha colega foi avaliada, a

professora chegou lá e é daquelas professoras que aparecem por trás, começam a respirar por trás e tu a ouvires e tu percebes que está ali alguém e quando vês é a professora da escola, não; não; não; não, entras em stress e nós até estávamos a dar uma injeção bem dada e começa tudo a tremer e fazes tudo errado, a agulha dentro do saco e depois essa minha colega esteve lá dentro com ela cerca de quinze minutos e eu entro para ser avaliada e estou lá duas horas; pimba; pimba; pimba; pimba; pimba, tanta pergunta; tanta pergunta; tanta pergunta; tanta pergunta, nunca vi, duas horas a ser avaliada, um stress, uma coisa e ela sempre a dizer e agora e o que é você fazia? e porquê e porque não?, não acha que está mal?, e depois acabou e eu pensei uf acabou!, depois pensei, possa não entreguei, o que é que eu não entreguei?, não entreguei a reflexão crítica, qualquer coisa assim, tive que voltar lá dentro, voltei lá dentro, estava lá a falar com a enfermeira chefe, reflexão crítica, desculpe incomodar! e quando já ia virar as costas e ela disse, espere, espere, espere e eu oh meu deus, vai-me dar na cabeça, mas é assim depois de eu já ter me mentalizado que aquilo tinha acabado, começou de novo, só porque eu não entreguei a reflexão crítica! e ela chegou-me a perguntar-me quais são os instrumentos básicos de enfermagem? e eu bloqueei completamente, eu tinha uma mnemónica na minha cabeça, eu tinha uma mnemónica de ter decorado aquilo, não me lembrava de nada, nem de uma, bem a mulher começou a cascar em mim e se fosse uma situação de emergência o que é que você fazia? E na na na está a ver?, e eu mas eu bloqueei e ela e se bloquear como é que faz? E eu chorei, foi horrível, essa situação foi a mais stressante, mas com um enfermeiro orientador?

Entrevistador: Sim

Entrevistado 1: Com um enfermeiro orientador, a pior!, eu acho que foi, foi no segundo ano decisivamente, agora encontrar uma das situações,

Entrevistador: Pode ser mais que uma situação, pode ser a que tu quiseres, pode não ser a

Entrevistado 1: As situações que eu menos gosto, que também me aconteceu nesse estágio é dizerem-me e se calhar por esse estágio é que eu não gosto, é dizerem-me, vou de férias! e depois de eu andar a ser orientada, de ser entregue e tu chegas às passagens de turno e ninguém te recebe, ninguém te quer e nem o enfermeiro chefe te coloca com

uma pessoa e tu chegas ao ponto de dizer, mas eu tenho que ficar com alguém! e vais entregue a um e o outro lá bufa e diz assim pronto lá vai ter que ser ! , Meu Deus, o melhor é ir-me embora! ,Não gosto quando me dizem isso! Ah, mas a pior situação, acho que foi mesmo ouvir, mas porque é que tu vais para enfermagem?, eu já disse à minha filha, a minha filha queria ir para enfermagem e eu já disse, tu não vais para enfermagem, eu se tivesse menos vinte anos, se eu tivesse a tua idade eu não ia para enfermagem e eu pensava mas está esta mulher a orientar-me, porquê?, não é possível! Como é que é possível alguém estar a orientar assim?, até parece que ela vende algum curso, não acho isto normal!, juro é que ela dizia aquilo com um à vontade ! era isso e dizerem-me, não quero mais alunos!, vocês só me dão trabalho!, era horrível, essa situação é horrível!

Entrevistador: E assim com um doente, lembras-te assim de alguma situação, como é que hei-de explicar, uma situação em estágio sem ser directamente com o enfermeiro orientador, mas com um doente que tenha sido difícil para ti?

Entrevistado 1: Ah, foi também nesse estágio, no Serviço de Medicina, era um doente que tinha bronquite crónica, um enfisema pulmonar, coitado já não respirava muito bem! e então estava com um cipap e ia com o cipap para casa, só que o senhor coitado, a hipoxémia, ficava agressivo, pronto ficava agressivo e eu é que o entendia, mas a desgraçada da esposa que lá ia visitá-lo e que o ouvia a chamar-lhe nomes é pá ele tratava-a muita mal, muita mal! E pá como é que se explica aquela senhora que coitado ele não tem culpa, só tem oxigénio a menos no sangue, não é possível, ela não vai perceber isto, foi a situação e eu a explicar-lhe, não se exalte porque se exalta é pior, fica mais ansioso, falta-lhe mais o ar, se lhe falta mais o ar fica mais ansioso e isto é um ciclo que nunca mais acaba e você daqui a bocado bate na sua mulher e explicar-lhe a ela que ele estava assim agressivo por questões fisiológicas, não era nada contra ela e pronto e que ele ia efectivamente ficar assim para o resto da vida, ah, quer dizer, foi muito complicado, muito complicado.

Entrevistador: E o que é que fizeste? Para além de lhe tentares explicar, recorreste a alguém para te ajudar a explicar?

Entrevistado 1: Não, não recorri, não recorri, mencionei o facto, disse que tinha sido, tinha sido particularmente difícil, mas não houve resposta nenhuma do lado de lá e eu achei melhor não chatear, porque a senhora até não gostava de ter alunos, não ia chatear e foi uma tristeza porque o senhor saiu com alta e dois dias depois já lá estava outra vez e acho que foi a maior frustração da minha vida, um doente sair com alta e dois dias depois estar lá outra vez, disse assim a culpa é minha, a culpa é minha, que horror a sério, foi horrível!, depois não fiquei com ele, meus deus o que é que eu fui fazer a este homem!, ele podia ter saído como deve de ser, naquela altura ainda pensei que a culpa fosse minha, vá lá isso pelo menos a orientadora não me disse! ah se calhar foi naquela fase em que ela estava de férias, não sei, se calhar foi nessa fase! Ah, foi horrível!

Entrevistador: Olha, se pensares nos estágios e nas aulas que tens, sejam teóricas, sejam práticas, gostas mais dos estágios ou das aulas?

Entrevistado 1: Eu adoro as aulas, porque tenho os meus amigos comigo e acho que agora então no quarto ano que tive a última aula para aí há não sei quantos meses, até fiquei tristíssima e desatei a chorar em casa e a dizer ai ai, e agora que penso nas aulas tenho um carinho especial, mas em termos de aprendizagem sem dúvida nenhuma os estágios quando são bem orientados, quando têm em vista o teu crescimento e a tua prestação, acho que os estágios com certeza nos dão muito maior, mais bagagem para enfrentar as situações do que nas aulas, nas aulas, tu no fundo tens aulas teóricas e não percebes muito bem o que é que se está a passar ali e depois quando lês as aulas enquanto estás em estágio dizes, ah era isto que eles queriam dizer, já percebi agora que vi!, acho que as aulas sem os estágios não fazem sentido.

ENTREVISTA 2

Entrevistador: Eu sei que vocês tiveram um estágio desde Novembro a Dezembro, não é, que pertence ao estágio de integração à vida profissional,

Entrevistado 2: Exactamente

Entrevistador: Qual é a tua opinião global acerca desse estágio? O que é que achaste? O que é que sentiste?

Entrevistado 2: É assim, em relação ao estágio que eu tive de Novembro a Dezembro foi o estágio de psiquiatria. É assim, o estágio como nós não temos nenhum fundamento teórico, não temos bases teóricas para fazer aquele estágio até porque neste curso de licenciatura eles acabaram por retirar a vertente psiquiátrica do curso e tudo o que nós temos são aulas de integração à vida profissional, tiveram-se a ver filmes e falámos sobre casos de vida e em termos patológicos e medicação e de acções de enfermagem zero, ou seja nós entramos num estágio em que eles chamam integração à vida profissional em que não temos bases, temos que ser nós a, que fazemos o nosso estudo, que começamos por fazer o nosso plano e acaba por ser seja o que deus quiser e é um bocado complicado. Entretanto psiquiatria é um mundo vasto, a pessoa entra começa a estudar a vertente esquizofrénica, depressões e acaba por não saber nem um centésimo daquilo que realmente é, quando em cinco semanas nós podíamos explorar aquilo muito mais se já tivemos um suporte teórico elevado. Ó pá aquilo de integração à vida profissional tem muito pouco, não é, nós devíamos estar a preparar-nos tanto psicologicamente, como numa capacidade de trabalho de avaliação de prioridades; iniciativa; criatividade, tudo aquilo que geralmente se calhar interessa nesta fase e acabamos por estar a fazer um estágio quase de segundo ano, do terceiro ano que era aprendizagem de patologias e aprendizagem de. É assim, foi um estágio que para mim foi excelente porque adorei psiquiatria, agora podia, espectacular, agora podia ter tirado muito mais daquilo, entretanto nós tivemos uma professora a preparar uma aula em que não sei porquê ela depositou muita confiança em nós e ela quis fazer daquele estágio um estágio para demonstrar na escola que a Psiquiatria é interessante, então nós acabamos por ter muito mais trabalho, porque tivemos que estar a fundamentar todas as nossas

actividades. Tivemos actividades diárias em que, não foram actividades que eu achava ridículo, actividades como passeio higiénico e fazer comida etc., nós fizemos actividades com eles uma vez por semana, em que consistiam, nós elaborávamos um cartaz, as pessoas escreviam aquilo que pensavam tanto os profissionais como os doentes e no final da semana juntávamos as pessoas todas num círculo e começávamos a falar e isso tudo e à priori quando nós pensávamos que era, que ia ser difícil nós conseguirmos controlar uma pessoa com uma determinada vertente psiquiátrica, foi espectacular porque as pessoas acabavam por partilhar sentimentos, acabavam por nos estar a dizer sempre que ainda tínhamos mais tempo, que não tinham que ir almoçar, que podia passar o almoço que eles deixavam, foi espectacular e as pessoas, basicamente as pessoas sentiam que era importante, não eram aqueles passeios higiénicos que pelo menos para mim não eram uma actividade, acabavam por ser um cuidado diário, se nós tínhamos algum tempo íamos dar um passeio com eles, ah estamos muito mais à vontade porque estamos na rua e eu fico um bocado triste quando vejo pessoas do quarto ano de outras escolas a fazer actividades, eles chamam actividades a passeios higiénicos e de fazer um bolo, quer dizer isso acaba por não ser nenhuma actividade diária programada, não é, o que é que uma pessoa precisa de programar para ir fazer um passeio?, um cuidado autónomo que um indivíduo consegue fazer é andar, mas pronto foi complicado e eu acho que estes estágios estão muito mal inseridos na integração à vida profissional, vindo agora à conversa.

Entrevistador: Mas vocês, quer dizer este estágio, este agora que estão a fazer também pertence ao estágio de integração à vida profissional, não é?

Entrevistado 2: O estágio de integração à vida profissional vai até ao final do curso, que é até Julho

Entrevistador: Vocês nunca fizeram estágio de Psiquiatria até agora? É o primeiro estágio?

Entrevistado 2: É. Nós tivemos um estágio no segundo ano que foi de lar , acabamos por ter contacto com algumas pessoas com doença psiquiátrica, mas não era nessa vertente, não abordamos essa vertente, nem

Entrevistador: Achas que já devias ter passado por uma psiquiatria, não é?

Entrevistado 2: Exactamente. Eu acho que se eles fazem um programa de licenciatura em que até ao terceiro ano são dados todos os conteúdos teóricos e no quarto anos nós temos uma integração à vida profissional não é para no quarto ano nós estarmos dedicados num estágio a aprender a patologia, devia ser um estágio de ok Psiquiatria, nós desenvolvemos muito mais a nossa capacidade relacional, porque é um estágio com uma vertente relacional e não tão terapêutica e não devíamos estar preocupados com o que era a esquizofrenia, ou o que é a depressão, nós já devíamos saber isso à priori para podermos exactamente desenvolver as capacidades relacionais, não estarmos tão preocupados com ok esquizofrenia pode ter estes sintomas etc, ok eu dou isto a esta senhora, já devia de ser uma coisa autónoma, não é como num estágio de Medicina no segundo ano, o que me leva a pensar, ok isto é uma integração à vida profissional um pouco limitada, porque tem esta vertente, mas eu não estou a cem por cento nesta vertente, eu não conseguia desenvolver uma capacidade relacional com uma pessoa se eu não percebesse aquilo que ela estava a passar, se calhar nunca entenderia, porque eu não sou esquizofrénico nem nunca tive nenhuma depressão, agora podia estar a pensar ok estou a falar com esta pessoa, técnicas de comunicação, como é que eu vou agir se esta pessoa começar a ter um delírio obsessivo, não fazia ideia, então acabava por ser, ok eu vou falar com esta pessoa, eu estou a conversar com esta pessoa e vou dar o meu melhor e acabava por ser um bocado, por ser um bocado senso comum ao início.

Entrevistador: Diz-me uma coisa, tu estavas com essa professora, essa professora era a professora da escola, tinhas um enfermeiro orientador?

Entrevistado 2: Tinha um enfermeiro orientador

Entrevistador: Então e essa pessoa não te ajudava, não procuravas essa pessoa para tentares resolver essas dúvidas, como falar, ajudava-te, não te ajudava?

Entrevistado 2: Nós em termos de enfermagem lá no serviço foi espectacular, tivemos um problema no estágio que depois já explico mais à frente, em que eram pessoas que nos davam bibliografia, que nos ajudavam quando era nos registos que nós não sabíamos explicar muito bem aquilo que as pessoas, os sintomas dos doentes, eles sempre nos ajudaram, em termos, aliás foi através dessa ajuda que nós conseguimos

fazer o estágio de psiquiatria, porque não foi só bibliografia, eles estavam lá sempre, qualquer dúvida e mesmo quando nós não os abordávamos eles abordavam-nos e estavam-nos sempre de certa forma a picar e sempre a perguntar, ok estás a fazer aquilo, sabes o que é ?, ok tem o sintoma assim assim. Eram pessoas que notava-se que gostavam de Psiquiatria, que iam a várias conferências, a vários simpósios de doenças psiquiátricas. Havia lá um enfermeiro que era uma biblioteca autêntica em termos patológicos, em termos relacionais não era assim, não era nada de especial, mas era uma equipa que se completava. O enfermeiro que nos estava a orientar era um enfermeiro muito mais de arteroterapia, de relação de ajuda e eles completavam-se muito bem, um tinha uma vertente mais clínica, outro tinha uma vertente relacional, foi uma equipa espectacular, nós acabámos por nos dar muito bem.

Entrevistador: Apesar de vocês terem só um enfermeiro recorriam a todos?

Entrevistado 2: Certo, o que depois veio causar um problema, porque nós estávamos lá concomitantemente com outros alunos, alunos da escola x e eram alunos um pouco problemáticos, que eram do terceiro ano, não demonstravam interesse, acabavam por ser às vezes mal educados com os próprios doentes, pronto via-se que não estavam lá com o espírito de enfermagem e nós estávamos lá a tentar absorver tudo o que conseguíamos e acabávamos por perguntar a toda a gente. As pessoas que mais trabalharam connosco foram esses dois enfermeiros, esse enfermeiro que não era nosso orientador estava a orientar esses alunos da escola x e começou a dirigir a atenção muito mais para nós porque tinha um feedback nosso muito maior que tinha dos alunos da escola x, então acabou por tudo o que era bibliografia, tudo o que era, tudo o que nos podia ajudar ajudava-nos e os alunos da escola x acabaram por ficar um pouco para trás. Eu costumo dizer que num estágio o orientador ajuda, mas também é um pouco aquilo que nós quisermos fazer do estágio. Foi complicado, depois o nosso enfermeiro orientador pediu-nos para nós não perguntarmos mais nada àquele enfermeiro, porque estávamos a prejudicar o estágio dos alunos da escola x.

Entrevistador: O enfermeiro que estava a orientá-los?

Entrevistado 2: Exactamente e nós começamos a perguntar, ok nós podemos não falar mais, mas há assim um bocado de contra senso, eu não tenho culpa que os alunos da

escola x não hajam, não comecem a agir mais dinamicamente no estágio e se eu preciso de perguntar por alguma razão ao enfermeiro, se eu tenho dificuldade em perceber, porque é que eu não hei-de perguntar?, eu não vou tirar a vez a ninguém, se eles quiserem perguntar ao enfermeiro podem perguntar e pronto foi um bocado mal percebido pelo nosso enfermeiro, depois entretanto com conversas à posteriori ele começou a perceber e o estágio acabou por correu bem e aquilo estava-me a começar a complicar quando o enfermeiro cria toda a atenção dos alunos para ele, porque nós estávamos, quer dizer foi-nos dito, não é uma questão de me estar a gabar nem nada disso, mas foi-nos dito que nós tínhamos sido os melhores alunos que lá tinham passado e portanto foi-nos dado também uma proposta de trabalho logo ao início, criam que nós assinássemos já um pré contrato e pronto foi, fiquei a gostar, e ele estava a tentar centrar a atenção para ele quando nós sentíamos a necessidade de perguntar e quando ele não estava lá nós perguntávamos a qualquer um, gerou um bocado de conflito entre esses enfermeiros, mas depois acabou por ultrapassar e ficou tudo bem novamente, pronto e até agora em termos de integração à vida profissional os meus estágios têm sido espectaculares, não tenho nada contra. Em termos de docentes eu acabei por não dizer nada, porque também não me importava muito, o facto de estar a pedir à professora para ir lá mais vezes, porque estava a ter uma orientação que para mim era mais do que suficiente, estávamos já bastante confiantes em termos de relação de ajuda com os utentes e ela foi lá uma vez durante estágio, que foi no primeiro dia e foi lá outra vez durante o estágio que foi na avaliação final. Nós acabamos por entrar em acordo com a nossa avaliação, em que tanto eu como o meu colega tivemos dezanove e vinte no estágio e acabou por não, pronto não teve nada de prejudativo ela não ter ido lá noutros dias, agora podia ter acontecido o inverso, ela não tinha ido lá, não sabia aquilo que nós tínhamos feito e colocava em dúvida tudo aquilo que o enfermeiro dizia

Entrevistador: Mas o enfermeiro participou nessa avaliação?

Entrevistado 2: O enfermeiro participou, embora na altura ela tenha posto um pouco de lado, ela naquela altura queria ver a minha auto-avaliação depois de ter tido a conversa com ele, podia ter sido mal por acaso correu bem, porque ela aceitou a nossa avaliação, mas podia ter corrido mal, ela podia ter posto em dúvida aquilo que nós realmente tínhamos feito ou não tínhamos feito e era complicado, eu não sabia muito bem como é que me havia de safar desta, vá lá que correu bem e pronto, o que eu disse à professora

no final é que era interessante ela ir lá mais vezes durante o estágio, se calhar ficar lá um pouco para ver como é que as pessoas realmente estão a funcionar no estágio, porque é ela que vai dar a nota e aquele tempo que não está lá ela tem que acreditar na palavra do enfermeiro e então aí há duas soluções, uma é a nota de estágio é a que o enfermeiro dá, porque não vale a pena nós estarmos a ter uma nota diferente da que o enfermeiro dá se o nosso professor nem sempre lá vai, ela vai-me avaliar pelo processo de enfermagem?, não pode ser! Agora a nota do enfermeiro tem que ser a nota do enfermeiro, não pode baixar muito.

Entrevistador: O processo de enfermagem acaba por ser um trabalho, não é, é um trabalho?

Entrevistado 2: Exactamente, aí poderá haver uma fórmula em que o processo de enfermagem e todo o material teórico que nós damos à professora tem um valor, a nota do enfermeiro tem outro valor e faz-se a fórmula e dá a média. Agora como eles fazem que é o enfermeiro dá uma nota e depois têm uma reunião de estágios com todos os professores e no final atribuem uma nota a cada aluno, é subjectivíssimo não é, uma pessoa pode sair lá com um dezoito como eu já tive no estágio do segundo ano e eu chego à pauta e tenho um dezasseis, que é isso! ,é muito mau!

Entrevistador: O enfermeiro do serviço viu o teu trabalho?

Entrevistado 2: Viu

Entrevistador: E não teve uma ponderação no trabalho escrito?

Entrevistado 2: Teve, aliás a nota que nos deu depois em termos de capacidade teórica e capacidade escrita, de registos, etc, essa nota também foi já a contar com o nosso processo e com os incidentes críticos e tudo isso, não sei até que ponto a professora aqui poderia ter alterado a nota, ela não alterou, mas ela podia ter alterado.

Entrevistador: Como nesse estágio de segundo ano, não é?

Entrevistado 2: Exactamente

Entrevistador: Já passaste por vários estágios, consegues me dizer, qual foi o estágio que mais gostaste e porquê e o estágio que menos gostaste e porquê? E se quiseres dar um exemplo de uma situação que se tenha passado tanto num como noutra podes dar

Entrevistado 2: Vou começar pelo que menos gostei. O estágio que menos gostei foi um estágio de primeiro ano em que fui estagiar para o hospital x, não posso dizer, entretanto estava lá a estagiar e no primeiro ano foi um bocado complicado porque éramos alunos que ainda estávamos a pensar se calhar deixar enfermagem para iniciar Medicina e não éramos muito bem vistos pelos professores. Por isso a nível de avaliações a professora chegava lá e enquanto os outros alunos tinham avaliações de dez quinze minutos, eu tinha autênticos exames teóricos de duas horas. No primeiro exame teórico eu não estava muito preparado, nunca tinha tido nenhuma avaliação de estágio e acabei por não estar preparado, nos outros acabei por estar preparado e sempre me saí. Agora, este estágio foi completamente anti-pedagógico, na medida em que numa das minhas avaliações a professora chegou lá e estava com o dossier, manda o dossier para cima da mesa e uma das palavras dela foi: estou farta desta merda! Para um aluno de primeiro ano que nunca tinha estagiado, é assim foi um bocado mau, o meu pensamento foi ok estou chumbado, vamos lá ver o que é que vai sair daqui mas eu estou chumbado completamente. Uma chega lá e começa-me a dizer que a minha avaliação da minha enfermeira tinha sido positiva, ao contrário da avaliação dela, porque acha que o meu estágio não foi nada de especial quando ela realmente nunca lá esteve à excepção do primeiro e do último dia e foi complicado, eu acabei por ter uma nota minimamente razoável, acho que tive quinze no primeiro estágio, catorze, já não me lembro muito bem, mas foi complicado por causa dos professores, eu acabei por não gostar nada do estágio pela professora, ela não tinha iniciativa nenhuma para eu gostar, aliás a posição dela era mesmo eu chumbar e foi complicadíssimo já imaginava a pegar numa cadeira e espetar com a cadeira na professora, era impossível, eu passava lá horas, completamente horas de tortura, mas porquê, um aluno do primeiro ano estar num estágio e ter duas horas a perguntarem-me tudo o que eu tinha dado no primeiro ano inteiro tanto de paradigmas de formação, história de enfermagem, de Virgínia Henderson.

Entrevistador: O primeiro estágio era de observação?

Entrevistado 2: Não, o nosso primeiro estágio não é de observação, nós acabamos por prestar cuidados aos utentes, mas é um pouco mais relacional, algumas técnicas, administração de medicação, percebes, é limitado, tudo o que são técnicas invasivas, endovenosas não podemos fazer porque não temos muitos conhecimentos, é assim um pouco limitado, é mais de observação, mas já com alguma interação e detestei aquele estágio e ainda hoje, por acaso agora dou-me bem com essa professora, já passaram alguns anos e uma vez tive uma conversa com ela de café em que lhe disse que foi à custa dela que estava quase a desistir de enfermagem e ela realmente depois pediu-me desculpa e disse-lhe é assim, é que é preciso ter cuidado que os alunos de primeiro ano são pessoas que não sabem onde estão, são pessoas que são sensíveis a tudo o que se passa e acho que era necessário as pessoas terem um bocado mais conhecimentos pedagógicos de estágio, a nível da forma de estar, forma de falar, porque se realmente querem formar profissionais neste curso, eles próprios também têm que ser profissionais na avaliação e não foram.

Entrevistador: O que é que queres dizer com conhecimentos pedagógicos?

Entrevistado 2: Conhecimentos pedagógicos é a forma como as avaliações são feitas, a forma como eles se apresentam ao aluno, a forma como falam com o aluno, porque a primeira impressão que nós temos de uma professora, não quer dizer que a professora chega lá e começa aos abraços e aos beijinhos, mas se a professora chegar lá e começar a falar connosco e a perguntar como é que nós nos estamos a sentir em estágio, dar muito mais importância ao como é que nós nos estamos a sentir, às nossas capacidades, do que propriamente nós termos conseguido tratar de cinco doentes, quatro doentes ou três doentes, porque no primeiro ano o essencial é nós conseguirmo-nos sentir bem no estágio e conseguirmos adquirir confiança naquilo que estamos a fazer e naquilo que estamos a aprender e não tanto pôr-nos à prova os paradigmas de formação ou de história de enfermagem, quer dizer nós como profissionais de certeza, eu já não me lembro da história de enfermagem e dos paradigmas de formação, quer dizer e não me tenho me safado nada mal nos estágios e acho que eles devem ser mais objectivos na avaliação, terem conhecimento da realidade que não têm pelos anos que já dão formação naquela escola e

Entrevistador: Achas que eles estão completamente afastados da prática? Qual é a tua opinião?

Entrevistado 2: Estão completamente afastados da prática muitos professores, houve uma situação muito caricata há pouco tempo, há duas semanas, aliás foi quando estive lá na escola, em que nós tivemos duas professoras em que uma das professoras disse que uma punção venosa tem que ser feita com luvas esterilizadas porque é uma técnica asséptica e outra professora à nossa frente disse, mas porquê? Eu não estou a perceber, é uma técnica asséptica realmente, porque nós não podemos, mas eu não vou pensar que uma pessoa quando vai fazer uma punção venosa que vai tocar na agulha, há princípios que têm que ser, agora não tem cabimento nenhum e são estas transformações que eu no primeiro ano aprendi que a punção venosa era com luvas esterilizadas e hoje em dia não faço com luvas esterilizadas, faço com luvas para me proteger a mim, desde que eu cumpra os princípios da assepsia na punção venosa não tenho que usar luvas esterilizadas e isto é um exemplo que ridiculariza muito a falta de realidade que os professores têm e eu já fui gozado por colegas meus de trabalho quando às vezes falo de técnicas que são dadas na escola, como o garrotamento dos membros no edema agudo do pulmão como uma manobra chamada x , que eu falei disso a um neurologista que já tem quase trinta anos de trabalho e é uma prática que é usada na neurologia e ele nunca ouviu falar e a mim deixa-me a pensar, mas ok que preparação é que eu estou a ter?, será que estou a ter uma preparação de história de enfermagem, ou estão a preparar enfermagem para ser um profissional, há professores que tentam manter-se um pouco na realidade de enfermagem hoje em dia, mas é difícil porque eles não têm a prática.

Entrevistador: Eles trabalham?

Entrevistado 2: Nenhum deles trabalha, nenhum deles trabalha em enfermagem e é complicado, quando não se trabalha por muito que uma pessoa leia é tudo muito teórico, eles não sabem como é que funciona já na realidade e nós tivemos um suporte teórico vamos para realidade somos confrontados com certas rotinas de trabalho, com certas formas de desenrascar que é mesmo assim a palavra e nós ok eu não posso fazer isto porque tenho estes conhecimentos e vou tentar criar, vou tentar contornar um bocado aqueles princípios da assepsia até chegar ao meu objectivo e é, neste estágio por exemplo um sistema de soro que estava estragado e a minha enfermeira disse espeta

uma agulha e eu disse ok não vou espetar uma agulha, aquilo que fiz foi agarrar num sistema de soro e coloquei, estava estragado e fui agarrar noutra sistema de soro, aquilo não estava bom, acabei por conectar, são princípios que nós temos e que temos de nos regir por eles, agora não quer dizer que eu venha a utilizar luvas esterilizadas para fazer tudo, eu tenho é que pensar e isto é importante, ainda bem que me lembrei disto, uma pessoa tem que saber os princípios de assepsia, tem que ter conhecimentos teóricos, mas para adaptar essa realidade teórica à prática tem que pensar muito bem antes de fazer e daí termos essa capacidade de auto-crítica, de iniciativa que eles têm que conseguir incutir aos alunos, não vale a pena saber que em cardiologia, saber as medicações e saber que este traçado é assim, este senhor está a ter um enfarte inferior ou está, se eu não souber à partida, não é a medicação que está a administrar, ou porque é que eu tenho que fazer isto? em enfermagem, eu tenho uma obstrução da descendente anterior xpto, mas se eu não souber porque é que eu estou a administrar enoxiparina aquela pessoa, porque é que me vale a pena a mim saber que ele tem uma obstrução na coronária, há prioridades na aprendizagem como há prioridades no trabalho e é necessário num curso de quatro anos, de licenciatura conseguirem fazer perceber aos alunos o essencial que é há prioridades teóricas e nós temos que as saber, temos que as respeitar, saber contorná-las quando é necessário

Entrevistador: E achas que os enfermeiros que tens tido até agora como orientadores, têm conseguido desenvolver essa capacidade, para pensares, os enfermeiros do serviço?

Entrevistado 2: Muito poucos, muito poucos, tive boas experiências no terceiro ano que na escola x acaba por ser um terceiro ano que é mais descompressão, a pessoa está mais à vontade e isso dá-nos uma maior capacidade crítica e de evolução, porque nós estamos muito rígidos naquilo que fazemos, queremos ser super certinhos e não nos preocupamos com mais nada e depois acabamos por ser uma autêntica borrada.

Mas, por exemplo no segundo ano era incrível, eles davam muito mais importância aos processos de enfermagem e como é que nós vamos fazer os processos de enfermagem segundo Virgínia Henderson, porque tem as catorze NHB, que eu acho importante, mas se calhar não davam tanta importância à nossa capacidade de priorizar o nosso trabalho em enfermagem, de nós conseguirmos relacionar todos os sintomas da pessoa e chegar ao objectivo de ok ele tem este diagnóstico, esta doença, porque apresenta este e este sintoma e isto vai interferir assim, saber como é que funciona, saber porque é que serve

a medicação e não estar a decorar, eu conheço pessoas que conhecem a medicação de um estágio porque decoram, mas quando é para relacionar, ok serve para isto mas não funciona com outra medicação, ou não funciona com aquela patologia e acabas por formar pessoas como o professor x diz que são autênticos tarefeiros, ok vamos aqui fazer uma punção venosa, vamos fazer uma punção venosa, agora tenho que dar heparina a esta pessoa, acaba por não ter continuidade de nada, acaba por entrar às oito e sair às quatro e faz-se aquilo que se tem a fazer muito certinho, mas não se percebe aquilo que se está a fazer e quando as coisas correm mal, numa situação de emergência as pessoas param, porque aquilo sai da rotina normal e a capacidade de um raciocínio lógico não está desenvolvida e é complicado, vejo colegas meus que já saíram, estão no mercado de trabalho em que não têm uma capacidade de raciocínio lógico, eu oiço colegas meus que já saíram há dois anos do curso teórico, a dizerem que o grupo sanguíneo de uma pessoa pode mudar, é assim não tem lógica bastava pensar um bocado, é pá é um pensamento lógico e chegava à conclusão que não, faz-se tipagem, porque pode haver anticorpos ou pode haver alteração de vários grupos, mas o grupo ABO não muda, quer dizer não tem lógica.

Entrevistador: Diz-me uma coisa, falaste no professor que gostaste menos, o estágio que gostaste menos relacionaste com o professor e como é que era o enfermeiro orientador? Fez com que não gostasses do estágio ou não?

Entrevistado 2: O meu enfermeiro orientador nesse estágio era um pouco suigeneris, ele era um pouco disponível, no entanto tanto era uma pessoa que conseguia demonstrar um espírito aberto para falarmos, para discutir, como também era aquela pessoa que andava sempre atrás a ver se eu fazia qualquer coisa de mal. No final do estágio acabámos por ter uma conversa e eu apontei essa crítica, porque eu acho que não é necessário andar sempre atrás, é óbvio que no primeiro ano não temos prática nenhuma, é preciso uma supervisão, mas agora andar sempre atrás, a ver tudo, se eu faço aquilo bem, se eu dou banho bem às pessoas, se eu faço os cantos da cama como nos ensinaram no primeiro ano, quer dizer acaba por não ter muita lógica, porque é assim eu durante os meus estágios todos nunca fiz cantos na cama como aprendi na escola e este enfermeiro não sei se foi muito por interacção com a professora e que ela lhe incutiu um pouco essas rotinas, essas regras, mas também era uma pessoa que não estava muito à vontade e depois acabou por se gerar que aquele estágio também não valia a pena, era

mesmo para esquecer. Quando acabei o estágio dei graças a deus, ok espero que nunca mais nenhum seja como este, porque foi mau, porque tanto o próprio enfermeiro como o professor. Os estágios também são sempre em má altura, porque são perto das férias do Verão no primeiro ano, muitos dos enfermeiros estão de férias, o serviço está sobrecarregado de pessoas que vêm de férias grandes e isso tudo, nós não temos tempo para falar com os enfermeiros, é um estágio quase às três pancadas, no final do estágio nós já estamos em vês de estarmos a aprender com os outros enfermeiros, então no primeiro ano, como é que se faz as técnicas, como é que a pessoa consegue desenvolver a sua capacidade relacional, quer dizer acabar por construir e desenvolver algumas limitações que tem, não chegamos lá, já sabemos algumas rotinas e estamos de certa forma a aliviar um bocado o trabalho dos enfermeiros, porque aquela altura é má, porquê, porque não há enfermeiros, é uma altura de férias, está sobrecarregado, não tem lógica, quando podia ser algo que podia ser alterado, não sei, fazer o primeiro ano teórico e no segundo ano começar o estágio mais cedo, quer dizer há várias alturas, não sei.

Entrevistador: E qual foi o estágio que gostaste mais?

Entrevistado 2: O estágio que gostei mais, é um pouco complicado, porque desde o segundo ano que comecei a gostar realmente dos estágios. Se calhar o estágio que eu gostei mais até agora, foi mesmo o estágio de psiquiatria do quarto ano, é verdade, porque o estágio fez-me ultrapassar todas aquelas minhas expectativas, eu não sabia o que é que eu ia sentir. Cheguei lá comecei a adorar mesmo pela equipa de enfermagem, comecei a adorar aquele estágio, comecei a interessar-me por Psiquiatria, acabei por comprar vários livros de psiquiatria e foi espectacular.

A professora deixou-nos super à vontade o que também ajudou, foi a nossa proposta de contrato de trabalho, foi o terem nos valorizado por aquilo que realmente estávamos a fazer e nos darem um feedback positivo. Quer dizer não houve, eu não consigo durante aquele estágio todo apontar um ponto negativo, eram pessoas que tinham uma noção da realidade espectacular, porque estar num estágio e não conseguir aguentar uma doente é impensável e esse enfermeiro chegou ao pé de nós e disse: é impossível vocês gostarem de todos os doentes, eu tenho que ser profissional com todos os doentes, mas eu há doentes que eu não consigo aturar, eu não consigo e vocês não conseguem aturar alguma pessoa é perfeitamente normal. Então tive uma conversa com esse enfermeiro

em que disse que eu não consigo aturar este doente porque ele é chato, já não aguento, eu dizer isto num estágio era impensável, quer dizer iam logo contar à professora, ele não gosta desta pessoa, ele não vai ser bom enfermeiro e não sei quê, lá está foi um estágio em que nos deixaram tão à vontade e nos tratavam já como profissionais, em que chegavam a certas alturas a perguntar-nos certas coisas de farmacologia e de patologias cardíacas etc, eram pessoas que já estavam em psiquiatria há muito tempo e acabavam por ter muita experiência de psiquiatria, mas pouco do resto que se passa e perguntavam-nos, não tinham problema nenhum e nós explicávamos e quando nós precisávamos também lhes íamos perguntar, havia uma dinâmica espectacular que eu nunca tinha sentido e fiquei a adorar aquele estágio e vou adorar psiquiatria, embora eu ache que trabalhar em psiquiatria logo inicialmente é um pouco limitado porque nós, era estar a perder muito, inicialmente eu quero algo que desenvolva as minhas capacidades em termos relacionais, porque o estágio de psiquiatria é espectacular, mas em termos de tanto de técnicas, como de saber estar com o doente quer dizer com o doente não porque também são doentes em psiquiatria, mas com pessoas com complicações cardíacas ou com complicações, lá está é a teoria, a teoria que uma pessoa não pode perder e a nossa destreza manual e por mais importância que a pessoa dê à capacidade relacional, a destreza manual e os nossos conhecimentos teóricos, fisiopatológicos são muito importantes, era estar a perder tudo, se não ia trabalhar para psiquiatria, era espectacular.

Entrevistador: Diz-me uma coisa, falaste nos estágios que gostaste mais e nos estágios que gostaste menos, queria que me disseses qual o enfermeiro que até agora foi para ti o melhor enfermeiro orientador e o pior enfermeiro orientador, o menos competente para ti como orientador? E porquê? Quais são as características que cada um deles tinha?

Entrevistado 2: O melhor enfermeiro orientador que eu tive até agora foi no segundo ano, quando eu fui estagiar para o hospital x, em que tive em Medicina. A enfermeira era espectacular, para já porque era uma enfermeira que era objectiva, era uma enfermeira que tinha conhecimentos sobre tudo, ela obrigava-nos a relacionar tudo aquilo que nós fazíamos, do porquê, estava sempre a perguntar, não para desvalorizar, ela não tinha esse tipo de, mas para nos fazer perceber porque é aquilo se fazia assim, ela ensinou-me tanta coisa que eu uso hoje em dia e nunca e espero nunca deixar de

usar, tinha-mos coisas que nunca me ensinaram na escola e que era importantíssimo, ensinarem-nos como algo extremamente simples que é quando se faz a avaliação de uma glicemia capilar ela fez-me uma pergunta que é: e em que dedo é que se faz a avaliação da glicemia capilar? e eu respondi: pelo que aprendi é em qualquer um e ela disse: pode-se fazer em qualquer um, mas agora pensa: uma pessoa com diabetes quais são as complicações futuras que ela pode ter? uma dessas complicações pode ser mesmo a capacidade visual e os dedos com maior capacidade sensitiva são o médio, o indicador e o polegar e se tu vais estar a picar diariamente esse dedo ele vai estar a perder essa capacidade sensitiva logo tenta sempre picar os últimos dois dedos, quer dizer são coisas pequenas mas que nos fazem perceber o porquê dos porquês e lá está é aquela capacidade racional que me fez crescer muito nesse estágio, foi espectacular e percebi que muitas das técnicas que eu fazia e o porque é que fazia e porque é que eu fazia assim, que nunca foi explicado na escola e naquelas cinco semanas, tive pena de não ser muito mais tempo, porque se lá estivesse mais tempo mais ia aprender, é espectacular e é isso que realmente interessa num estágio, este estágio para mim a orientadora foi espectacular.

Em relação ao pior estágio foi o estágio que eu tive no terceiro ano, de puerpuras, em que foi tão mau que foi o primeiro ano que fizeram lá estágio e foi o último, aquilo era, as enfermeiras que trabalhavam lá eram enfermeiras já reformadas da X e estavam lá numa de ganhar mais uns trocados e não faziam rigorosamente nada, nós fazíamos manhãs, tardes e noites e nas noites era: Vocês vão ficar acordados não vão, então olhem nós vamos dormir e acordem-nos às sete, isto eram onze da noite. A medicação da noite era: então a senhora está com dores? não, mas olhe tem aqui um Nalotil que é para descansar melhor, do estilo, toma lá aí o Nalotil, durmam a noite inteira, que a gente não se quer chatear, quando vinham, aquilo era um serviço de urgência de puerperas, quando chegava alguém às três e quatro da manhã em trabalho de parto nós íamos acordar as enfermeiras e elas vinham mandar vir connosco por as termos acordado e a dizer se isto era hora para ir parir. Lá está ainda bem que estava no terceiro ano, porque já tinha desenvolvido alguma capacidade de deixar de lado muitas das afirmações que as enfermeiras fazem e de realmente realçar aquilo que era importante para mim neste estágio, passar um pouco ao lado daquela enfermeira, sempre lhe respondi bem. O estágio correu bem, acabei por ter uma boa nota no estágio, mas em termos de enfermagem não sei, aquilo não era enfermeira nenhuma, ela estava lá só para passar o tempo.

Entrevistador: O que é que aprendeste com esse estágio?

Entrevistado 2: Nesse estágio o que eu aprendi foi com a equipa médica, lá está é o interesse de cada um, a melhor parte do dia era quando havia consulta médica e eu perguntava sempre aos médicos porque é que isto era assim, porque é que não era, tanto que nos partos que assisti perguntava ao médico para me ir explicando aquilo que ele estava a fazer e acabei por perceber toda a dinâmica do parto, o que é que acontecia, relacionar toda a medicação que era dada à posteriori, quer dizer em termos de orientação de enfermagem foi zero, o pessoal não ajudava, eu às vezes saía de lá uma noite inteira em que tinha que acordar as pessoas duas ou três vezes e passava a noite a ouvi-la, porque não sei quê, nã nã, nã, a mandar vir, a mandar vir, a mandar vir, não acho isto normal! quer se reformar, vá-se reformar, mas pare de me chatear.

E depois tive a sorte de a professora desse ano, era uma professora do terceiro ano espectacular, era uma professora que já tinha trabalhado na x e tinha conhecimento da realidade das puerperas, disse para nós tirarmos ao máximo aquilo que conseguíssemos e chegou ao final a minha enfermeira que me estava orientar não sei porquê mas deu-me boa nota, nunca viu nada, a professora que estava connosco concordou, falou connosco para a gente fazer uma avaliação daquele estágio e nunca mais foram para lá alunos estagiar.

Entrevistador: A vossa professora sabia o que é que se passava nesse estágio, vocês estavam à vontade para lhe dizer?

Entrevistado 2: Exactamente, lá está é aquela atitude pedagógica que eu estava a falar à pouco, ela chegou lá com uma posição extremamente à vontade e nós tivemos aquela intimidade com a professora para chegarmos lá e dizer que aquilo estava a correr super mal em termos de enfermagem, que não era equipa de enfermagem nenhuma, também tivemos a sorte de ela conhecer alguns elementos que estavam a trabalhar lá, saber como é que elas eram e pronto acabou por correr bem em termos da avaliação, aprendizagem eu acabei por aprender muito neste estágio, mas foi por iniciativa minha e não da equipa de enfermagem, mas sim a equipa médica e pronto e correu, passou o tempo e foi, mas foi horrível, de enfermagem aquilo não é nada.

Entrevistador: Imagina que tinhas todo o poder do mundo, que eras chefe, normalmente são os chefes que seleccionam orientadores, quais eram os critérios que utilizavas para seleccionares um enfermeiro orientador? Tinhas uma série de enfermeiros orientadores tinhas que seleccionar um, o que é que para ti era importante, que características aquele enfermeiro deveria ter para orientar um aluno?

Entrevistado 2: É assim uma pessoa quando está a trabalhar com outra acaba por ter uma conhecimento dessa pessoa num todo e eu acho que o importante de uma pessoa que irá estar com alunos, para já é uma capacidade de expressão boa no mínimo, depois é a relação que ela tem com os outros profissionais, tem que ser uma pessoa que trate bem os outros profissionais, que não cause atritos, mas aquela pessoa muito sisuda com os outros profissionais vais ser pior com os seus alunos, não tem paciência. Tem que ser uma pessoa que seja prática, que seja objectiva, que não ande a passear como diz o outro, tem que ser uma pessoa organizada naquilo que faz, tem que ter conhecimentos e tem que demonstrar, porque nas passagens de turno uma pessoa demonstra muito aquilo que sabe da forma como passa o turno e tem que ser uma pessoa que consiga saber o porque é que está a fazer e porque é que ele está assim e ter conhecimentos teóricos bons para trabalhar e tem que ser uma pessoa que dá uma palavra de escola, tem que ser uma pessoa que saiba cuidar, não é uma pessoa que está lá a trabalhar que tem conhecimentos de teoria, mas que relativamente ao relacionamento com a equipa multidisciplinar e a equipa, o relacionamento com os doentes é daquelas pessoas que está lá, mas não está lá, faz o trabalho dele, mas não convive com ninguém, vai-se embora às quatro e meia e pronto acabou por ali o turno dele e eu acho que o que diz muito de uma pessoa quando eu chego a um serviço e eu vejo no meu enfermeiro orientador é como ele fala para os colegas, é algo que eu dou sempre muita importância, se eu vir que ele tem bom relacionamento com os colegas, sei que é uma pessoa aberta a relacionamentos e que vou conseguir falar com essa enfermeira orientadora .Se eu vir que é daquelas pessoas que não fala com os colegas, está lá faz o trabalho dela e chega ao final do turno passa o turno e não fica lá a falar, vai-se logo embora, quer dizer há ali qualquer coisa que não bate certo, uma pessoa que está a trabalhar em enfermagem e cria amizades e nota-se que os enfermeiros passam o turno ficam lá um pouco a falar com as pessoas que entram, às tantas ainda vão beber um café e depois é que se vão embora, quer dizer todas estas acções que fazem, que acabam por ser autónomas e inconsciente dizem-me muito à cerca de uma pessoa e isso é super importante.

Entrevistador: De tudo isso selecciona um critério, consegues? Só um o mais importante deles todos para ti?

Entrevistado 2: Aquilo que eu acho mais importante é a capacidade de auto-crítica, acho que é, se as pessoas tiveram capacidade de autocrítica, o saberem-se criticar a eles próprios aquilo que conseguem fazer e não conseguem fazer é meio caminho andado para serem óptimos profissionais. Uma pessoa que se preocupa a fazer auto-crítica é uma pessoa que se preocupa com aquilo que sabe e aquilo que faz e logo vai ser um bom profissional, eu acho que pensando assim rapidamente esse é um dos critérios

Entrevistador: Quais foram as competências, tu à bocado disseste-me que o estágio de integração à vida profissional visava essencialmente a tua autonomia, a crítica, que competências pensas que até ao momento desenvolveste para ser um bom enfermeiro? O que é para ti uma competência?

Entrevistado 2: Para mim uma competência é uma capacidade previamente desenvolvida ao ponto de nós conseguirmos pensar sobre ela, reflectir sobre ela e conseguir melhorar, isso é uma competência. Eu acho que até este ponto já consegui desenvolver competências, claro que numa fase ainda muito inicial, competências relacionais, principalmente no estágio de psiquiatria, desenvolvi competências de um raciocínio lógico, competências em termos do saber estar. Também uma competência que também acho que peca, que muitos enfermeiros e muitos alunos pecam um pouco que é pela, pelos conhecimentos, como é que eu hei de explicar isto, pelo conhecimento dos direitos e deveres de enfermagem, uma das minhas grandes preocupações mais no final deste curso foi saber qual era a posição de enfermagem na minha enfermaria e em qualquer sítio onde trabalhava e para isso e para conseguir às vezes explicar algumas críticas que me são dadas por alguns médicos ou pela equipa multidisciplinar nós temos que ter um conhecimento alargado daquilo que estamos a fazer e do porque é que estamos a fazer e acho que uma dessas competências é meio caminho andado para nós conseguirmos refutar muitas das coisas que às vezes somos acusados, se nós soubermos os nossos direitos e os nossos deveres acabamos por saber a nossa posição, às vezes recebemos grandes críticas por não sabermos exactamente qual é a nossa posição em que estamos e é espectacular. Há pessoas que dizem que os enfermeiros são os capatazes dos médicos e digo-lhes: é assim tu tens essa opinião, mas se fores ver um

pouco aquilo que tu fazes e aquilo que tu podes fazer em termos de enfermagem vais ver que não é bem assim, é óbvio que se tu queres prescrever e se queres diagnosticar estás no curso errado, agora se tu realmente te interessares por algo simples, por prevenção primária, tanta coisa, vais sentir que estás na profissão certa e estás na tua profissão.

São várias competências que eu acho que nesta altura, quando acabar o curso vou ter uma licença para aprender e espero desenvolver essas capacidades que à priori, eu sei que já desenvolvi um pouco, mal fosse meu se não as desenvolvi desde o primeiro ano, mas já desenvolvi um pouco e vou entrar para o mercado de trabalho e vou estar como se estivesse no primeiro ano de faculdade, vou estar a aprender tudo daquela especialidade, vou estar a aprender a saber estar naquele serviço, também não é um saber estar sem dinamismo, não é aquele saber estar ok colo-me às rotinas do serviço e faço aquilo que eles fazem não, mas é lá está é um saber dinâmico, é assim é entrar naquele serviço, dar-se com as pessoas, tentar mudar aquilo que acha que não está assim tão bem, eu sei que é muito, é daquelas coisas que a pessoa diz e é super complicado, mas lá está mesmo que não se faça nada mas desde que não se perca este sentido, que se vá fazendo algo, formação em serviço, coisas espectaculares que acabam por dar um trabalho, mas nós sentimos muito feedback dos outros enfermeiros e sentimos que estamos a contribuir para a melhoria daquele serviço, pá espectacular. Eu não me vejo a ser enfermeiro de outra forma, pode ser que eu daqui a cinco ou seis anos seja o contrário daquilo que estou a dizer agora, mas estou com esta preocupação e enquanto tiver esta preocupação fico um pouco descansado.

Entrevistador: Consegues pensar numa situação que tivesses tido, não é preciso ser com um enfermeiro orientador, por exemplo com um doente, que tenha sido difícil para ti. E o que é que fizeste para resolver essa situação? Não é preciso ser a mais difícil, uma situação assim complicada, até pode ser neste estágio

Entrevistado 2: É assim eu acho que uma das situações que eu tive complicada foi no serviço de Medicina no hospital x, em que acabamos de passar o turno, fomos à visita médica, aquelas rotinas normais e depois foi-me dado um doente e eu cheguei lá ao pé da pessoa e comecei a falar com ela, a ver os sinais vitais dela para ver que tipo de pessoa é que tinha para tratar, cuidar, quando me começaram logo a dizer que esta pessoa tens que ir, algaliar, tens que puncionar, tens que na na, na, na, na. Cheguei lá ao

pé da pessoa e disse é assim eu sou aluno de enfermagem etc. e que ia fazer isto assim, assim, assim e ele disse, sim mas eu não sou nenhuma cobaia por isso não vai fazer nada e eu expliquei eu sou aluno, está aqui a enfermeira ao meu lado, obviamente que eu sei o que estou a fazer, falta a experiência que esta enfermeira tem, agora se o senhor não quiser, mas você não vai estar aqui a experimentar nada em mim, fiquei um pouco. Foi complicado ao início e fui pensar para casa qual era a forma que eu poderia ter para conseguir ganhar confiança daquela pessoa, não consegui arranjar nenhuma fórmula e acabou por ser inicialmente uma frustração incrível, eu não consegui ganhar a confiança daquela pessoa. Até que chegou um dia uma familiar que começou a falar com o senhor, estava com essa familiar comecei a falar com ele e tive lá na conversa com eles e sem dar por mim fui a pouco e pouco fui ganhando confiança desta pessoa e foi espectacular, porque a partir daí sempre que precisava de ser auxiliado chamada por mim e foi espectacular, foi uma pessoa extremamente complicada ao início tanto que eu deparei-me com ok aquela pessoa vai acabar por ser cobaia porque estou a experimentar, quer dizer eu sei o que estou a fazer em termos teóricos, tenho alguma experiência, mas eu sei que vai ser a primeira vez a fazer, podia não correr bem por alguma razão, agora foi complicado e então no segundo ano em que a pessoa tem aquela

Entrevistador: Já estás inseguro e depois quer dizer

Entrevistado 2: Chega lá e depara-se com uma pessoa, tenta não demonstrar aquela insegurança mas há sempre algo que passa e aquela pessoa deu conta e disse logo que não ia ser, eu fui sincero com o senhor disse que era aluno, há muita gente que diz que não vale a pena dizer que é aluno, porque as pessoas não deixam, quer dizer nós estamos a enganar eu acabei por dizer que era aluno, ele não tinha confiança, consegui ganhar a confiança daquela pessoa e consegui prestar cuidados àquela pessoa, a mim foi muito melhor assim do que ter entrado, não dizer nada que era aluno e ter feito aquilo e passava como um doente normal que nunca mais me ia lembrar dele e é uma pessoa que lembro-me muitas vezes do que ele disse e realmente tem razão, as pessoas são sujeitas a estagiários todos os dias e os estagiários acabam por ser as pessoas que mais técnicas fazem no serviço, porque são pessoas que precisam de ganhar experiência e então é complicado para as pessoas e agora vou ser cobaia, às vezes há aqueles que pensam que vão ser cobaias mas deixam fazer ou não querem gerar aquele mau ambiente no serviço,

têm medo não sei, outras pessoas não, não querem ser cobaias não são cobaias não se faz nada e depois foi complicado.

Entrevistador: Na altura falaste com a enfermeira?

Entrevistado 2: Falei com a enfermeira e ela disse-me assim, para não levar a mal, pensar naquilo que aconteceu, para reflectir, mas para não levar a mal a pessoa que era super normal, para me colocar na posição da pessoa e pensar que tinha uma pessoa que estava há dois anos a estudar enfermagem e que me ia enfiar um tubo pela uretra acima e que doía e que ia estar a magoa-la e dói e é complicado e especialmente depois reflecti e apercebi-me daquilo que senhor me tinha dito e se fosse eu não queria.

Entrevistador: Achas que a escola vos prepara para essas situações?

Entrevistado 2: Nada, nem pouco mais ou menos. As escolas de enfermagem estão é assim, é um paradoxo incrível, a escola de enfermagem preparam tarefeiros, basicamente é, é horrível porque nós temos várias disciplinas, o que é que a pessoa pode ter, o que é que tem que fazer naquela situação e estamos sempre preocupados com o relacionamento com o doente, não se pode chamar, como é que era, não se pode, por exemplo, agora não é o doente psiquiátrico, mas é uma pessoa com doença psiquiátrica, mas depois quando nós chegamos aos exames que é aquilo que realmente nos avalia, o relacional zero, as perguntas que nos fazem é : numa situação de trombocitopénia quais são os cuidados de enfermagem? Nós tum, tum, tum, tum, tum. Nós temos alguns professores que nos dão uma achega um pouco mais de cuidar, mas depois chegamos ao estágio em que nós podemos ali demonstrar que sabemos cuidar, mas aquilo que eles querem saber é como é que nós tratamos as pessoas, nós temos conhecimentos teóricos sobre a medicação que é importante, mas não chega, há alguns medicamentos chamados medicamentos, como é que era os efeitos placebos que acabam por ser um pouco a nossa capacidade relacional com a pessoa, se nós conseguirmos que aquela pessoa se sintam bem no serviço onde está a recuperação será muito mais rápida e se eles não nos preparam para ter essa capacidade relacional nós vamos tratar uma pessoa e entramos calados e dizemos bom dia senhor Manuel, fazemos aquilo que temos a fazer, se ele precisa de alguma coisa, se está tudo bem, então até já, se precisar de alguma coisa diga, isso para mim não é nada e a escola não nos prepara para ter essas conversas com as

peessoas, é super difícil e eu era uma pessoa que em termos relacionais sou uma pessoa que não me dou à partida com as pessoas, sou simpático e respeito as pessoas, mas não me considero amigo das pessoas por estar a falar com elas três ou quatro vezes e chegar ao pé de uma pessoa e falar com ela como se fosse uma pessoa querida para mim e ser simpático custou-me ao início, tive que desenvolver essa capacidade, mas tive que desenvolver à custa de lá está de pessoas que foram cobaias, em vez de nós, ok nós estarmos na escola e fazíamos roll plays, é sempre diferente, mas despertavam para algumas técnicas de comunicação, formas de abordar a pessoa, formas de iniciar conversas, tanta coisa quer dizer que não nos é explicado à partida, nós chegamos ao pé das pessoas

Entrevistador: Mas têm psicologia?

Entrevistado 2: Sim, só que essa psicologia lá está é em termos de patologias, não é relacional e nós numa enfermagem cada vez mais virada para os cuidados continuados e cada vez mais prevenção primária e relacional e numa escola em tempo real em que aquilo que nos dão é psicofarmacologia e psicofisiologia, patologias e essas coisas assim e relacional, conversa com o doente que é super importante não fazem nada, em estágio é assim tudo bem nós estamos em estágio, mas aquilo que me falam de respeito por um doente, que respeito é que eu estou a ter por uma pessoa quando eu não vou preparado para ter uma capacidade relacional com um doente da escola. Bom, uma pessoa às vezes sente-se mal e eu sinto-me mal quando estou ao pé de alguém que estou a trabalhar com ele e não fala, temos aquela conversa de bom dia, boa tarde e vou-me estar a despir à frente de uma pessoa que nunca me viu, as pessoas ficam completamente nus tanto psicologicamente como fisicamente à nossa frente e eu estava lá numa de bom dia ok vamos tomar banho, a pessoa ficava completamente nua ali e depois voltava a vestir e prontos e agora sinto-me um bocado mal por aquilo que fiz passar as outras pessoas, porque não tinha essa capacidade desenvolvida, teria sido muito mais simples, muito mais, como é que eu hei-de dizer, muito mais calmo, não é, não ficarem tão ansiosos com uma conversa até podia perguntar sei lá se gostava de, se tinha visto a telenovela, qualquer coisa assim e naquela timidez inicial que é normal num primeiro estágio que não é desenvolvida e as pessoas são cobaias e agora sinto-me um pouco mal com aquilo que fiz passar aquelas pessoas e já tive conversas com

professores que eles dizem que ah isso é muito difícil mudar, ok é difícil mudar, mas se toda a gente pensar assim nada muda e vai acabar por ser sempre a mesma coisa.

Um dos objectivos do estágio do primeiro ano é ok vamos avaliar a vossa capacidade relacional, como é que eles são capazes de me avaliar qualquer coisa que à partida não, não tem lógica nenhuma não é, é um contrasenso e enfermagem, o curso de enfermagem, a prática de enfermagem é um contrasenso total, não há, o curso de enfermagem é um curso de quatro anos, chamam integração à vida profissional que eu chamo mais um pouco como um bocado de chouriço, nós podíamos ter estes quatro anos muito mais desenvolvidos em termos teóricos, porque nós em enfermagem se não for o nosso interesse em estudar por fora nós não sabemos nada de nada, não nos é, nós não conseguimos relacionar, são blocos partidos e depois acaba por ser daqueles cursos que nós temos muito estágio é óbvio, mas teóricos nada e chegamos ao último ano há uma coisa que se chama de integração à vida profissional que a maior parte dos estágios aquilo que nós fazemos é tirar trabalho aos enfermeiros. Uma das minhas opiniões e por acaso dou-me bem com os professores da escola e falo com eles que é, porque é que o quarto ano não tem um período de estágio, juntar o terceiro e quarto ano num período de estágio só de um ano e no terceiro ano um período teórico, nós temos quatro meses de período teórico em termos de doenças de adulto idoso em que eu gostava de saber como é que em quatro meses eles me conseguem explicar e eu consigo aprender as patologias em termos do adulto e do idoso, é impossível, os médicos têm tantos anos, têm seis anos quase teóricos não sabem, nós em quatro meses temos que saber? quer dizer é impossível e o estágio é importante, mas eu acho que devia ser mais intenso e menos tempo, nós temos um estágio de integração à vida profissional de Novembro até Junho ou até Julho, não sei, devia de ser um estágio muito mais intenso, se eu tivesse por exemplo nove semanas de Cuidados Intensivos agora em que eu estou aqui a aprender e estou a desenvolver capacidades, mas paro numa altura crucial que é aquela altura em que eu já me estou a sentir mais à vontade, consigo ter um melhor relacionamento com a equipa e consigo já puxar muito mais coisas para mim e aprendi muito mais, não ao fim cinco semanas paro e vou para outro sítio e tenho que voltar tudo de início. Depois, temos integração à vida profissional de dez semanas de Centro de Saúde que eu acho uma estupidez autêntica, nós já passamos por todas as valências que eu vou trabalhar em Centro de Saúde eu já passei por elas e é um contrasenso, nós estamos a trabalhar novamente na Saúde Infantil ok, Saúde escolar é espectacular, mas agora integração à vida profissional do quê?, o que é que eu adquiero?, vou ver o estágio com olhos

diferentes é lógico que vou ver, agora se calhar não era mais importante alargar um pouco o nosso estágio, chamado o estágio de Projecto Profissional que é aquilo que nós realmente queremos fazer, alargar um pouco mais, não termos dez semanas de centro de saúde e termos mais de sete semanas de projecto.

Entrevistador: Vocês tiveram pedagogia do projecto no quarto ano não tiveram? A pedagogia por projecto tem como base aquilo que o aluno quer, portanto devia de ter em conta onde é que vocês gostariam de trabalhar, em que área ?

Entrevistado 2: Exactamente isso é para nós uma integração à vida profissional, eu realmente vou fazer um projecto um pouco diferente daquilo que eu vou querer fazer, eu vou fazer um estágio de projecto integrado numa equipa da Ami em Cabo Verde e lá está é daquelas oportunidades que vai ser espectacular fazer agora, só não vou fazer um estágio naquilo que quero realmente trabalhar, porque é assim, qual o significado de sete semanas? então eu antes quero fazer algo, quero ter a experiência e quero saber como é que é, o que é o voluntariado e vai ser extremamente importante para mim para desenvolver várias capacidades, estar num país sub-desenvolvido com as condições que eles têm deve ser um desenvolver de criatividade uma coisa maluca, não têm nada têm que ser criativos. E este estágio acaba por ser um tapa buracos quando não devia de ser, quando uma pessoa sai de uma licenciatura uma pessoa devia de sair deste curso minimamente preparado para ser profissional e eu acho que não vou sair preparado para ser profissional, que desenvolvi bases teóricas desenvolvi e algumas experiências em termos de prática, mas se me perguntarem se eu me sinto capaz para ser enfermeiro, sabendo o que é a enfermagem, não sou, não sou, há várias situações que me ultrapassam e ainda há várias capacidades como o saber, o estar num sítio e aperceber-me de tudo o que se passa à minha volta, que às vezes há profissionais já com seis, sete anos, também já conhecem a dinâmica do serviço é diferente, mas tudo o que se passa à volta, eles ok não estão a olhar para ali, mas estão a perceber o que se está a passar e com muitos doentes à volta, quer dizer é algo que eu não

Entrevistador: Mas isso é normal, vais adquirindo, é uma coisa que não podes exigir neste momento.

Entrevistado 2: Lá está, é essa confusão tão grande que ainda está na nossa cabeça de não saberem o que querem é que não é normal.

Se tu visses, depois podes pedir a alguém que vás fazer a entrevista, os critérios de avaliação que eles têm para este estágio de integração à vida profissional, nós temos estágio de psiquiatria, estágio de Unidade de Cuidados Intensivos e de Centro de Saúde, os indicadores são iguais para todos os três estágios e eu riu-me, é impossível eles me avaliarem da mesma forma num estágio de psiquiatria e de Cuidados Intensivos

Entrevistador: E os objectivos são iguais?

Entrevistado 2: Tudo igual, eles deram-nos logo no início do ano, um livrinho com os nossos objectivos de estágio, com os indicadores e tal, quer dizer eu perguntei onde é que estão os outros?, mas são três estágios, é tudo igual e a pessoa acaba por ok na vertente de relacionamento vou ter que alargar um pouco mais porque isso é Psiquiatria, nessa se calhar vou, não há objectividade na avaliação, não há nada e quando nós falamos de integração à vida profissional e o próprio professor não é profissional na avaliação, que é isto, não é!

Entrevistador: Já pensaste que muitos deles nem sequer tiveram formação em pedagogia?

Entrevistado 2: Já pensei, é assim lá está

Entrevistador: Achas que era importante eles terem?

Entrevistado 2: É assim um professor, se no Ensino Básico e no Ensino Secundário temos pessoas qualificadas para ensinar então no Ensino Superior em que é já muito mais complicado a gente devia de ter professoras o mais qualificadas para dar aulas, temos professores que realmente têm alguma capacidade para dar aulas que é do senso comum, há outras pessoas que desenvolvem as suas capacidades fazendo cursos e há professores que são tipo tapa buracos que é ok eu apetece-me dar aulas, fiz o mestrado, até gosto de dar aulas, vou dar aulas, mas jeitinho para dar aulas é nenhum, não é normal, mas eu sinceramente, eu entrei na escola x por ordem alfabética, não entrei em Medicina por décimas, entrei em Enfermagem numa de vou estar aqui, mas o que eu

quero é Medicina, lá ia às aulas etc, tinha as frequências, mas não ligava muito àquilo, cheguei a estágio comecei a gostar daquilo e comecei a dedicar-me mesmo a enfermagem, agora se eu pudesse voltar atrás eu não sei se teria escolhido esta escola novamente, porque é assim há tantas coisas que não interessam nem ao menino Jesus, que eles dão importância extrema, eu tive colegas meus a chumbarem em estágio porque estavam a falar durante a passagem de turno, eu gostava de saber em quantas passagens de turno que há neste mundo que não há enfermeiros ao lado a falar? é pá não tem lógica, eles preocupam-se com piquisses que não são importantes e depois há uma pessoa que se atrasa um ano na vida deles, aquela pessoa que tem uma pancada brutal por qualquer coisa, que se calhar já é uma frustrada porque houve uma professora que a lixou em relação aquilo também e ela também lixa os alunos por causa disso, não tem lógica e a escola x tem outra coisa que é a capacidade de e isso é mesmo, uma capacidade brutal de perseguir as pessoas, aquilo é sempre, sempre, sempre, sempre, eu e o Y, que é aquele colega que estava a falar à bocado e o C, nós éramos sempre os três últimos a sermos avaliados na reunião, porque éramos pessoas complicadas, complicadas porquê?, porque nós acabávamos por ter uma vida para além da faculdade, houve uma professora que chegou-nos a dizer que nós não tínhamos melhores notas na disciplina dela porque nós não estudávamos, fazíamos o teste com a nossa cultura geral. Eu não tenho problemas, aliás eu chumbei no segundo ano por causa disso, houve uma altura que estávamos a dar uma aula sobre Cardiologia e o professor deu uma parte da matéria e eu disse que não era assim e ela disse ah mas é assim e bate boca, entretanto eu passo-me completamente vou à biblioteca e trago o livro, oh professora desculpe lá mas leia, a partir daí fiquei chumbado até ao final.

Entrevistador: Gostas mais das aulas teóricas ou do estágio? O que é que significa para ti estar em estágio?

Entrevistado 2: É assim eu gosto mais, eu em termos das aulas teóricas eu gosto das aulas teóricas quando se relacionam com a prática, basicamente é assim, não me interessa ter uma aula teórica se eu não souber o que é que vou fazer com aquilo que me estão a dar. Uma aula teórica se for bem dada eu acabo por gostar muito da aula teórica e o estágio acaba por ser a aplicação dessa aula teórica, também não tenho assim, não posso dizer que gosto mais do estágio que das aulas teóricas, acaba por ser um complemento, claro que gosto muito mais de estar a trabalhar que estar a estudar, mas

eu também sei que tenho que estudar para poder trabalhar, então é aquele equilíbrio. A outra pergunta era?

Entrevistador: O que é que significa para ti estar em estágio?

Entrevistado 2: Estar em estágio para mim significa mesmo eu aprender a desenvolver, a conseguir ser enfermeiro, foi através do estágio que eu aprendi a gostar de ser enfermeiro. Dá-me um prazer imenso estar em estágio e sentir-me confiante naquilo que estou a fazer e também sentir-me valorizado por aquilo que estou a fazer e até agora tem sido assim, tenho sido valorizado, sobretudo neste último estágio que foi espectacular. É pá eu agora estou a fazer tarde noite, a fazer dezasseis horas e eu saio de lá com vontade de fazer manhã, por mais incrível que pareça, porque eu sinto-me super bem estar lá, já não tenho aquele problema eu estou a ser avaliado e não me sinto bem, não, eu estou lá, sou eu e faço as coisas, por acaso aquilo que fiz até agora até saiu bem feito e as pessoas gostam, o feedback é que estão a gostar do que é que eu estou a fazer e é espectacular e vamos lá ver se isto continua assim.

ENTREVISTA 3

Entrevistador: Olha vocês tiveram um estágio de Novembro a Dezembro, aquele estágio de integração, que pertence ao de integração à vida profissional, queria que me dissesse qual é a tua opinião global acerca desse estágio?

Entrevistado 3: De Novembro a Dezembro, eu não

Entrevistador: Podes te situar no estágio, se calhar é mais fácil

Entrevistado3: De Novembro a Dezembro deste ano?

Entrevistador: Foi o que acabaste antes

Entrevistado 3: Ah de intensivos, sim

Entrevistador: Qual é a tua opinião global acerca do estágio?

Entrevistado 3: O estágio correu lindamente, porque a equipa em si era jovem, porque estava muito aberta a estudantes, muito desperta às necessidades deles, muito, por exemplo um exemplo prático é que apesar de não serem meus orientadores se eu tivesse uma dúvida podia recorrer a qualquer um que qualquer um se mostrava disponível a explicar-me, mas com os maiores pormenores, do tipo podiam-me explicar o básico, olha isto é isto e depois podes perguntar à tua orientadora o que era, mas não, qualquer um deles dizia olha isto faz-se assim, assim, assim, porque isto, por aquilo, por o outro, mas se tiveres alguma dúvida, podes recorrer, é assim a equipa não é um bom exemplo, ou melhor, é um excelente exemplo, mas não é, por exemplo a exceção cultiva a regra infelizmente, mas este estágio foi espectacular, foi, senti-me super integrada, foi um daqueles sítios que eu acabei o estágio e disse: isto é um bom local para vir trabalhar!, mas correu lindamente, a equipa dava-se muito bem

Entrevistador: Disseste que a equipa era jovem, achas que a idade é importante por alguma razão?

Entrevistado 3: Não a idade, mas a motivação com que a pessoa faz as coisas, por exemplo eu a maioria das vezes tenho orientadores com quarenta e alguns e curiosamente apenas uma vez tive uma orientadora com trintas e poucos que era a primeira vez que orientava estágios e foi a minha pior experiência de orientação de estágios, porque todas as outras experiências anteriores que eu tive apesar da idade são pessoas acessíveis, são pessoas que sabem o que têm, o que devem exigir de nós ou o que querem exigir de nós, enquanto que a experiência que eu tive com a orientadora com pouca experiência, ou seja com trinta e quatro, era que não sabia muito bem o que é que podia exigir de mim, o que é que devia esperar de mim ou não e que, eu sentia que ela sentia-se um pouco perdida a orientar-me, já os outros não, os outros sempre disponíveis, exigentes alguns, outros nem tanto, mas sempre senti, sempre me passaram a ideia, de ok eram exigentes mas sabiam o que é que queriam exigir e quais eram os objectivos que eles pretendiam que eu atingisse. A nova, eu tinha mais a sensação que ela queria ser exigente mas não sabia muito bem como, não sabia muito bem o que me exigir e isso é um bocadinho angustiante, quando a pessoa não sabe, a pessoa que está superior a ti, torna-se desagradável para ti, porque não sabes muito bem o que é suposto conseguires ou não, tens a ideia da escola mas isso em estágio tem-se a ideia, percebe-se que nem sempre os objectivos do orientador de estágio é os objectivos do orientador da escola, aliás isso é uma falha que muitos, que eu noto e que alguns colegas também concordam comigo, que falha às vezes uma reunião com os orientadores da escola para dizer: nós esperamos que eles atinjam este e aquele e o outro, não é que a gente não tenha objectivos, nós temos aqueles objectivos das folhas, mas nós, até nós, que somos alunos e que estamos aqui na escola às vezes olhamos para aqueles objectivos e concretamente não sabemos o que é esperado de nós e somos nós e portanto a gente imagina os orientadores do serviço que às vezes não são da nossa escola e olharem para aquilo e pensarem o que é que eu tiro disto?, porque o mesmo objectivo pode ser traduzido de n maneiras n e às vezes a gente pensa que falha a comunicação entre a escola e o centro de estágio, se houvesse, se calhar com essa orientadora nova que eu tive tivesse chegado o orientador da escola e tivesse dito: olhe os nossos objectivos são isto, estes, o que a gente pretende que eles atinjam é isto, isto e aquilo, até com exemplos práticos porque às vezes é necessário. A crítica que a gente faz aos nossos orientadores de estágio nem é tanto culpa deles é se calhar uma falta de comunicação daqui, porque a gente, nós sentimos que às vezes eles não sabem muito bem o que é que é suposto esperar de nós e acho que cabe, na minha opinião cabe aos docentes dizer o

que é que é suposto esperar dos alunos deles, porque afinal são eles que nos formam e são eles que sabem qual é a preparação que a gente tem e qual é a preparação que a gente é suposto adquirir, às vezes sinto que há uma falta de comunicação.

De resto, tenho tido boas experiências de orientação, normalmente tem-me calhado, tenho sentido que a maioria dos serviços escolhe os orientadores por anos de experiência e eu tenho tido a sorte de vir associado aos anos de experiência o gosto por ensinar. A idade pode não ajudar na orientação se a anos de experiência estiver associado um cansaço e um olhar para o estagiário como tarefa acrescida e que eles assumem como uma tarefa a desempenhar porque são pessoas responsáveis e que levam as suas responsabilidades muito a sério, mas que não fazem aquilo por gosto e então fazem o mínimo indispensável e pronto e depois pontos negativos de resultado disto tudo é que, por acaso o estagiário aprende uma técnica que não vem em nenhum objectivo, mas que devia, que é a técnica do desenrasca, ou seja às páginas tantas em estágio tens um orientador de estágio com os objectivos para ti e o orientador da escola com outros objectivos, então a pessoa aprende a conhecer as pessoas e a perceber antes de demonstrar seja o que for, perceber quais são os objectivos que ambas as partes quer para ti e depois acaba por acontecer uma coisa que não devia acontecer que é tu agires de uma maneira para o docente e fazeres de outra maneira para o enfermeiro e pior serem eles a dizerem: ok fazes isto aqui comigo, mas para a escola não vais dizer que fazes assim! e vice versa, do tipo, para mim fazes assim, mas para o enfermeiro não é preciso fazeres assim!, é assim, quer dizer aprende-se, aprende-se de duas maneiras diferentes, então maneiras de fazer processos eu já aprendi sei lá nos quatro anos já aprendi umas dez, porque cada professor tem a sua maneira, depois há professores que pedem critérios, normas de elaboração, a nós, pedem-nos normas de elaboração de processos, quando isso é um dos pontos que a gente anda a pedir desde o primeiro ano e que não nos dão e quando se pede a um aluno que ele estabeleça as normas de elaboração de um processo, acho que parece um bocadinho desorganizado e não é bom porque, eu acho que não

Entrevistador: Se calhar estão vos a dar iniciativa para !

Entrevistado 3: Iniciativa é bom!, desde que haja uma orientação!

Entrevistador: Se calhar era para serem vocês próprios a escolherem os critérios

Entrevistado 3: Mas também nos dá, pronto, como é que hei de dizer isto, não há feedback se os critérios que nós escolhemos são os melhores ou não, às vezes é a sensação que nós temos.

Entrevistador: Não são tidos em conta?

Entrevistado 3: Não. Eu tive uma orientadora uma vez, uma docente da escola que me dizia: isto não pode ser feito assim!, mas não me dizia como é que isto podia ser feito! e depois nós vamos muitas vezes por tentativa e erro e depois é chato porque nós percebemos que uns fazem de uma maneira, os outros fazem da outra, pronto em quatro anos já tenho uma noção do que é que pode ser feito e do que é que não pode ser feito, mas é a técnica do desenrasca, a gente acaba, muitas das coisas que a gente sai da escola a saber, sabemos é porque aprendemos sozinhos, porque temos que nos desenrascar e que descobrir por nós, é mesmo, é mesmo assim e quando agora eu consigo se calhar olhar para um orientador por exemplo do serviço e perceber até que ponto posso esperar colaboração dele ou não, até que ponto me posso sentir à vontade para expor dúvidas, para perceber que nem todos os momentos são de avaliação, porque um aluno precisa de momentos que não sejam de avaliação, sejam de esclarecimento, sejam de possibilidade de expor as nossas dúvidas, os nossos medos, os nossos receios, por muito seguro que um aluno seja, eu acho que, há sempre necessidade de haver uma pessoa mais experiente com quem possamos partilhar o nosso raciocínio e essa sua experiência dar feedback se é o raciocínio mais correcto ou não, mesmo um aluno de quarto ano se calhar há procedimentos que o enfermeiro pensa que por eu estar no quarto ano já os fiz e nunca os fiz, uma coisa simples que por exemplo ou hoje fiz, que foi algaliar uma senhora, nunca tinha algaliado uma senhora, um senhor sim, uma senhora não e por acaso tive a sorte de ter uma orientadora, enfermeira, que me dava espaço para dizer isso mesmo: nunca algaliei, é a primeira vez, sei os passos básicos, mas é a primeira vez que os faço e senti que ela estava mais colaborante ou acessível por saber que era a primeira vez que eu estava e não me fez sentir do tipo, isso acontece algumas vezes, em alguns casos de orientação de enfermeiros, está no quarto ano já devia de saber, às vezes nunca temos oportunidade de pôr em prática e alguns dos orientadores não são sensíveis a isto, não é avaliar os quatro anos, é avaliar se de facto tivemos experiências prévias ou não e tivemos oportunidade de ter a experiência prática ou não daquela situação. No primeiro ano a gente está a olhar para o orientador, porque temos os exemplos da escola

e pensamos todos os momentos são de avaliação, não sei até que ponto tu não vais utilizar a minha fraqueza para me dificultares ainda mais a vida e isso acontece algumas vezes infelizmente, exploram as tuas fraquezas para te porem em check e para te levar a testar literalmente, então se não gostas, por acaso isso a mim nunca me aconteceu, mas n colegas minhas já me contaram situações do tipo, ok não gostas de fazer isto, ou não te sentes bem nesta situação e então vamos estimular ou vamos promover essa situação para ver como é que tu te desenrascas. Há enfermeiros que fazem isso propositadamente mas abrem o jogo contigo, eu sei que tu não te sentes à vontade com esta situação, mas como é uma situação que tu vais ter que lidar mais cedo ou mais tarde, eu vou-te estimular a participares nesta ou naquela, não para te avaliar, não para te pôr em check, mas para te habituares a lidar com isso e esse lado eu já conheço, esse lado eu já tive orientadores assim, que vinham ter comigo e me diziam eu sei que isto pode parecer confuso, eu sei que isto pode não, podes não te sentir à vontade, mas só te estou a estimular a fazer isto para tu ganhares aquele trato ou aquela habilidade nesta situação e hoje em dia agradeço-lhes, hoje em dia agradeço-lhes de eles terem feito isso, mas agradeço-lhes principalmente de eles terem feito o esclarecimento prévio, o estou-te a fazer isto, é verdade, é propositado e tem estes objectivos, não como acontece com alguns docentes que é mesmo que tu não te apercebas eu estou-te a pôr em check e quero ver até onde é que vais, mas é mau porque dá uma insegurança terrível e se é suposto nós em quatro anos desenvolvamos autonomia, autonomia desenvolve-se na minha opinião com base na segurança que vamos adquirindo e quando percebemos que não temos confiança nas outras pessoas que estão superiores a nós, que nos estão a orientar, essa autonomia não é ganha, logo não atingimos os objectivos.

Entrevistador: Queres me dizer qual foi o estágio que tu gostaste mais e o que gostaste menos e porquê ?

Entrevistado 3: O mais foi este último, foi este último, porque para já porque tinha mais experiência, tinha alguma experiência que me permitia estar mais à vontade em algumas situações e por outro lado porque a integração foi excelente. A orientação da escola, não toquei nesse ponto, eu falei sempre do serviço. A orientação da escola

Entrevistador: Mas podes falar da escola também

Entrevistado 3: Não houve, não houve, porque o orientador da escola não estava vocacionado para aquela área, ou seja ele não tem conhecimentos naquela área, mas foi sincero ao ponto de nos dizer isso, eu fui escalonado ou atribuído para orientar estágios aqui, não é a minha área de eleição, não é a minha área de preferência, portanto não vos vou orientar, não foi o que nós costumamos dizer orientador chato, ou seja, exigente, que nos pede, que nos pergunta, não foi de todo, mas também com ele não aprendemos nada, porque ele não tinha como nos explicar nada.

Entrevistador: Mas ele ia lá regularmente ao local de estágio?

Entrevistado 3: Ele ia o mínimo obrigatório, ou seja, nós como alunos marcámos uma avaliação formativa a meio e sumativa ao fim e ele compareceu, mas é claro que havia aquele discurso de que se acontecer alguma coisa podem sempre me chamar e não sei quê, mas felizmente o estágio correu lindamente não precisei do apoio, não senti falta desse apoio docente porque tinha o muito dos enfermeiros, todas as carências que o docente me dava eram colmatadas pelos enfermeiros, mas se fosse noutras situações, por exemplo no meu pior estágio que foi cirurgia geral, o pior estágio mesmo para não repetir, tipo não quero lá voltar!!!!e mas em compensação tive uma excelente orientação de docente.

Entrevistador: Nesse estágio que não gostaste?

Entrevistado 3: Neste estágio que não gostei, não tive no serviço, mas tive completa, excelente, quase, a melhor orientação que eu tive, não digo a, porque também tive outras boas, mas digo das melhores orientações que tive a nível docente. Foi, porque é que foi a melhor? Foi a melhor porque tive um acompanhamento regular, porque, por acaso foi uma orientação extremamente exigente, porque a nível de trabalhos, a nível de saberes, a nível de avaliações mesmo, mas era a tal avaliação que eu falei em início que era, pedem, mas dizem o que pedem e porque pedem, o que é que é suposto tu atingires com esse pedido. Não é o pedir por pedir, que tu não percebes, nem um pedir sem objectivos, que tu acabas por não perceber porque é que ele pede, foi uma coisa eu estou a fazer isto, por esta razão, com este objectivo e senti que aprendi muito naquele estágio, não tanto pela experiência em serviço, mas pela experiência em escola, era um tipo de orientação que abarcava reuniões connosco só connosco, sem orientadores do

serviço, vinha à escola, tive reuniões de horas aqui com o docente, com questionários, com avaliações de processos, com avaliações que não eram do tipo tens que saber!, o que é que tu não sabes?, agora vou te estar aqui a percorrer até ao último, ínfimo pormenor a ver se sabes tudo, não era esse tipo, era do tipo, até se havia alguma coisa que não sabíamos nós estávamos à vontade do tipo ok não sabes agora, vai pesquisar na próxima reunião conversamos sobre isso outra vez. Deixava-me super à vontade, super acessível, havia aqueles mínimos que ele estabelecia, se um doente é meu tenho que saber as principais medicações, os principais efeitos secundários, por exemplo, mas era extremamente acessível, extremamente, também tinha, transmitia um enorme conhecimento de causa, sabia a potes, arronches, portanto uma pessoa ao pé dele por muito que saiba e no nosso caso nós sabemos sempre muito menos que ele como alunos, mas eu acho que como profissional por muito que eu saiba eu vou ter sempre a sensação que ao pé daquele senhor ele vai saber sempre mais do que eu.

Entrevistador: E no serviço, porque é que não gostaste da orientação?

Entrevistado 3: Porque era a orientadora nova, a primeira vez que orientava estágios, não sabia o que é que era suposto exigir de mim, não sabia o que é que era suposto eu saber ou não, ou que objectivos é que eram suposto eu atingir ou não e então consequência tentava-me comparar como uma colega, ou seja, uma recém-formada, era um estágio de segundo ano, com os conhecimentos de segundo ano que eu tinha e ela tentava-me avaliar como se eu fosse uma recém formada que iniciasse carreira e tentava perceber se eu tinha as competências dessa mesma recém-formada, que acho que no estágio de segundo ano é um bocadinho impossível nós termos. Temos teoria no segundo ano, temos muito porque é o ano da patologia toda e das técnicas todas, mas no segundo ano não temos as enormes capacidades, não temos destreza, um estagiário do segundo ano nunca tem destreza para ficar com quatro cinco doentes e dar recado de eles todos e lembrar-se de todos os pormenores, de ter em atenção todos os exames, todas as preparações, todas as, mas é a tal coisa, por um lado senti-me, eu fui a principal prejudicada, mas não a culpo a ela, culpo a não terem preparado aquela orientadora para o que era suposto exigir de mim, porque senti que ela sentia-se perdida para me orientar, porque não sabia o que podia ou não exigir de mim.

Entrevistador: Mas ela, achavas que ela a nível de conhecimentos

Entrevistado 3: Conhecimentos, nunca tive um orientador que me transmitisse que não sabia, que não tinha conhecimentos do que estava a fazer, pelo contrário, todos me transmitiam, mesmo essa, me transmitiam que pelo menos naquela área sabiam o que estavam a fazer e eram competentes naquilo que faziam, poderiam numa ou noutra situação não se sentirem capazes de me dar resposta, mas não neste caso, mas noutros casos, tive orientadores que me diziam, olha nesta situação não sei, mas vou pesquisar e depois logo te dou o feedback, não, nunca tive um orientador que sentisse que não estava, que não tinha capacidades ou que não tinha conhecimentos naquela área.

Entrevistador: Podes dizer o teu melhor orientador e o teu pior orientador?

Entrevistado3: Docentes ou de enfermeiros?

Entrevistador: De enfermagem

Entrevistado 3: Mas nomes?

Entrevistador: Não, não, não é preciso dizeres o estágio se quer, podes dizer que foi esta pessoa por isto, por aquilo e por o outro. Quais as características que um e outro tinham?

Entrevistado 3: O meu melhor orientador foi no estágio de cirurgia geral, o que é que tinha?, era acessível fazia uma coisa raríssima que era

Entrevistador: Mas não era neste estágio que acabaste de falar?

Entrevistado 3: Não, era no meu pior estágio

Entrevistador: Tiveram dois estágios de cirurgia, foi?

Entrevistado 3 : Não, por acaso tivemos dois estágios de cirurgia, mas apenas um de cirurgia geral e um de cirurgia específica. E no meu de cirurgia geral que por acaso era aquela enfermeira em que a enfermeira não foi muito boa orientadora, na minha opinião, mas o docente foi excelente e porque é que foi excelente? Porque era acessível,

porque sabia ouvir-nos, o que é coisa rara nos docentes, não nos enfermeiros, ao contrário, a minha experiência é que a maioria dos enfermeiros nos ouvem, se preocupa com as nossas necessidades, o que é que sentimos, o que é que precisamos, o que é que sabemos ou o que é que sabemos fazer, docentes é mais complicado, eles às vezes transmitem-nos que não têm tempo para nos ouvir, por estranho que isto pareça, porque os enfermeiros teoricamente é que deviam ter menos tempo para nos ouvir, mas não é essa a experiência que eu tenho, os docentes têm menos tempo para nos ouvir.

Este docente tinha tempo para nos ouvir, era acessível, era exigente, bem, mas dizia o que exigia, porque é que exigia e com que objectivos e procurava, transmitia, tinha enorme conhecimento teórico, o aporte teórico, transmitia-nos e isso dava-nos muita segurança.

Entrevistador: E o enfermeiro orientador, o melhor?

Entrevistado 3 : O melhor enfermeiro orientador, tenho alguns, tenho alguns, mas acho que os posso resumir às características comuns deles que os tornavam bons orientadores, eram orientadores com experiência no serviço, com autonomia e aí a importância de ter alguma idade, ter alguma idade, alguma experiência no serviço, alguma autoridade, não é preciso ser máxima, mas alguma liberdade de movimentos. O saber o que é que podia exigir de nós, ou seja ter experiência, eu não sei se a experiência é o ponto chave, o saber o que é que pode exigir de nós é que é, aliás a experiência em orientações de estágio e em estabelecer objectivos para os orientados.

Entrevistador: A esse nível e experiência de trabalho?

Entrevistado 3: Experiência de trabalho ajuda, claro, mas isso todos me transmitiam que tinham, mesmo a mais nova que tive, sempre me transmitiu que tinha experiência de trabalho. É claro que isso ajuda, porque nós não temos!, se alguém não tiver, torna-se complicado! Estes os melhores, agora os piores.

Professores, de professores a minha pior orientação foi, por acaso por incrível que pareça não vou dizer que foi este professor que foi escalonado para aquele serviço o qual não era a sua área, não estava à vontade, até não foi, porque ele foi franco o suficiente para me dizer que eu não estou dentro desta área, não é a minha área de eleição, não estou à vontade, portanto de mim não podem esperar muito e era um

estágio de quarto ano em que já não estamos tão necessitados daquela atenção da escola, claro que no primeiro, segundo ano a gente sente-se muito necessitados de um aporte da escola, porque é os nossos de referência, é quem temos de referência, porque os do serviço são estranhos para nós, os de cá é que são nossos, são habituais, a quem estamos habituados, a quem recorremos mais facilmente, se tivermos que recorrer a alguém pensamos primeiro neles que pensaríamos num do serviço. O problema é que muitos deles não nos deixam recorrer a eles e então às vezes sentimo-nos mais à vontade com os do serviço, quando podemos recorrer aos do serviço, claro. A minha pior orientação foi uma senhora que acha que, que tira primeiras conclusões, que olha para ti e tira a primeira avaliação da tua pessoa, pessoa, não aluna e tira uma boa ou má impressão, se tira uma má impressão tu tens a sensação durante todo o estágio que ela está constantemente a pôr-te em check, a criar situações para te testar, essa sim e é extremamente angustiante, porque tu estás numa situação nova, numa situação stressante, o estágio na minha opinião tem um factor stressante porque estamos constantemente a lidar com pessoas, constantemente a lidar com sentimentos, com a máquina eu posso discutir, com a máquina eu posso estar mal disposta, com a máquina eu posso estar, ser casmurra o dia todo e com a pessoa não e há situações de stress, há sentimentos que se calhar não sei lidar, há novas situações com as quais nunca me deparei e com as quais se calhar vão mexer comigo e se eu tenho uma pessoa que não me ouve, que não negocia, porque até a nível de trabalhos se calhar, não estou a dizer que é em todas as situações, não estou a dizer que, a desculpa é o mau pagador, mas às vezes quando nós tentamos alterar uma data ou propor nova data há uma razão para isso, ou porque sentimos que se calhar é mais importante para nós fazermos aquilo antes ou aquilo depois e essa orientadora não ouvia de todo, eu quero assim, vocês fazem assim e pronto, não havia discussão, porque não havia diálogo. Foi a única orientadora que me fez isto, mas que não foi uma relação minimamente pedagógica. Quando eu estava a preparar uma sessão, dando um exemplo prático, eu estava a preparar uma sessão de educação e havia um conteúdo que eu ia apresentar que os enfermeiros, que na teoria era assim, os enfermeiros do serviço onde eu estava concordavam ou transmitiam que na prática continuava-se a fazer como na teoria, mas conclui-se que a professora não era concordante porque achava que não tinha cabimento fazer assim e eu tentei explicar à professora o porquê que insistir naquele ponto e ela dá-me a resposta ao telefone, não me quis receber pessoalmente e ao telefone dá-me a resposta, bastante alterada, eu respondi qualquer coisa em conversa, eu concordo com a professora, mas, a

menina não está aqui para concordar ou deixar de concordar, está aqui para ouvir, executar e calar! isto não no tom que eu estou a utilizar, um tom muito mais acima! e vai fazer assim como eu quero, porque se não fizer assim como eu quero, eu não recebo o trabalho, não avalio o trabalho e tem zero! tendo um factor extra que eu ia apresentar esse trabalho dois dias a seguir e que ela só me disse que não queria aquele ponto no dia anterior, dava-me um grande espaço de manobra! e não me justificava, ou seja mesmo que eu procurasse, mesmo que, ok a professora não me justificou, vou procurar saber porque é que este ponto não está adequado, isso acontece algumas vezes, nem todas as professoras dão feedback, não podes fazer assim por isto, é tu não podes fazer assim!, vais à procura e às tantas até descobres, mas o problema nesse ponto é que eu ia à procura e era tudo contra o que a professora queria impingir, mas pronto a verdade é que esse ponto teve que ser omitido, porque não haveria outra maneira de o fazer.

Entrevistador: E ficaste sem saber o que é que era correcto?

Entrevistado 3: Não, o correcto eu sei que é segundo a teoria e segundo o que a prática faz, só que a professora não é concordante e teve que ser alterado.

Entrevistador: E o enfermeiro, o pior enfermeiro do serviço orientador?

Entrevistado 3: O pior enfermeiro do serviço orientador foi este que já disse do meu pior estágio, que não sabia o que exigir, que não estabelecia objectivos.

Entrevistador: Associaste o pior estágio ao pior enfermeiro orientador!

Entrevistado 3: Acho que uma coisa influencia a outra, na minha opinião. A menos que aconteça o que às vezes acontece que é o nosso orientador não nos dá apoio nenhum, mas a equipa colmata esse défice, ou seja, eu sei que não tenho feedback nenhum do meu enfermeiro orientador, mas se eu recorrer a qualquer um dos outros eles apoiam-me. Isso poderia acontecer, eu tenho a certeza que isso aconteceria se neste meu último estágio, em x, o meu, aquela minha orientadora foi um espectáculo, mas se a minha orientadora não fosse boa eu de certeza que não tinha qualquer problema, porque bastava-me recorrer a qualquer um dos outros que teria o apoio de qualquer um deles, o

que às vezes não acontece, às vezes o nosso orientador é ótimo conosco, mas a equipa, não és meu aluno, não tenho responsabilidades, não te quero aturar!

Entrevistador: Imagina que tinhas todo o poder do mundo para seleccionar um orientador, quais os critérios que utilizavas?

Entrevistado 3: Um orientador docente ou um orientador enfermeiro?

Entrevistador: enfermeiro

Entrevistado 3: Com alguma autonomia, ou seja, no mínimo um chefe de equipa, pela autonomia, não pelo poder, pela autonomia; com alguns anos de experiência, não era necessariamente obrigatório ter experiência em orientação de estágio, mas era obrigatório ele saber os objectivos que a escola pressupõe que os alunos atinjam e não objectivos gerais, objectivos específicos, do tipo, naquela situação concreta é suposto que eles saibam isto, que eles consigam fazer isto; que tenha disponibilidade e mais importante de tudo, vontade de o fazer, porque já vi enfermeiros com as responsabilidades, quase sem capacidades para ter mais um aluno à sua responsabilidade, mas tem vontade tal, um desejo tal, um gosto pelo que faz, que arranja maneira, é a tal história pode não ter tempo mas tem disponibilidade e isso não é uma coisa que se tenha porque se quer, é uma coisa que é pessoal, é a personalidade e isso acho que a pessoa que escolhe os orientadores deve ser sensível a isso, deve perceber se a pessoa gosta, se a pessoa quer ter alunos ou não, se uma pessoa não quer à partida por muitas capacidades que ela tenha, por muitos anos de experiência que ela tenha, por muita autonomia no serviço que ela tenha, não vai ser um bom orientador, porque está a fazer uma coisa que não gosta, contrariada.

Entrevistador: E desses critérios, se tivesses que seleccionar um desses todos que disseste, era a motivação ou o gosto por ensinar que seleccionavas?

Entrevistado 3: Era.

Entrevistador: Lembraste-te assim de alguma situação com um doente, não com um enfermeiro, nem com um professor, mas com um doente em estágio, uma situação que

tivesse sido difícil para ti de resolver? Pode não ser com um doente, pode ser uma situação que tiveste que fazer que tiveste dificuldade em resolver.

Entrevistado 3: Posso ir por muitos lados, eu por ai posso ir por muitos lados. Com um doente, eu lembro-me de um doente que me foi atribuído que tinha neo hepático, foi o meu primeiro doente com neo hepático, é um doente, é uma patologia com alta mortalidade e que o doente não estava, ou seja, aconteceu-me uma coisa que infelizmente ainda acontece que é, ele estava em fase terminal e não foi avisado sequer do seu diagnóstico, nem do seu estado e o médico decidiu que o doente não deveria ser informado, avisou a família e proibiu a família, não foi a família que decidiu, proibiu a família de dizer ao doente. Foi no meu segundo ano, ou seja estava muito tenra e o doente em si com o qual eu estabeleci uma relação muito boa, era fácil estabelecer uma relação boa com aquele doente, era um doente extremamente afável, extremamente comunicativo, que se dava facilmente e era muito fácil estabelecer uma boa relação com ele e senti-me angustiada, senti-me revoltada até, o andarem a esconder tanto tempo esta situação, porque as falsas expectativas que ele criou também na minha maneira de ver era um sofrimento acrescido, porque ele um dia sentia-se melhor e dizia, há já estou melhor, já estou melhor, amanhã se calhar já vou ter alta e não sei quê, quando eu sabia que não, quando a família teve uma enorme angústia de o ver criar essas expectativas e depois acabavam por recorrer a mim, porque não tinham a quem recorrer mais e quando eu perguntava à família se a família achava que era a melhor opção não contar ao utente o seu diagnóstico, o seu estado e a família sentia-se perdida, só que nestas situações eu compreendo a família, se uma pessoa teoricamente com mais poder, não devia de ser, mas pronto, teoricamente com mais poder, porque tem mais conhecimento de causa naquela área lhe diz que é melhor fazer desta maneira, ela acomoda-se, é normal, eu acho que ninguém tem o direito de decidir a vida de ninguém e essa situação deixou-me muito magoada.

Entrevistador: Desabafaste na altura com o enfermeiro orientador do serviço?

Entrevistado 3: Do serviço não, não porque foi uma situação que eu tinha a pior orientação do serviço, do serviço era impossível, eu não senti mínimo à vontade para desabafar com ela, até porque cada pessoa tem a sua personalidade e eu por norma, por personalidade naturalmente tenho, sou fechada. Até por brincadeira as minhas colegas

costumam-me dizer que sou melhor enfermeira do que pessoa, porque como enfermeira gosto mais de receber do que dar de mim e é mais fácil a mim estar disponível para ouvir as pessoas do que estar a falar de mim a alguém e com esse enfermeiro não, porque é preciso o enfermeiro estar também sensível à personalidade de cada um na minha opinião e às vezes há pessoas mais caladas, há pessoas mais extrovertidas, pessoas que se sentem mais à vontade, há pessoas que se sentem menos à vontade e é preciso o enfermeiro que está orientar perceber até que ponto ele se sente à vontade, até que ponto ele poderá ter alguma coisa que precise de passar ou não, até que ponto uma experiência pode estar a ser stressante ou nova ou difícil de lidar para aquele aluno ou não, é claro que ele não pode adivinhar, mas pode sempre perguntar e nem sempre eles estão sensíveis a isso de certa parte. Da escola tive um à vontade, tive um feedback, porque tinha esse à vontade, porque havia, perguntava-me as situações com que eu lidava, as próprias situações que me surgiam e incentivava-me a falar sobre isso e a dar-lhe o feedback do que fazia, do que sentia, do que vivia, acho que foi bom para mim.

Entrevistador: E achas que a escola, a teoria, te transmitiu conhecimentos que te permitissem lidar com essa situação?

Entrevistado 3: Conhecimentos que me permitissem lidar! Eu acho que nós até temos, eu acho que nós temos um bom aporte teórico, não temos é muito bem organizados, ou seja, nós damos tudo o que precisamos dar, não os damos é com uma organização que o torne coerente e perceptível, porque damos um bocado aqui, depois outro bocado está relacionado com aquilo não damos a seguir, vamos dar daqui a uns quantos tempos e às tantas aquilo perde-se, ou seja, nós falámos muito em cuidados paliativos, em comunicação com o doente, comunicação com a família, fomos alertados que essa situação podia acontecer, ou seja muitas vezes, o médico podia decidir pelo doente e pela família sem o seu consentimento prévio, sem o seu, autorização para isso, ou seja, quando eu me deparei com aquela situação eu estava prevenida que ela podia, isso é importante, porque quando uma pessoa não está à espera que aquela situação, não está sensível a essa situação o choque é maior acho eu e isso foi importante eu saber que eu me podia deparar com aquilo, não diminui a revolta, porque uma coisa é ouvir-se dizer e outra coisa é ver na prática.

Entrevistador: O que é que para ti significa estar na prática?

Entrevistado 3: Na prática é ver o sofrimento das pessoas, é ver que aquilo não acontece com pessoas hipotéticas ou com uma situação que é falada em sala de aula, em que não se está a ver a pessoa, não se conhece a vida dela, não se interage com ela e na prática é ver a pessoa a partilhar a vida dela, os seus sonhos, expectativas e não poder ajudá-la mais ou tentar ajudá-la mais porque estamos limitados. As escolhas que alguém fez por elas.

Entrevistador: Já falaste várias vezes numa palavra que é competência, o que é que é para ti competência, ser competente?

Entrevistado 3: Depende da área se for um enfermeiro, um enfermeiro competente é um que tenha conhecimentos teóricos que lhe permitam ser capaz de dar resposta às situações que aparecem; situações patológicas, situações de relacionamento interpessoal e entre a equipa e entre ele e o doente e competente como orientador já disse e competente como pessoa, a pessoa aqui na minha opinião fica um bocadinho à parte, porque um enfermeiro competente não necessita de ser uma pessoa competente, porque por acaso isso foi uma ideia que um orientador enfermeiro levantou e que há o enfermeiro e à a pessoa, que são dois conceitos diferentes e que nunca devem ser misturados, por acaso disseram-me isso para aí no meu segundo ano de estágio e hoje em dia concordo, porque eu como pessoa posso não gostar de me dar às pessoas, de as ouvir, de achar determinado assunto muito chato e como enfermeira acho que devo estar disponível à pessoa, ouvi-la mesmo que seja sobre um assunto que não me agrada, mas se é importante para a pessoa acho que tenho essa obrigação, portanto ser a pessoa competente não se enquadra nesta situação.

Entrevistador: E achas que já adquiriste até ao momento, com todos os estágios que fizeste, as competências necessárias para seres a enfermeira competente, não a pessoa, a enfermeira?

Entrevistado 3: Eu já adquiri todas, eu já tive uma luz do que eu preciso adquirir e neste ponto posso dizer que eu sei dizer o que é uma enfermeira competente na minha opinião, já vi bons exemplos e já vi maus exemplos, já vi o que é que eu quero ser quando for grande e já vi situações do tipo eu não vou fazer isto, ou pelo menos eu não quero fazer isto e depois logo se vê.

Entrevistador: Logo se vê. Falamos daqui a uns anos. Que competências é que achas que adquiriste até agora?

Entrevistado 3: O saber ouvir, saber ouvir essencialmente, porque reconheço em mim que inicialmente tinha alguma dificuldade em interpretar o silêncio ou as palavras do outro. Não sei se é uma tendência natural de todas as pessoas, mas era uma tendência natural minha, que era ouvir e fazer a primeira interpretação e às vezes a primeira interpretação é enganosa, às vezes nem sempre o sim quer dizer o sim, às vezes é preciso perceber se aquele sim é mesmo um sim ou se está a dizer só sim para incubar outra história, hoje em dia eu consigo perceber isso e sei que isso foi resultado de quatro anos. No primeiro ano não, aceitaria o sim pelo sim. Hoje em dia consigo perceber que nem sempre as pessoas estão à espera de uma resposta minha, era uma ideia que eu trazia do primeiro ano, que o enfermeiro tem que sempre dar resposta ao doente, mas agora eu consigo perceber que o doente nem sempre espera uma resposta de mim, às vezes só espera que eu esteja lá, que eu fique um bocadinho ao pé dele, que eu o oiça um bocadinho, agora consigo perceber isto, antes não, antes sentia-me angustiada, não conseguia dar uma resposta, eles fazerem-me perguntas às quais eu não tinha a resposta, hoje já me sinto menos angustiada perante essa situação, era uma situação complicada para mim, agora já lido melhor. Acho que este curso me ajudou como pessoa, acho que estou mais disponível aos outros, consigo ouvir mais, consigo perceber melhor as minhas limitações, estes quatro anos ajudaram-me a estudar a mim própria, a perceber porque é que reajo assim em determinada situação e porque perante essa situação eu se calhar reagia de uma maneira, que mais tarde quando pensava no assunto não reagia assim tão bem e o obrigar-me a pensar nisso, além de me permitir conhecer melhor as minhas limitações permitiu-me tentar melhorar. Há muita coisa que ainda preciso melhorar, há muita coisa que ainda, que eu sinto que não estou bem, mas o permitir-me reconhecer que ali não estive tão bem sei que foi uma coisa que consegui em quatro anos e que me deixa feliz enquanto pessoa.

ENTREVISTA 4

Entrevistador: Já passaste por vários estágios, se pensares um bocadinho naquele estágio que tiveste de Novembro a Dezembro, que foi o estágio, que pertence ao estágio de integração à vida profissional, o estágio antes deste que estás a fazer, de cuidados intensivos, sim, qual é a tua opinião global acerca desse estágio?

Entrevistado 4: Mas, pode ser de cuidados intensivos ou quer de integração à vida profissional?

Entrevistador: O de cuidados intensivos não pertence ao de integração à vida profissional?

Entrevistado 4: Mas é que eles chamam integração à vida profissional a estes estágios todos.

Entrevistador: Mas que me fales do de Cuidados Intensivos, o último que tiveste.

Entrevistado 4: Então é assim, cheguei lá parecia que não sabia nada mesmo, parecia tudo completamente novo, não só pela complexidade dos cuidados, dos doentes e dos cuidados a prestar, mas também porque senti um desnível do terceiro para o quarto ano, foi a ideia que eu tive; isto é; no segundo ano nós temos Medicina e Cirurgia, é aquele estágio em que nós sentimos que damos um salto, não é e que já temos alguma autonomia, depois o terceiro acho que é, são estágios mais softs em que não há tanta complexidade e andamos ali um bocadinho à deriva e depois chegamos ao quarto ano com Cuidados Intensivos e sentes, parece que já, falta uma perda, falta ali qualquer coisa e pronto pela complexidade dos doentes parece que, para já é um estágio que acho que exige muito mais e por outro lado é o que eu estava a dizer também saímos de estágios em que já temos mais alguma autonomia e chegamos aos Cuidados Intensivos não, não nos dão logo assim um doente para a mão como nos dão em estágios anteriores, então tu sentes que parece que falta ali qualquer coisa, mas eu acho que foi um dos estágios que mais exigiu de mim, mas também foi um dos estágios que eu mais gostei, porque senti uma maior evolução, isto porquê? Para já porque também tive um apoio muito grande a nível de orientação, tanto do serviço, como do professor da escola

e senti-me recompensada por isso também mas acho que, não sei até que ponto é relevante, mas pronto acho que essencialmente senti um grande desnível entre o terceiro e o quarto ano e o facto de darem o nome de integração à vida profissional a este estágio cria uma grande pressão sobre nós e quando chegamos ao serviço também a ideia que muitos enfermeiros têm é ah isto é integração à vida profissional, já sabem fazer tudo e não é verdade, chegas ali é um ambiente completamente diferente, é uma área completamente nova e se calhar às vezes sentes que eles querem exigir de ti, ou exigem de ti uma coisa que tu ainda não estás apta para tal e podes sentir, eu pelo menos senti-me um bocadinho insegura, bem mas isso nunca fiz, mas nunca fizeste? mas é o último ano!, não mas nunca fiz! bem, então vamos fazer as coisas de outra forma, eu também tive a sorte de ficar com pessoas, com profissionais que encaravam as coisas dessa forma, porque cheguei a fazer turnos com outros enfermeiros que pensavam, ah mas já és do quarto ano, não é, como do género, já sabes fazer tudo e às vezes não é assim e nós sentimos aquela carga, és do quarto ano já sabes tudo, não mas eu ainda sou aluna, estou aqui para aprender e posso ser profissional e ainda tenho coisas para aprender, mas é uma ideia prévia, o estágio o nome de integração à vida profissional tem aquele peso, vais ficar sozinha e agora vais fazer tudo sozinha, mas não é bem assim.

Entrevistador: Nos outros anos nunca passaram por cuidados intensivos, não é?

Entrevistado 4: Não nunca fiz estágio em Cuidados Intensivos

Entrevistador: Quando disseste que gostaste do estágio, porque tiveste uma boa orientação, tanto do enfermeiro e do professor, queres-me falar um bocadinho dessa orientação?

Entrevistado 4: É assim a nível de orientação do orientador do serviço, é daquelas pessoas que além de ser um orientador é uma pessoa que também tu sabes que depois se precisares tens uma pessoa com quem possas falar e que às vezes isso não acontece, isto é, consegui estabelecer com o orientador uma relação além do que se calhar estamos a maioria das vezes habituados, isto é, às vezes a relação com os orientadores é uma relação muito formal, às vezes isso só prejudica, porque temos medo de colocar dúvidas, às vezes aquelas dúvidas que tu pensas, ai isto é tão parvo perguntar isto, ai será que vou perguntar ou não, tens medo de perguntar e que toda a gente pense, ai esta

não sabe isto, mas se tu te sentires à vontade e por isso é que eu acho que obviamente nós não conseguimos estabelecer essa relação com todos, mas se conseguires é muito mais fácil, já não há aquela barreira e também te sentes mais à vontade para expores essas dúvidas, porque às vezes nós não perguntamos porque temos medo, não é e ficamos com aquela dúvida e o estágio passa e tu ainda tens aquela dúvida, nem sequer percebeste porque é que aquilo acontecia e nem sequer tiveste coragem para perguntar, achaste que era ridículo fazeres aquela pergunta e pronto o que eu vi a nível de orientação do serviço, pronto vi aquela, é uma orientadora que nós dizemos, olha não me importava de ficar com uma orientadora deste género em todos os estágios, pronto é uma pessoa que está lá sempre que tu precisas, dá-te o teu espaço também porque nós também gostamos de ter aquela nossa autonomia e depois é uma pessoa que também diz erros todos nós fazemos, sejas aluno sejas profissional e quando as pessoas pensam assim também nos metem mais à vontade, nós não estamos com aquela pressão tão grande, não é e pronto para mim posso dizer que em quatro anos eu não tenho tido problemas com orientadores à excepção do primeiro ano, a nível do serviço. Vá lá tenho tido sempre uma química boa com eles, porque também há que haver uma certa química se não não vai lá, às vezes é complicado, tens que fazer as coisas de outra forma. Mas a nível de orientação nunca me senti tão apoiada, tão a vontade para pôr as minhas dúvidas por mais estúpidas que pareçam e nunca me senti também, sempre que eu tinha dúvidas eu tinha sempre uma resposta nem que fosse vou ver, às vezes quando também as respostas aparecem todas tu achas muito estranho, não há ninguém que saiba tudo não é? mesmo que seja vou ver, vamos ver, amanhã falamos sobre isso, havia sempre alguém que tinha alguma coisa para dizer e lembro-me que uma vez cheguei lá, pronto tenho andado com uns problemas em casa também com uma pessoa da família que está doente e ela perguntou-me mas passa se alguma coisa? ,aquela capacidade para ver o que é que se passa e isso faz me sentir bem, ela reparou em mim, reparou que eu hoje estava diferente e acho que isso é muito importante percebes? .Às vezes nós vamos para estágio e não nos sentimos bem, ou vamos para lá e é só mais um estágio, tenho que fazer este estágio e se tu te deres bem com as pessoas, tu vais para lá com muito mais gosto, é um prazer estar lá, até acaba o turno e ficas lá a falar mais um bocadinho de coisas que não tenham nada a ver e a nível de orientação do serviço, pronto de orientadores, de enfermeiros do serviço este estágio para mim foi impecável

Entrevistador: Para além da relação tens mais alguma coisa a dizer acerca dela em termos de orientação?

Entrevistado 4 : É assim eu agora também sou um bocado suspeita porque fiquei com uma boa relação com ela, mas se calhar por isso também é que fiquei, o que não acontece com todos os enfermeiros orientadores, mas é uma pessoa que se preocupava muito com a formação até porque actualmente está a fazer um curso de formação, o sonho dela também é ser professora de enfermagem. É assim nunca me aconteceu uma orientadora por exemplo, levar o meu processo de enfermagem para casa e no dia a seguir trazer aquilo corrigido com bué questões a perguntar porque é que fizeste isto?, porque é que fizeste aquilo?, uma paciência enorme em me explicar como é que se fazia, formulava problemas de enfermagem, com uma atenção mesmo enorme, daquelas que pá, trazia livros de casa, é pá olha levava isto para casa escusas de tirar fotocópias, depois dás-me no final do estágio, nunca tive ninguém assim e via-se que era uma pessoa que se cultivava também constantemente, não parou, a enfermeira com quem eu estava era enfermeira há sete anos, estava nos Cuidados Intensivos à cinco e pronto via-se que realmente ela gostava daquilo que fazia não é, porque quem é que depois de um dia de trabalho nos Cuidados Intensivos, que também são serviços sempre um bocadinho mais pesados, quem é que levava um processo de enfermagem para casa e trazia no outro dia ou dois dias depois, não é quando trabalha quarenta e duas horas por semana como ela! ,não sei é daquelas pessoas, mas ó pá porque é que ela está a fazer isto?, não ganha nada com isto!, não é? ela gostava e a forma como ela explicava as coisas, todos os turnos fazia questão de perguntar, fazia um feedback para ver como é que correu o turno, também se calhar estou a exagerar todos os turnos, mas quer dizer várias vezes fazíamos um feedback do que é que estava a acontecer, como é que eu me estava a sentir, o que é que ela queria, o que é que eu queria que ela fizesse de diferentes formas e sempre preocupada em que eu desse opinião sobre ela, do género, queria, perguntava-me, o que é achas?, achas que eu fiz bem?, como é que querias que eu fizesse?, achas que eu deveria fazer de outra forma? e depois uma coisa que eu também achei interessante, era ela, eu senti que ela fez uma avaliação inicial de mim e depois nos outros dias ao longo de todas as semanas, o que é que eu quero dizer com isto, por exemplo ao longo das primeiras semanas andava sempre mais junto a mim, fazia-me mais questões, mas depois com o tempo, não sei se calhar também começou a conhecer me e a ver que eu já conseguia fazer as coisas sozinha, não era também daquelas

enfermeiras que estava sempre em cima de mim, às vezes sentes-te um bocado sufocada, já queres ter alguma autonomia e não consegues, acho que ela sabia estar num equilíbrio, não estar muito em cima mas também não te deixar sozinha, foi impecável mesmo, nunca, é assim nunca conheci também ninguém como, tenho tido boas experiências em estágio, mas realmente nunca senti que alguém se disponibiliza-se tanto para mim, como aluna.

Entrevistador: Achas que ela foi a tua melhor orientadora até agora?

Entrevistado 4: Sem dúvida, sem dúvida mesmo, sem dúvida, pá é o que eu digo nunca ninguém fez, nunca ninguém me ajudou a aprender tanto como ela, nunca senti isso.

Entrevistador: E com é que ela te explicava as coisas?

Entrevistado 4: Não me dizia fazia me chegar lá, ela não dizia, por exemplo lembro me de uma vez ela começa, pergunta-me, o que é que tu achas disto?, ela até quando ela levou o meu processo para casa, ela só tinha era tracinhos então, porque ela lá sabia o que é que queria dizer, então perguntou-me o que é que tu achas disto? E nós duas tentávamos chegar lá, ela fazia me tentar chegar lá, havia coisas que realmente eu não concordava com ela, mas discutíamos sobre isso, mas ela não era de dizer, fazia-me chegar lá, por exemplo a professora x nas aulas ela também é muito assim e explicava as coisas como é que elas são, não era faz-se assim, porque é assim, não, porque é que tu achas? e quando eu perguntava, mas porque é que se faz isso? e ela, mas porque é que tu achas? Porque é que tu achas que se faz?, quer dizer às vezes, nós achamos muito mais fácil, quando ah faz assim por isto e por aquilo, mas se calhar é muito mais estimulante, não é, e nós nunca nos vamos esquecer tão depressa porque é que se faz de uma determinada forma e nesse aspecto, pronto.

Entrevistador: E a equipa em si, disseste que havia alguns enfermeiros que não percebiam que vocês, que ainda não tinham passado ?

Entrevistado 4: É assim eu fiquei sempre praticamente com ela, só que houve uns dias que a enfermeira teve de férias e eu fiquei com outros enfermeiros mas, neste estágio

não foi um dos estágios onde eu mais me senti integrada na equipa isto porque, porque por exemplo as passagens de ocorrência, a passagem de turno é um momento onde também nós podemos estar com equipa toda, nos Cuidados Intensivos nós não saímos do quarto praticamente, não é? e passávamos o turno só a um colega nunca estávamos muito com os outros enfermeiros, não foi das equipas em que eu me sentisse mais integrada e que funcionasse tão bem com os outros profissionais, mas cheguei a ficar com outros profissionais que uma pessoa tem mesmo a ideia que um aluno é um aluno, às vezes têm um aluno porque é bom para o currículo, dá créditos ou uma coisa assim também ainda não percebo muito bem isso, é bom para fazer a avaliação de desempenho, não é, vocês têm que fazer um relatório, não é, e é sempre bom falar sobre os alunos. Pronto há pessoas que gostam mesmo de ter alunos, quer dizer, há muita gente que gosta de ter alunos por diferentes motivos, não é, acho que aqueles que gostam mesmo de ter alunos porque gostam de ensinar e que também aprendem com os alunos são os melhores orientadores. A nível da escola, não sei se quer,

Entrevistador: Podes falar

Entrevistado 4: A nível da escola, pronto é assim, os nossos professores não vão para lá connosco, não é, não vão, vão lá de vez em quando fazer as reuniões e senti apoio na medida em que sempre que precisei de alguma coisa, tinha alguma dúvida não me faltou nada, tinha uma boa relação com a professora também, mas não são tão participativos no processo de aprendizagem em estágio como são os orientadores do próprio serviço

Entrevistador: O que é que queres dizer com isso?

Entrevistado 4: Porque é assim os enfermeiros que estão connosco no dia a dia estão connosco 24h não 8h por turno é eles que estão ali, vêm nos no momento, vêm tudo aquilo que tu fazes, se tiveres dúvidas não deixas para perguntar ao professor da escola perguntas ali, eles vêm te na prática, vêm como é que te relacionas com os doentes como é que tu fazes as coisas, enquanto que o professor da escola, depois também depende, há professores e professores, não é, enquanto o professor da escola vai lá uma vez duas vezes ver se está tudo bem, como é que está a correr, faz te algumas perguntas sobre o utente a que tens atribuído ou os utentes que tenhas atribuído e pronto é simplesmente isso não vejo que, obviamente que contribuem para o nosso processo de

desenvolvimento profissional e pessoal, mas não de uma forma tão activa é o que eu quero dizer, porque também não estão lá, têm mais o feedback daquilo, o feedback que eles têm é mais aquilo que o orientador lhes dá, eles não está lá na prática, conhecemos das aulas mas também é completamente diferente penso eu, não é

Entrevistador: E quem é que vos avalia no final?

Entrevistado 4 É assim, eles dizem que são os dois, quer dizer, até a maior parte dos professores a ideia que eu tenho é que diz que pronto: olhem não estou muito tempo com vocês, a maior parte da avaliação fica atribuída ao enfermeiro orientador, a verdade é que muitas das vezes nós saímos de lá com uma nota e na pauta é afixada outra, nós não sabemos o que acontece entre tanto, nós sabemos, não é, mas é assim, saímos de lá com uma nota atribuída pelo enfermeiro orientador, não é, do serviço, o professor diz se concorda ou não, vê o processo quando vê, lê as reflexões quando lê e diz se concorda ou não, não é e se não concordar também dá a sua fundamentação, mas pelo menos comigo o que eu tenho visto é que pronto realmente eu saio de lá com a nota do enfermeiro que estive comigo durante o estágio, mas pronto nem sempre e a maior parte das vezes eu saio sempre com notas mais elevadas do que aparece na pauta, nunca, já me aconteceu sair de lá com dezanove e vinte e nunca nenhum de nós teve um dezanove ou um vinte na pauta. A nota, é o que nós, estava agora no café a conversar com uns colegas, acho que um aluno que vai ter um dezanove um vinte, não tem que ser um enfermeiro, não tem que ser perfeito, acho que um aluno que tem dezoito, dezanove, vinte é muito bom aluno, porque erros até os profissionais cometem, não é, eu acho que se a escala existe de zero a vinte, porque é que só há notas até dezoito? ,se tu tens vinte não quer dizer que, não és nenhum crânio, não és perfeito, não és nada, realmente alcançaste foi aqueles objectivos e com certeza ainda tens muita coisa a melhorar, não é tem vinte e já pode ir trabalhar. Eu não penso assim, mas a ideia que eu tenho é que para eles vinte é para quem já sabe fazer tudo, eu acho que não, vinte é realmente um aluno que é bom, que é muito bom neste caso não é, e que alcançou os objectivos, acho que eles nunca nos deram nenhum dezanove, na nossa pauta nunca nos deram nenhum dezanove nem vinte quando nós saímos de estágios com essas notas. E pronto por exemplo e agora o que acontece, nós saímos com notas entre bom, muito bom, satisfaz, satisfaz pouco, depois o que sai dali é o dezoito, é o dezanove ou o quinze, pronto a escala uma é quantitativa outra é qualitativa e por exemplo muito bom vai do dezassete

ao vinte e se eu saio de lá com muito bom, eu posso ter um dezassete, posso ter um dezoito, posso ter um dezanove ou um vinte, ainda são quatro valores diferentes, quer dizer ainda é uma grande.

Entrevistador: Porque é que achas que há essa discrepância entre uns e outros?

Entrevistado 4: É assim nós sabemos isso, a justificação que os professores nos dão é que é assim nós saímos de lá, por exemplo saiem cinco alunos com muito bom em estágio, eles depois reúnem-se, reúnem-se todos, cada um fala do seu aluno, fala do que achou do aluno, dos trabalhos que apresentou e eles todos juntos, pronto.

Entrevistador: As notas ficam caras, convém baixar!

Entrevistado 4: Pois deve ser, não sei, porque, deve ser muito caro dar um dezanove ou um vinte. É assim eu nunca, nós então no quarto ano e a minha turma nunca teve nenhum dezanove nem um vinte, o máximo temos dezoito e mesmo assim são contados, são muito poucos os alunos que têm dezoito.

Entrevistador: Lá está custa dinheiro!

Entrevistado 4: Temos que pagar muito bem se queremos o dezanove ou o vinte, não sei com quê, mas pelo menos as notas são muito trabalhadas, não sei.

Esta semana tive a falar com colegas que são da escola x, que estão a estagiar no serviço onde eu estou e eles dizem que, eles em estágio fazem como nós, isto é, nós temos a folha com os diferentes objectivos, com a avaliação final, pronto e está lá escrito muito bom, eles não escrevem muito bom eles escrevem mesmo a nota, assinam eles, assina o aluno, assina o professor e assina o prelector, o prelector não o preceptor, como eles chamam, que é o enfermeiro orientador e a nota que é ali assinada é de certeza a nota que é afixada, nós também só temos dezoito, dezanove, eles podem ter dezoito vírgula dois, dezoito vírgula cinco e essa de certeza é a nota que vai ser assinada, nós também assinamos essa folha mas não garante nada, na nossa escola não se vê essa folha, isto é temos os objectivos, eu escrevo o que é que eu acho, todos concordam eu assino, o professor assina, o orientador assina, mas não, não é nada, ás vezes até eu também me lembro em Pediatria que saí com uma nota e via regularmente a enfermeira porque

também fiquei com uma boa relação com ela e ela, então o que você teve? ah tive isto. O quê! ah não te preocupes, já está dado, está dado, mas quer dizer eles ficam muito, há enfermeiros que ficam, eu acho que eles próprios às vezes e senti um bocado neste estágio que a minha enfermeira queria, queria realçar mesmo, queria, porque ela é que esteve comigo, era o que ela dizia: eu estive contigo mais do que a tua professora, eu devia se calhar ter um peso maior na nota, mas não quer dizer as notas saiem de lá e ainda são trabalhadas, parece um bocado, é um bocado complicado perceber, aceitar, uma pessoa não aceita muito bem, aceita, mas não compreende é mais ou menos assim.

Entrevistador: Esta foi a tua melhor orientadora, queres-me falar do teu pior orientador, do orientador que achaste, do enfermeiro menos competente para orientar?

Entrevistado 4: Ah, sim, no primeiro ano, foi a única, mas foi uma experiência péssima, mas foi a única, em que estava com uma orientadora, é assim, eu olhava-a, via-a como uma enfermeira com muitos conhecimentos, gostava muito da relação que ela estabelecia com os utentes e se olhasse para fora, dizia ela é uma excelente profissional eu ainda acho, já não a vejo há quatro anos, mas considerava-a uma excelente profissional, mas como orientadora não, foi uma coisa, é daquelas, uma coisa é, eu acho que nem sempre acontece os orientadores têm alunos nem sempre é porque eles querem, muitas vezes é o chefe olhe desta vez, por exemplo lá nos Cuidados Intensivos a minha enfermeira também não tinha alunos porque queria, mas vá lá ela gostava de ter alunos, tinha essa sorte mas sei lá há pessoas que têm alunos sem quererem e ainda por cima não gostam, que eu acho que é mau para nós e para eles, têm que gramar connosco e não gostam não é e via-se mesmo que ela não tinha, não tinha disponibilidade, quer dizer não se disponibilizava, não tinha paciência então no primeiro ano que é aquele estágio que nós vamos completamente às escuras e queremos o máximo de apoio possível e depois a forma como ela falava para mim eu lembro me que, eu não sei se vocês também eram assim, mas no primeiro ano nós não damos cirurgia, é os fundamentos de enfermagem, damos aquelas técnicas, as necessidades, mas de cirurgia não damos nada, então eu fui para o serviço do x de cirurgia e então pronto, serviço de cirurgia tínhamos que fazer muitos pensos, realizar pensos e a maior parte dos enfermeiros realizava com luvas e nós só damos cirurgia no segundo, aprendemos a trabalhar com os ferros no segundo ano, houve um dia que eu pensei, ela perguntava sempre queres luvas ou queres fazer com ferros, eu tinha feito com luvas, mas pensei,

não, eu tenho que aprender a fazer com ferros, não sei mas vou aprender, ela trouxe me o material todo, era uma doente que tinha colocado uma banda gástrica, uma querida mesmo, então a senhora estava consciente obviamente e quando ia fazer o penso contaminei os ferros, ela nem tinha visto que eu tinha contaminado os ferros, mas eu disse: Oh enfermeira eu contaminei os ferros importa se de me ir buscar outros ferros? e ela disse me à frente dessa mesma doente, é pá é assim, eu já tinha madeixas louras, eu não sei o que ela disse, mas do género: se eu sou loura aprendi, tu que és loura falsa tens que aprender também, à frente da utente, olha fiquei completamente nervosa, a senhora com quem eu estava até sentiu assim um bocado estranha. Então ela ouviu-me a dizer que tinha contaminado os ferros, mas isso para ela era normal, enquanto a enfermeira foi buscar os ferros a senhora disse para mim: ai não fique assim, quer dizer ainda me senti pior, muito mal mesmo, depois fui para a casa de banho bem, chorar, também sou um bocado nervosa, mas ela fazia-me sentir-me mal, eu uma vez estava lá eu e a minha colega a x, aquilo era uma coisa impressionante e andava-mos atrás dela, pronto nós no primeiro ano somos uns chatos mesmo e aquilo é o champô e o sabonete, andam sempre um atrás do outro não sabemos muito bem o que fazer e ela dizia é pá parem, vão à casa de banho, vão conhecer a casa de banho, ela dizia para nós vão conhecer a casa de banho e nós ficávamos assim a olhar, ela tratava-nos mesmo abaixo de cão, era uma coisa impressionante, nós ficávamos, mas porque é que ela nos está a tratar assim?, quando nós fazíamos, ponhamos questões, ela não tinha a mínima paciência para nos responder e foi a minha pior experiência e depois não sei se realmente, eu penso o facto dos enfermeiros muitas vezes não terem querido ter alunos é muito mal, porque eles podem até gostar de ter alunos, mas imagine que também estão a passar uma fase difícil da vida deles, têm a vida pessoal e são profissionais que têm que estar ali e nós, eu penso que ter alunos dá trabalho, dá, claro que dá, eu tenho a certeza que dá, não é, mas penso que também pode ser gratificante é a ideia que eu tenho não é, mas dá trabalho e é preciso gostar e ter disposição e querer ter, eles têm problemas, não sei se ela tinha algum problema ou se não gostava mesmo, mesmo de ter alunos, tinha que gramar comigo, eu também penso coitada não é, mas coitada de mim também, mas penso um bocado por exemplo para ela deve ter sido muita mau, para ela também, foi mau para mim, mas também deve ter sido muita mau para ela, estar ali a aturar uma pessoa que não quer, está ali a gramar alunos também deve ser complicado, mas também penso pocha é assim todos eles já foram alunos um dia, não é? e não gostavam de ter ali alguém que os ajudasse, alguém que se ele precisasse estivesse ali e às vezes esquecem-

se um bocado disso não é? , todos nós um dia fomos alunos e não sei obviamente acredito por exemplo, eu não sei, mas imagino um chefe a dizer olhe agora vamos receber alunos, a enfermeira vai ter alunos, ah mas agora estou a passar uma fase complicada, tudo bem é pá então agora não tens alunos ou não me apetece mesmo, perfeito, é assim, levar com alunos sem querer, sem ter o mínimo de disposição, se eu não gostar, não é, por exemplo para ser professor é preciso gostar, para ser enfermeiro é preciso gostar e é assim os enfermeiros são nossos professores não é, se eles não gostam porquê estar a massacrá-los a eles e a nós? ,temos que levar com eles, pronto foi a minha pior experiência, porque não gostava da forma como ela me tratava e é o que estava a dizer aquilo de colocarmos questões, nós tínhamos muito medo de colocar questões, porque quer dizer e então no primeiro ano que nós temos uma sede de conhecer e de aprender as coisas enorme não é, eu sentia-me, tinha muito medo de perguntar de se fazia alguma coisa mal, por exemplo quando nós fazemos alguma coisa mal o mais importante é reconhecer, o mais importante é que tu reconheças, quer dizer fazia o penso, contaminava os ferros e não dizia nada, quer dizer infectava ali a senhora ou o rico de infecção, percebes?. Às vezes fico a pensar que é uma coisa complicada e também não tinha uma afinidade, não houve a tal química entre nós que às vezes entre duas pessoas, as pessoas têm uma química, às vezes nós não gostamos das pessoas todas da mesma forma, nem toda a gente gosta de nós também e isso, o importante é que nós saibamos digerir isso e trabalhar com elas à mesma, nós vamos para uma equipa nós não gostamos das pessoas todas da mesma forma temos é que aprender a trabalhar com elas, agora eu achava, pronto não gostava da forma como ela me tratava a mim e às minhas colegas, a forma como ela me respondia, a falta de disponibilidade, a falta de paciência isso era muito complicado. Lembro me também de uma vez, era um serviço de cirurgia e eu não gostava muito da forma como a equipa trabalhava lá e portanto a equipa medica da relação que havia entre enfermeiros e médicos porque nós que éramos alunas por exemplo tínhamos os nossos doentes, fazíamos os pensos, os pensos sozinhos com a supervisão da enfermeira ou com ajuda dela, os médicos não, chegavam lá oh senhora enfermeira vamos fazer, independentemente do que elas estivessem a fazer, dizia, senhora enfermeira vamos fazer o penso do senhor da cama um, vamos fazer o penso à cama sete, elas paravam tudo e iam fazer o penso com eles, iam-lhes ajudar e eu achava aquilo um bocado estranho e uma vez perguntei e se calhar também pronto não me expressei bem e se calhar ela percebeu mal e eu perguntei isso, porque é que nós enfermeiros fazemos os pensos sozinhos e quando chega o médico nós temos

que ir atrás deles fazer o penso?, aquilo fazia-me um bocado confusão, não gostava, não gostava daquilo e ela pronto disse, já não sei o que é que ela disse, mas sei que não falou nisso na altura, mas depois na minha avaliação estávamos nós na avaliação e ela na conclusão diz, eu só quero dizer que acho que a x não valoriza a profissão de enfermagem e falou dessa situação, achou que eu estava a desvalorizar o nosso papel ao colaborar com médico, mas se calhar eu posso ter transmitido isso, mas eu estava apenas a perguntar se ela me explicasse e achei estranho porque, achei estranho, quer dizer fiquei um pouco magoada porque disse aquilo na minha avaliação, nunca reflectiu aquilo comigo, podia ter dito então porque é que achas ? achas que não? O que é que achas?, não sei nunca reflectiu comigo, naquele momento eu não me lembro sinceramente do que ela disse e depois ela não se esqueceu daquilo e foi dizer isso na avaliação, mas nunca reflectiu comigo sobre isso, nunca, não sei, e fez esse juízo sobre mim sem nunca me ter questionado acerca daquilo que eu pensava, mas foi a minha pior experiência. De resto não tenho tido sinceramente e tenho conseguido estabelecer relações com os enfermeiros além da relação orientador aluno e isso tem sido bom para mim, porque também me mete mais à vontade e acho que me tem ajudado, ajuda-me também na aprendizagem, acho que também tem muito haver, se calhar tenho tido bons enfermeiros, quer dizer, assim também estou a chamar à enfermeira má enfermeira, não é isso que eu quero dizer, mas não sei, estou-lhe a fazer um juízo de valor também, mas não é isso que eu queira dizer, é se calhar pronto tenho sorte em estar com enfermeiros que gostam de receber alunos e que gostam de ensinar, transmitem conhecimentos e por exemplo a enfermeira com quem eu fiquei agora neste último estágio, ela dizia ó pá eu aprendo imenso com vocês também e quando ela viu o meu processo lembro-me que uma das maiores dificuldades que eu tinha e ainda tenho e acho que todos os alunos têm é na formulação dos diagnósticos de enfermagem, dos problemas, é a parte do plano em que nós temos mais dificuldade e nós curtíamos imenso e ela própria por vezes parava para pensar e ela dizia mesmo que gostava disso, fazia-lhe recordar e ter que ir estudar também para casa outras coisas para me dar determinado tipo de respostas e por exemplo ela dizia-me eu gosto de alunos que façam perguntas, enquanto tu às vezes estás com determinadas pessoas que não gostam que tu faças perguntas, tu fazes perguntas e eles ai meu deus e tu nem fazes, fazes uma vez ou duas percebes que eles não gostam e já não fazes.

Entrevistador: Se eu te perguntar qual foi o teu pior estágio e o teu melhor estágio, associas ao estágio em que tiveste o melhor e o pior enfermeiro?

Entrevistado 4: Sem dúvida, é assim é por exemplo, eu acho que, as nossas experiências em estágio eu valorizo imenso e acho que são, por exemplo se perguntar qual foi o estágio que eu mais gostei?, de cuidados Intensivos, se perguntar para onde é que eu quero ir trabalhar?, Cuidados Intensivos, se calhar depois chego lá e como enfermeira não gosto, aquilo não corresponde às minhas expectativas, mas tenho a certeza que as nossas experiências em estágio são extremamente fundamentais para a nossa vida futura, para aquilo que nós queremos, apesar de depois na prática pode ser diferente, assim como os nossos professores, há aquelas pessoas ou as matérias que os diferentes professores abordam, por exemplo a nossa professora que nos dava Pediatria, se calhar não era, nunca foi uma área que me chamasse à atenção, mas eu gostei muito de Pediatria, no primeiro ano eu dizia, ah Pediatria nunca vou gostar muito de Pediatria, eu adorei Pediatria, porque a professora que nos estava a falar de Pediatria fez-me gostar de Pediatria, a forma como ela falou, assim como se calhar há professores que não são capazes de chamar tanto a atenção para determinado assunto e nós também metemos um bocadinho na gaveta e depois às tantas os orientadores do serviço, a forma como eles nos transmitem as coisas são extremamente importantes para nós e nós às vezes olhamos tanto para os professores como para os orientadores e olhamos para eles como modelos, são os nossos modelos, olhamos para um, ai gostava de ser como este, eu não gostava de ser como este, bem essas experiências são extremamente fundamentais e associo plenamente, se me perguntar os estágios que eu mais gostei? foram aquelas áreas em que eu hoje ainda como aluna se pensar, gostaria de ir para, posso depois mudar de ideias, mas há uma associação claro.

Entrevistador: Se tivesses todo o poder do mundo para seleccionares um orientador, quais os critérios que tu utilizavas? Para seleccionares um orientador do serviço, imaginas que eras chefe tinhas que seleccionar um orientador, como é que aquela pessoa teria que ser?

Entrevistado 4: Tem que ser um bom profissional, com conhecimentos, mas principalmente a nível pessoal acho que deveria ter umas certas características, um determinado grupo de características, deixa ver, era o que eu estava a dizer uma pessoa

que, para já que tivesse gosto em ensinar, em transmitir conhecimentos, não uma pessoa que, que fosse disponível, que mostra disponibilidade, uma pessoa que reagisse bem à crítica também e que fosse daquelas pessoas em que, que gostasse de aprender também, porque acho que os orientadores também têm que gostar de aprender, uma pessoa muito disponível, que a nível pessoal também que se relacionasse, daquelas pessoas, como é que nós dizemos, é preciso também ser a nível da personalidade ser uma pessoa que se goste de relacionar com outras pessoas, ser uma pessoa também de mente aberta, que é para não ser daquelas pessoas que é A mais A é isto, não, uma pessoa que também pense de outra forma, tenha uma mente aberta, vamos pensar nisto de outra forma e pronto acho que é uma pessoa que também goste de ouvir os outros, que seja sensível, uma pessoa que seja sensível e que tenha aquela capacidade para interpretar o outro, por exemplo, nós como enfermeiros acho que isso é importante, às vezes nós chegamos, começamos a conhecer os doentes, chegamos ao pé dele ah hoje não está muito bem, acho que isso também é importante num orientador, era como estávamos a falar à bocadinha, se ele conseguir perceber que eu hoje não estou no meu melhor dia se calhar vai ter uma postura comigo diferente e vai trabalhar comigo de uma forma diferente e eu se calhar chego lá não tão rapidamente se calhar como chegaria noutro dia em que se estivesse tão bem, mas chego lá, eu acho que tem que ser uma pessoa sensível, pronto acho que é essencialmente isso.

Entrevistador: E de todos esses critérios, imagina, se tivesses que seleccionar um, qual é que seleccionavas? Qual é que era o mais importante?

Entrevistado 4: A pessoa sensível.

Entrevistador: A pessoa sensível, queres-me explicar o que é a pessoa sensível?

Entrevistado 4: Uma pessoa que seja preocupada com os sentimentos dos outros, que tenha muita atenção na forma como transmite as coisas, que tenha respeito pelos sentimentos dos outros, que esteja atento a isso e que quando eu digo sensível também que tenha, consiga interpretar o porquê dos teus comportamentos, que consiga, que pelo menos faça o esforço para perceber porque é que reagiste assim, porque é que fizeste uma coisa de uma determinada maneira, se calhar não é sensível a melhor palavra que eu podia utilizar, mas é o que eu quero dizer, uma pessoa que esteja lá também quando

tu precisas, que seja mais do que uma orientadora que diga, olha isto faz-se assim, isto faz-se assado, ou é assim que se faz, sinceramente eu penso que mesmo que ele tivesse menos conhecimentos, mas se for sensível podemos chegar lá e eu podia aprender tanto, se ele tiver muitos conhecimentos, mas também se não tiver em conta o meu ritmo de aprendizagem, os meus próprios sentimentos também se calhar não chego lá, acho que é mais ou menos isso.

Entrevistador: Queres-me contar uma situação que tenha sido difícil para ti em estágio, sei lá com um doente, pode não ser com um doente, pode ser uma situação que tenha sido difícil para ti aprender por exemplo, um momento particularmente difícil em estágio, não é preciso ser o mais difícil. Falas-me de uma situação e depois da forma como tu tentaste contornar essa situação.

Entrevistado 4: Neste estágio de psiquiatria em que há determinado tipo de utentes com lesões várias que demonstram comportamentos agressivos e nós não temos, em Psiquiatria só abordamos, falamos no segundo ano, mas na parte teórica, mas trabalhar com doentes mentais só agora no quarto ano, apanhei noutros serviços, mas não é tão trabalhado como agora e eu lembro-me por exemplo com doentes, o doente que tenho atribuído neste estágio ele é muito manipulador, é agressivo verbalmente e está sempre a reivindicar coisas e eu no início tinha muita dificuldade em lidar com ele. Por exemplo eu via os profissionais por vezes, às vezes nós pensamos que estão a ser agressivos, mas não, estão apenas a ser assertivos ao falar de um tom de voz diferente, mas que é necessário falar com eles assim com determinado tipo de doentes e eu pensava: bem eu nunca vou conseguir estabelecer uma relação com este doente, ele fala assim desta forma, eu não sou capaz de impor regras, tinha muita dificuldade e com ele por exemplo quando ele começava a levantar a voz eu pensava, bem eu agora vou mandar –lhe baixar a voz, como é que é?, tinha receios com este tipo de doentes, é verdade e a forma, para já é com o tempo, nós começamos a conhecer o utente, ele também começou a estabelecer uma relação de confiança comigo e de respeito e de certa forma também começamos, olhamos para os outros enfermeiros a forma como eles actuam também e começamos a seleccionar aquilo que achamos bem, que é o mais indicado para nós próprios também sabermos e por outro lado temos também sempre a orientação que necessário, recorrendo sempre ao orientador que ele está lá também para isso, não é, e perguntar bem como é que eu faço?, digo isto, não digo, como é que eu falo e neste

estágio tenho tido por exemplo utentes que têm alucinações, aí estou a ver isto, estou a ver um comboio e é completamente irreal, eu lembro-me da primeira semana que eu estive em estágio, eu lembro-me de um senhor que estava lá a dizer isso e eu fiquei a olhar para ele e não disse nada, agora era, se eu disse-se isso à minha enfermeira orientadora que agora fazia a mesma coisa, bem tu não digas que fazes isso é impossível, nós não devemos, devemos é trazê-los à realidade, não é dizer olhe não está a ver nada disso, mas é tentar conversar com ela, não podemos alimentar aquela alucinação, mas é daquelas coisas que tinha muita dificuldade em lidar, não sabia mesmo, porque é assim na teoria não há nada que nos diga como, é só mesmo na prática, há algumas orientações, mas não há nada que nos diga como é que se faz exactamente e agora neste estágio mais neste aspecto tive algumas dificuldades ou com doentes que apresentavam comportamentos agressivos ou então doentes que apresentam alucinações, não sabia como é que podia ajudá-los, tinha alguma dificuldade e lembro-me a primeira vez que vi um doente a ser agressivo, pensei bem mas que mal educados, há doentes que realmente são mal educados, são agressivos e mal educados, outros são só agressivos, não é, mas perceber que aquilo muitas vezes tem algo por trás, às vezes é complicado, chegar lá às vezes é que é mais difícil, mas também aprender a lidar com este tipo de doentes foi, tem sido uma experiência muito gira, também eu estou a gostar de psiquiatria por causa disso. Tem sido muito giro, por exemplo agora com o meu utente, nós lá só temos um porque temos muitos alunos e então actualmente temos mais alunos que doentes, infelizmente, quer dizer felizmente para os senhores, infelizmente para nós, mas tem sido muito giro, porque tenho conseguido estabelecer uma relação com ele e já sei mais ou menos, já criei as regras e ele respeita essas regras, muitas vezes estes utentes não respeitam muito as regras não é, foi uma das minhas maiores dificuldades.

Entrevistador: E achas que não tinhas conhecimentos teóricos da escola suficientes para aplicares, ou não foste capazes de os aplicar?

Entrevistado 4: É assim eu acho que por vezes acontece as duas coisas, por exemplo em relação aos utentes com comportamentos agressivos nós demos, não vou estar aqui a mentir, nós demos quais são as orientações perante um doente que tem comportamento agressivo, agora pôr em prática é sempre diferente, por exemplo eu lembro-me que no terceiro ano nós fazíamos muitos rollplays, era muito giro, fazíamos muitas simulações

também, pronto às vezes com grande artificialismo, mas dá para treinar um bocadinho e o professor às vezes faz correcções ou dá sugestões de como é que poderíamos dizer, porque é assim a teoria não deve ser diferente da prática.

Entrevistador: Qual a diferença entre a teoria e a prática?

Entrevistado 4: É assim não deve ser diferente, não é, nunca, não deve ser, mas a verdade, eu não acho que, eu não posso concordar que a enfermagem que nós damos na teoria seja muito diferente da prática, eu penso que às vezes sofre adaptações, há algumas alterações, mas é assim a prática vem da teoria e a teoria vem da prática, não é, estão sempre relacionadas, agora a verdade é que muitas vezes nós saímos daqui também com, às vezes eu acho que nós saímos muito presos à teoria e depois chega lá é difícil de nos adaptar-mos, porque vamos muito fixos às coisas que damos na escola e depois sentimos algumas dificuldades por isso mesmo, mas penso que também temos é que nos adaptar e pensar que há coisas que nunca podem falhar não é, os princípios seja neste ou noutro sítio têm que estar presentes, mas por exemplo neste estágio em Psiquiatria há muitas coisas que eu não concordo, como por exemplo, e nós fazemos diferente dos profissionais, que os próprios profissionais, a própria orientadora sabe que não é assim que se faz, por exemplo, um princípio que nós aprendemos, nós sempre que damos uma medicação registamos que damos a medicação e por exemplo nós fazemos isso com os nossos doentes, mas os profissionais lá não fazem isso, chega-se à hora da refeição pega-se na medicação e dá-se aos utentes e depois no final do turno assina-se, nós não fazemos isso, mas ela diz mesmo para nós não fazermos isso, porque ela diz que está incorrecto, mas eu não percebo e já perguntei, porque é que não fazem isso na prática?, parece fácil, ainda por cima eu já perguntei, ainda por cima é um serviço que não parece muito, não, não, há tempo para fazer isso, se não houvesse mesmo tempo, não sei é uma justificação qualquer, mas não percebo porque é que se faz isso e não há utentes atribuídos também, é um enfermeiro que recebe o turno, um enfermeiro que passa o turno e um enfermeiro que faz as notas.

Entrevistador: É o método à tarefa

Entrevistado 4: É, é à tarefa, mas por exemplo eu acho, é engraçado, do género, mas eu vejo a nossa orientadora ela diz, vocês não fazem isto, mas eu vejo alunos que estão com outros orientadores que fazem isso, como por exemplo

Entrevistador: Mas ela faz?

Entrevistado 4: Não, porque a minha orientadora é tipo o chefe, ela não presta cuidados, está lá connosco, ela não presta cuidados directos e mas por exemplo aconteceu que a minha colega deu a medicação a outro doente sem ser o dela e a enfermeira disse: tu podes dar, tu podes dar desde que saibas o que é que estás a dar, porque aquilo é assim, a medicação vem da farmácia nas gavetas, não é, o método de unidose, vem da farmácia nós recapsulamos, metemos numas tacinhas com os números e chega à hora da medicação pegas nas taças, percebes, já não se olha mais para o cardex, a medicação já foi conferida, então por exemplo o meu próprio utente, aquilo é feito à tarde, se eu faço manhã no outro dia eu vejo já, a colega da noite já descapsulou ou então eu só pego na taça, vejo no cardex que ele só tem quatro medicamentos para fazer porque está lá e vejo aqui quatro e eu é que tenho que saber que aquele é o diazepam, aquele é o, percebe, é muito complicado, não tem nada haver com aquilo e os princípios não são respeitados, não é uma adaptação é mesmo uma coisa, na minha opinião os princípios não são respeitados e faz nos um bocado confusão, por exemplo eu não preparo a medicação do meu utente, chego lá dou a tacinha, se eu tenho que confirmar, ah está aqui, nós fazemos isso, mas os profissionais já não fazem isso, pegam já na tacinha do senhor António e vão com a tacinha ao senhor António e nem confirmam, nós temos que confirmar, pronto acho que é um bocadinho complicado e por exemplo nós, eu agora eu já estou lá e já sei que o diazepam é um comprimido pequeno, pequenininho, desta cor, sei que a aminociclina é uma cápsula cor de laranja e não sei quê, mas percebe o que eu quero dizer, é muito confuso e mas pronto adaptamo-nos, mas eu não percebo por exemplo porque é que não se faz de outra forma, como às vezes eu faço, eu costumo fazer muitas questões em estágio e uma das perguntas que eu fiz neste estágio é eles usam o almofariz também e fazia-me confusão eles pronto para desfazer os medicamentos, há utentes que têm que tomar a medicação desfeita, eles não limpam o almofariz e eu perguntei se não havia o risco de interacção, eu acho que não é assim tão descabido e é assim, a justificação foi a minha orientadora, ela podia-me ter dito, eu até aceitava, ah não o risco de interacção é mínimo, não, mas o que ela me disse

foi faz-se sempre assim, percebe e eu pronto está bem, eu sei que se faz sempre assim, mas o que eu queria perguntar era, eu dou um paracetamol, não é, meto depois na, junto com água e ele toma o paracetamol por exemplo, depois vou lá pôr não sei, um nimed, vou lá pôr o nimed desfaço o nimed, mas está lá o resto do paracetamol, ninguém limpa o almofariz e eu penso bem pronto se eles me explicarem que o risco de interacção, bem mesmo que seja mínimo há sempre risco, não é, mas pronto, podiam-me ter dito não não há interacção, não há possibilidade, mas não responderam-me, há mas nunca se limpa, quer dizer faz-se assim porque é assim, isso acontece muitas vezes infelizmente e há coisas que pronto nós vemos que às vezes o serviço se adapta um bocadinho aos alunos, mas isso já é bom, porque pelo menos eles próprios profissionais têm consciência que não fazem bem, agora não sei porque é que não continuam sempre assim, mesmo quando os alunos não estão lá, mas pronto.

Entrevistador: Gostas mais da teoria ou da prática?

Entrevistado 4: Gosto mais da teoria.

Entrevistador: Da teoria, mas porquê?

Entrevistado 4: Ah, porque é assim, pelo menos é a ideia que eu tenho, eu lembro-me que no primeiro ano, mas mais no segundo ano, nós apanhamos algumas desilusões, alguns dissabores, chegamos lá e vemos que as coisas não são realmente assim, na teoria nós criamos sempre algumas, parece que, isto não se pode dizer na minha opinião, mas pronto parece que são coisas diferentes, não são, não é, as pessoas é que fazem com que as coisas sejam diferentes, porque as coisas não são, mas realmente por exemplo eu sempre gostei muito de cuidados de saúde primários, sempre gostei muito e é assim se eu visse que os cuidados de saúde primários funcionavam como eu dou na escola eu dizia: ai eu gostava de trabalhar em cuidados de saúde primários, mas depois na prática por exemplo não se vê aquilo que nós aprendemos, os cuidados que nós damos na teoria não se vê na prática, não são aplicados, não há, aquilo, muitas das coisas que nós damos na teoria na prática não se vê, não existem e então eu penso uma pessoa vai para um sítio tenta implementar, tenta fazer isto ou aquilo, mas quer dizer é muito complicado, obviamente se nós não tentarmos não vamos a lado nenhum e se pensarmos assim também nunca fazemos nada, mas é muito muito complicado.

Entrevistador: Mas porque é que achas que os conhecimentos são tão diferentes na teoria e na prática?

Entrevistado 4: É assim, eu não acho bem os conhecimentos, porque por exemplo neste estágio eles têm conhecimentos, só que acho que é mais, às vezes é mais fácil fazer de determinada forma, é mais rápido, não sei e as pessoas acabam por se acomodar um bocadinho e fazer de outra forma, porque e é o que às vezes digo a enfermagem é tão gira, nós temos tantas áreas de intervenção, há tantas, tantas, tantas e na prática vê-se tão poucas, nós temos tanta coisa que podemos fazer, mas na prática, por exemplo olha vejo lá no serviço onde eu estou agora, uma das coisas que eu perguntei, eles querem instalar aquele programa informático, não sei se a enfermeira já ouviu falar para prestação de cuidados, onde eles fazem as notas e uma das justificações que me deram, eu já tive num hospital privado no x a fazer estágio e nós lá utilizava-mos esse programa informático, realmente é prático e eles ah é muito prático e assim, uma das justificações que eles me deram foi e assim olha pelo menos fica registado tudo aquilo que tu fizeste e eu disse, mas nas notas escritas também? só que não, eles não acham, porquê, porque nas notas escritas, as notas dos alunos por exemplo são completamente diferentes das notas de um profissional, nós falamos da alimentação, dos cuidados de higiene, abordamos as várias necessidades, os profissionais não, às vezes está tudo bem, sem alterações, vamos ver notas é uma linha sem alterações, quer dizer é muito complicado e eles então a ideia que eles têm é que com aquele programa, eles querem instalar lá no serviço, no hospital esse programa a cip, é um bocado complicado, estão com alguns problemas, mas criam instalar, eles acham que com esse programa as pessoas vão realmente escrever, quer dizer escrever no computador, mas pronto, vai ficar tudo registado, porque acham que quem lê notas de enfermagem parece que não se fez nada e parece mesmo porque não escrevem e eu perguntei então mas vocês podem escrever nas notas e eles pois, mas porque é que eles não escrevem?, pronto faz-me um bocado confusão, pronto faz-me mesmo muita confusão, mas é assim, como estava a dizer mais no segundo ano uma pessoa chega lá e vê que muitas das coisas que tu aprendes e que tu valorizas as pessoas não aplicam e se calhar as coisas mais giras, as pessoas valorizam se calhar outro tipo de coisas, mas há tanta coisa para valorizar, tens tanta coisa para fazer como enfermeiro que acabas por não fazer, parece que ligas mais a aspectos médicos, não sei, parece que por exemplo nas notas, o que põem lá nas notas falam só punctionou, fez penso e não sei quê e então não se fala no estado emocional do

doente, não é, agora na psiquiatria é um bocadinho diferente, mas noutro tipo de serviço, nós temos tantas áreas de, há tanta necessidade que pode estar afectada e onde nós podemos ajudar os doentes, não é, não sei às vezes acho que se esquecem um bocadinho das coisas, não sei, mas que a teoria, nós chegamos à prática com aquela teoria e muitas vezes ficamos decepcionados eu já me aconteceu e é negativo.

Entrevistador: Que competências é que tu achas que adquiriste até agora para vires a ser uma boa enfermeira? Se calhar, diz-me o que é para ti uma competência, se calhar é mais fácil pensares no que é uma competência e depois

Entrevistado 4: Em relação a este curso e no outro dia estávamos a falar com outros colegas, a nível, é assim deu-me muitas coisas a nível profissional claro, mas principalmente a nível pessoal, isto é, não só quando eu estou a ser aluna de enfermagem, mas a nível pessoal, com os amigos, com o namorado, com a família, enfim com quem quer que seja aprendemos muitas coisas e ficamos despertos de, somos estimulados para determinados aspectos que sem, se calhar não é só neste curso, mas que se calhar noutro contexto não conseguiria adquirir ou desenvolver essas competências, por exemplo competências de relação de ajuda, acho que, depois competências também de comunicação, de comunicar com os outros, competências técnicas claro, a enfermagem pronto é o que eu digo, para mim a enfermagem tem muito mais, as competências técnicas para mim são se calhar as menos importantes, eu lembro-me até quando se falou nos Tac, nos profissionais, nós estávamos a discutir e uma colega minha disse uma coisa que achei muito importante, ela disse: eu até preferia que um auxiliar me substitui-se numa algaliação do que no estabelecimento de uma relação de ajuda com um doente, não sei se percebeu o que ela quis dizer, mas é assim as técnicas têm os seus princípios, mas acho que o mais importante de enfermagem não são as técnicas, às vezes nós é que valorizamos mais as técnicas, mas o estar com o outro, ajudar o outro e nós conhecemos as pessoas como mais ninguém conhece numa instituição de Saúde, não é e acho que é isso, relacionar-me com as outras pessoas e tentar ajudar os outros foi uma das coisas que eu mais gostei no curso e este curso ajudou-me mesmo a nível pessoal, com a família, com os amigos, a forma como eu falo com eles, às vezes, agora faz-me um bocado confusão, mas se calhar dantes fazia o mesmo, alguém está mal, está deprimido, sente-se triste, teve algum problema e a gente diz: há não se preocupe, amanhã estás bem, já não sou capaz de dizer isso, porque sei

que não se deve dizer isso e é assim se calhar eu aprendi isso aqui, não aprendi noutra sítio, também aprendi por experiência própria, porque não gosto que me digam isso, não é, estão a desvalorizar o que eu estou a sentir, mas aprendi principalmente a relacionar-me com as outras pessoas e acho que o curso de enfermagem ensina-nos muito esse tipo de coisas que é muito importante, acho que as competências técnicas é importante, mas não é o mais importante.

ENTREVISTA 5

Entrevistador: Já passaste por vários estágios, tiveste um de Novembro a Dezembro, o estágio antes deste, qual é a tua opinião global acerca desse estágio?

Entrevistado 5: Para mim foi o melhor estágio que eu tive até agora, foi, acho que foi a enfermeira orientadora no campo acho que soube me orientar muito bem, acho que foi a única que digo que cem por cento me orientou, deixou-me sozinha mesmo quando via que eu conseguia fazer as coisas e estava constantemente a perguntar-me se me sentia à vontade, deu-me trabalhos para eu estudar, tinha consciência que nós na escola não damos assim tanta atenção a vários e numa Unidade de Cuidados Intensivos que era específica, cardiorácica e ela deu-me aquilo e não me fazia perguntas constantes, porque achava que, pronto não era pertinente, ela estava mais para o trabalho que eu fazia, para o que é que aquilo servia, era porque tenho bons conhecimentos suficientes para estar ali, para mim foi o melhor estágio, foi muito bom, a enfermeira chefe do serviço disse-me que se eu tivesse mais uma semana poderia já ter doentes a meu cargo que a nível de equipa que eu estava muito bem, para mim foi o melhor estágio, também foi onde tive melhor nota, apesar de que eu não acredito que tenha essa nota?

Entrevistador: Porque é que estás a dizer isso?

Entrevistado 5: Porque, por experiência de outros anos mesmo que saia com muito bom nos estágios, na pauta nunca aparece lá, muito mais baixa.

Entrevistador: Achas que este estágio foi o melhor estágio que tiveste?

Entrevistado 5: Sim

Entrevistador: Em termos de orientador, para além de te dar bibliografia, integrar-te na equipa, o que é que queres dizer com o integrar-te na equipa?

Entrevistado 5: Apresentou-me a todos os elementos, muito preocupada, nunca me deixou ir almoçar ou jantar sozinha, acontecia-me muito nos outros serviços esquecerem-se da aluna e nunca me perguntarem olha queres ir comer?, podes ir comer

com eles, super preocupada, parecia uma mãe mesmo, uma mãe que me adoptou completamente no serviço e então ela nunca ia comer fora do serviço, comia sempre lá, mas sabia que eu ia ao refeitório e então via sempre quem é que podia ir comigo e eu ia com eles, sempre super preocupada que eu não comia de manhã e que tinha que ir comer, porque aquilo era muito movimento e que se me estava a sentir bem, porque assistimos logo no segundo turno a uma senhora que faleceu e se eu quisesse sair que saísse, que era normal não me sentir à vontade, não era em todos os estágios que eu via, pronto deixou-me mesmo à vontade.

Entrevistador: Disseste que ela não fazia perguntas constantes, não achas que perguntar é importante?

Entrevistado 5: Depende do que me perguntarem, depende muito muito muito, há coisas que eu acho que no estágio não é pertinente, por exemplo o ciclo de krebs, por exemplo, quer dizer nós damos isso em Biologia, em Biologia não, em Bioquímica no primeiro ano, mas depois para enfermagem às vezes, pronto perceber sim a fisiologia do organismo mas depois cai-nos assim aquela pergunta no estágio e ficas está bem, não era bem isto que se calhar estava à espera que ela perguntasse, por exemplo pegar assim olha este é o teu doente e agora diz-me lá qual é a doença que ele tem, então o que é que sabes sobre essa doença e achas que a medicação está de acordo com o que ele tem ou porque é que achas que ele tem isto aqui, será que ele tem esses antecedentes.

Entrevistador: E ela fazia-te isso?

Entrevistado 5: Sim, ela fazia mesmo, ela perguntava, então porque é que achas que ele toma este medicamento?, é porque ele não está com a tensão alta, porque é que se calhar ele tem isto e depois eu dizia porque como ele está a reter líquidos, pronto e eu chegava lá, não era preciso eu estar com aquele stress de ir estudar para casa e ela amanhã se calhar vai-me fazer uma pergunta muito difícil, não porque eu chegava lá, ela deixava-me tão à vontade que eu não stressava, porque eu às vezes acho, quando estamos sob o stress, mesmo o que sabemos bloqueamos e não respondemos e ela não, eu conseguia lá chegar.

Entrevistador: Achas que o stress é mau em estágio? Porquê?

Entrevistado 5: Acho que, eu tive uma experiência já aqui a fazer um BM teste, que a senhora tinha as extremidades muito frias, muito pálidas, quando dava a picada eu estava ali, espremia, espremia, espremia e eu estava de costas para o enfermeiro orientador e eu comecei a ouvi-la a falar, mas pensava que não era para mim, que era do tipo estás com problemas? resolve-os, mas eu nem pensava que era comigo e não lhe dei resposta, sinceramente não pensava que era comigo, porque podia-me ter tratado pelo nome, qualquer coisa assim, não não não, não me tratou pelo nome, depois é que vi que era comigo, porque ela estava à minha frente quando eu levantei a cabeça ela estava à minha frente a falar comigo e sinceramente eu não respondi, tive que pensar para dentro e não respondi e sei que depois fui ao café com os doentes e tinha as mãos a tremer, inconsciente aquilo não tinha corrido bem porque quer dizer estar uma pessoa a falar daquela maneira para mim foi horrível e o stress para mim, não vale a pena, não funciona, há pessoas que precisam de um stress, não eu sou muito organizadinha, eu sei que tenho que estudar, nós temos que ter consciência que nós temos as nossas dúvidas e acho que ninguém gosta de viver com essas dúvidas, eu quando tenho dúvidas vou procurar e se não consigo encontrar pergunto aos enfermeiros, pergunto aos professores, não é preciso estarem ali com aquele stress, acho que não.

Entrevistador: E com esse enfermeiro, perguntas?

Entrevistado 5: Com esta não, mas sinceramente nunca tive muitas dúvidas aqui, acho que este ano tivemos, os nossos colegas fizeram um trabalho de grupo a nível de psiquiatria e acho que sinceramente estavam muito bons, tivemos uma frequência antes de vir para este estágio não faz muito tempo e ainda tenho as coisas muito na cabeça e então é muito fácil, muito fácil, não tive assim grandes dificuldades, mas também como ela não se mostra muito disponível, apesar de ela na avaliação, a única que nós fizemos, dizer que nós não perguntamos o que acha muito estranho, ela se calhar era melhor questionar-se a ela própria porque se calhar também não a questionamos, não é só, pode ser nosso, mas também pode ser da parte dela.

Entrevistador: De todos os estágios qual é que gostaste mais? Foi este, o de

Entrevistado 5 : O de Unidade de Cuidados Intensivos

Entrevistador: Para além do orientador, porque é que também gostaste deste estágio?
Já me falaste do orientador

Entrevistado 5: O ambiente de Unidade de Cuidados Intensivos, acho que aquela movimentação, aquela falta de rotina, porque os doentes estão sempre a mudar e a minha destreza manual a nível de soros e torneiras, aquilo tudo para mim foi ótimo, gostei muito, acho que aquele ambiente eu gostaria, se algum dia tivesse que ir para lá era para Unidade, tenho ideia que devo começar em Medicina porque também tive uma belíssima experiência em Medicina no segundo ano, adorei esse estágio também e dizia aos enfermeiros que não me importava de ir trabalhar para aquela Medicina, também me diziam ai isto é uma Medicina muito boa, não é todas as Medicinas, não te iludas, pronto eu gostei daquela Medicina, gostava de começar numa Medicina, mas não me importava nada depois de já ter calado ir para uma Unidade de Cuidados Intensivos, acho aquele ambiente muito bom, acho que as equipas são muito unidas e eu quando cheguei ao primeiro ano nós falávamos tanto em trabalho em equipa, aquela relação de ajuda, cheguei ao primeiro ano, serviço de cirurgia e eu achei que aquilo não era nada daquilo que me tinham dito, aquela filosofia que é um bocadinho triste, porque eu fui para enfermagem mesmo por gosto, mas não tinha ninguém na família que me pudesse dizer como é que é ser enfermeiro, era aquilo que eu via nos filmes e que era aquilo e desde miudinha o que me podiam oferecer eram aquelas malinhas de enfermeiros e eu lá andava toda contente e então fiquei muito triste e foi um choque para mim, apesar de também essa enfermeira que me orientou o primeiro estágio era muito muito querida, era da escola x, sabia muito bem como é que a escola funcionava e então acho que me apoiou muito, mesmo muito e também na avaliação disse-me que não me ia dar mais nota porque já sabia que era um primeiro ano e que com certeza não me iam dar melhor nota por isso e aí fiquei logo a ver como é que isto funcionava.

Entrevistador: Quando dizes que ela te apoiou muito, o que é que queres dizer com isso?

Entrevistado 5: Apoiou-me em termos que ela via que eu achava que a equipa não funcionava bem e os elementos não aceitavam bem os alunos, eu lembro-me numa altura, uma colega minha que estava lá a enfermeira mudou de turno não a avisou e depois ninguém queria ficar com a minha colega, portanto foi atribuída a uma

enfermeira e a enfermeira quando a enfermeira chefe disse que ela ia ficar com a aluna, ela disse que não ficava porque não era professora, não era mãe e não queria ninguém, à frente da minha colega, a minha colega quase que chorou, porque era o primeiro ano, o primeiro estágio, quer dizer aquele choque, lá estive a minha enfermeira que ficou com ela e pronto também era género uma mãe.

Entrevistador: Porque é que achas que não havia, porque é que achas que eles não gostavam de ter alunos, não gostavam de alunos?

Entrevistado 5: Não gostavam, porque eles diziam mesmo que não tinham paciência de ter os alunos atrás deles, não percebo muito bem porque era, não percebo. Havia lá três enfermeiros sim que eram sempre os de eleição, que a enfermeira chefe também tinha consciência que nem todos os enfermeiros eram adequados para ficar com alunos, tinha consciência e então tentava que sempre esses três elementos ficassem sempre com alunos, pronto e sinceramente também sou de acordo com a enfermeira chefe porque eles eram os melhores, eram capazes de sentarem-se connosco e dizerem olha tens que fazer isto, porque tens que fazer, explicar aquilo tudo.

Entrevistador: Eles eram escolhidos porque explicavam tudo, quais eram as outras características que eles tinham?

Entrevistado 5: Eram os melhores porque para além de explicarem não nos abandonavam no serviço, não se aproveitavam do facto de nós sermos alunos para sermos nós a cuidar dos doentes todos, porque o objectivo não é esse, o objectivo não é nós chegarmos a um serviço e dizerem-nos agora avalias os parâmetros vitais de todos os trinta doentes em que não tem lógica nenhuma, em que, nós não questionamos, pode ser uma parvoíce nossa, porque não nos dizem olha atenção que aquela senhora tem a tensão alta se vires que a tensão, vem nos avisar, porque até tem terapêutica para fazer, mas não, não nos diziam nada, então nós fazíamos aquilo porque nos pediam, quer dizer e não fazia muita lógica, começávamos numa cama e parávamos na outra eu acho que devia ser nós fazíamos as avaliações dos nossos doentes, eles vinham connosco que era para ver o que nós fazíamos, porque depois na avaliação se eles não andam connosco o que é que eles nos avaliam?, já me aconteceu, bem o segundo ano foi muito bom na Medicina, mas depois na cirurgia específica foi horrível, em que acharam que eu era

muito independente e como era muito independente então deixaram-me pronto sozinha e não via nada nada do que eu fazia, pensos, se eu respeitava a técnica asséptica, nos injectáveis se eu tinha o cuidado de mudar a seringa depois de aspirar, nada, não viam nada disso, que eu acho que até é importante ver, porque aí estão os princípios científicos que nós devemos cumprir, não via nada, sinceramente não sei o que é que ela avaliou, o único facto que ela me apontou foi que eu nunca estava na sala de enfermagem, onde estavam a fumar e eu até não fumo, porque o tabaco até me aflige bastante, eu estava ao pé dos doentes, mas ela não disse onde é que eu estava, eu estava ao pé dos doentes, estava a conhecê-los, então e, por acaso não era uma professora da escola, era uma enfermeira externa que estava comigo na escola a orientar o estágio que por acaso era a enfermeira chefe do serviço de Medicina onde eu tinha estado a estagiar e em que ela me conhecia, tinha prestado cuidados comigo, achava-me muita graça e depois olha fazia-me uma data de perguntas para ver se eu sabia mesmo e ela dizia que achava muito estranho a descrição que essa enfermeira fazia de mim, porque não tinha nada haver com o que ela tinha visto, portanto disse que queria falar comigo depois da avaliação porque queria saber o que é que se tinha passado mesmo no estágio.

Entrevistador: Tiveste sorte com a professora pelo menos

Entrevistado 5: Foi, porque naquilo tudo quem ficou mal vista era eu, que nós temos que ter autonomia, mas a enfermeira achou que não devia de ter autonomia naquela altura, aí comparamos realmente a autonomia e foi mal avaliada, não sei.

Entrevistador: Porque é que tu achas que os enfermeiros, aqueles que achavas que não eram competentes te punham a ver tensões da Cama um à cama não sei quantos?

Entrevistado 5: Não sei, não faço a melhor ideia, não, ou não, acham que é importante, não sei não, para ter tempo para fazer outras coisas, sinceramente não sei, acho que nós víamos que eles estavam a fazer outras coisas, não é, ou estavam na conversa demoravam mais tempo no café é mais ou menos isso, mas prontos, custa-nos um bocado

Entrevistador: De todos os estágios que tiveste qual foi o que enfermeiro achaste que foi o melhor enfermeiro orientador, o mais competente? Foi este o último?

Entrevistado 5: Foi

Entrevistador: E o menos competente para orientar?

Entrevistado 5: Não sei se foi a enfermeira que eu tive em cirurgia, em neurocirurgia, ou se foi esta que estou a ter agora neste estágio, sinceramente, acho que são muito equivalentes.

Entrevistador: Diz-me assim as características delas que as tornam menos competentes para orientar?

Entrevistado 5: De acordo com o que eu acho que para mim é importante numa orientação é talvez o andar sempre connosco, eu percebo que não, nós também temos que ter a nossa autonomia, mas dar-nos, vir ter connosco perguntar o que é que nós fizemos, ver o que estamos a fazer, aí está bem, então porque é que fizeste isto?, está bem, mas sabes porque é que estás a fazer, não sabes? e não nos pedir para fazer o trabalho que eles têm que ser eles a fazer essencialmente.

Entrevistador: Imagina que tinhas todo o poder do mundo para seleccionares um orientador quais eram os critérios que utilizavas, eram estes ou eram outros ainda?

Entrevistado 5: Não, eram basicamente estes que eu disse, não nos deixarem sozinhos no serviço, integrar-nos nos vários elementos da equipa e depois eu acho que eles já foram alunos, é muito importante isso, já foram alunos e pelo menos já tiveram experiências com orientadores eu acho que eles também sofreram, se calhar também sofreram, eles se calhar estão a fazer o que fizeram a eles, não é correcto, eu acho que eles têm que pensar um bocado e ver que não é, eles têm também, se calhar porem-se no nosso lugar e ver que custa, eles depois têm que ver que nós já estamos integrados e dar-nos então a tal liberdade, mas ao mesmo tempo não nos deixarem sozinhos, não é por nós fazermos uma vez que na segunda vez já podemos fazer sozinhos, geralmente é essa, fizemos uma vez, fizeste muito bem, olha agora podes fazer sempre sozinha, então e se um dia eu fizer porcaria?, é que o responsável é ele, eu acho que eles às vezes não têm consciência disso, se alguma coisa correr mal não somos nós e acho que é muito perigoso esta atitude dos enfermeiros quando estão com alunos

Entrevistador: De todos os critérios se tivesses que seleccionar um era esse o da atitude o de estar lá que seleccionavas?

Entrevistado 5: Sim

Entrevistador: Já passaste por vários estágios que competências é que tu achas que até agora adquiriste em estágio que vão fazer com que sejas boa enfermeira? Se calhar é mais fácil pensares o que é que é para ti uma competência, não sei se queres dizer o que é que é para ti uma competência?

Entrevistado 5: Uma competência é uma qualidade, uma boa qualidade e ao longo destes estágios acho que a comunicação e a relação de ajuda, apesar de eu acho que sou uma pessoa que nunca quis fazer sempre as coisas sozinha, sabia que era trabalho de grupo, de equipa, nunca gostei de fazer as coisas sozinha, acho que há personalidades que são diferentes e que é difícil trabalharem em conjunto, pronto mas

Entrevistador: Estás a falar do trabalho em equipa

Entrevistado 5: Sim

Entrevistador: Consegues pensar num momento, numa situação, quais foram os momentos particularmente difíceis para ti em estágio? Uma situação que tenha sido difícil para ti em estágio e o que é que fizeste para resolver essa situação? Pode ser em termos de aprendizagem, pode ser com um doente, o que quiseres

Entrevistado 5: Lembro-me no segundo ano na Neurocirurgia que foi muito complicado o estágio porque nós não tínhamos bases teóricas, nós não damos Neurocirurgia Enfermagem damos só médica, então no estágio de enfermagem pronto não sabia, não sabia porque é que o senhor não se podia levantar, porque é que tinha que estar de lado e perguntava-se aos enfermeiros e era uma enfermeira muito nova e ela dizia: ah não sei responder, então foi muito difícil, tive que andar à procura, muita bibliografia, muito estudo, muito estudo e foi um estágio muito competitivo e foi muito difícil porque na altura a minha avó tinha morrido e eu nunca pensei que aquilo me custasse muito e sempre que eu via uma velhota era um sacrifício e nesse estágio

também fiquei com uma doente que tinha a idade da minha irmã, mais velha que eu e que tinha uma situação muito difícil, que não tinha tratamento e aquilo mexeu muito comigo e a preocupação dela e o médico deixou-a muito triste e a minha vontade era sair dali e chorar porque.

Entrevistador: Houve alguém que se tivesse apercebido disso, que tivesse tido a sensibilidade de perceber, da parte da equipa de enfermagem?

Entrevistado 5: Não, não porque eu também não tinha à vontade naquela equipa para falar, a equipa era muito conflituosa entre os próprios membros, a enfermeira chefe era muito nova no serviço e então aquilo era um bocadinho complicado, um estágio um bocadinho complicado e então a única pessoa foi a professora que me estava a orientar, era a tal enfermeira chefe do serviço em que eu tinha ganho uma relação, ela sim apercebeu-se e ficou muito preocupada comigo, porque dizia que se calhar eu já não devia estar a tratar dessa doente e se calhar já não era terapêutico e eu tentei - lhe dizer pronto para não se preocupar, que eu tinha que crescer, que eu própria tinha que crescer e que pronto, que eu queria cuidar na mesma que era para criar as minhas próprias defesas, acho que foi a situação mais difícil se calhar e ainda este ano eu fui lá e ela foi operada outra vez e os familiares conheceram-me e vieram falar comigo, pronto, foi bom saber.

ENTREVISTA 6

Entrevistador: Já passaste por vários estágios, tiveste um estágio de Novembro a Dezembro que foi, que corresponde ao estágio de integração à vida profissional, o estágio antes deste

Entrevistado 6: Ah sim, Saúde Mental

Entrevistador: Podes pensar nesse estágio, qual é a tua opinião acerca desse estágio?

Entrevistado 6: Que fiz naquele mês?

Entrevistador: Sim, sim

Entrevistado 6: Foi uma área, Saúde Mental, que eu não queria nada, nada, nada, mesmo de todo, primeiro porque era uma área que eu conhecia muito pouco e era uma área que eu detestava pelo tipo de patologias, por ser tão, por haver uma barreira tão ténue entre o doente e nós e às tantas a gente questionar-se mesmo de tudo o que há em nós e então em termos emocionais foi muito exigente, mas foi um estágio muito gratificante, porque não só por passar a ver as pessoas e passar a ver a saúde mental como uma coisa essencial e uma coisa bonita até, mas também porque tive a possibilidade de estar a estagiar num hospital de dia em que o acompanhamento que era feito aos utentes era em todas as dimensões mesmo e como nós aprendemos na escola. Estive só dois dias na enfermaria, não um dia mesmo, o estágio foi só um dia e pronto foi uma realidade completamente diferente, mas o hospital dia foi de facto espectacular, porque via-se mesmo o trabalho da equipa multidisciplinar, enfermeiro, psicopedagogo, psicólogo, a técnica do psicodrama, todas as pessoas a trabalhar para aquela pessoa, gostei imenso, foi uma surpresa mesmo super agradável e gostei imenso, gostei muito, com vontade de continuar e de, tu notas a evolução das pessoas, também há outra coisa lá que é quando me disseram na escola que no primeiro dia de estágio não levas farda nem bata vais só com a tua roupa e é assim que vais andar o estágio todo e eu disse ah, achei aquilo estranhíssimo e é engraçado porque a aproximação que tu tens dos utentes é extraordinário, é mesmo porque o facto de não teres a bata já tira alguma barreira, não é, que à partida se cria e pronto não há falta de respeito, não há ou por seres mais nova,

estás sem bata não sei quê, não tem nada haver, as pessoas aproximam-se de ti de uma maneira, confiam em ti e vão à tua procura e é muito giro, gostei muito, mesmo.

Entrevistador: Para além de teres gostado da equipa, dizias que a equipa digamos se esforçava por fazer alguma coisa pelo doente, fala-me um bocadinho da equipa, na forma como te ajudou a aprender em estágio, depois na tua enfermeira orientadora, no teu enfermeiro orientador.

Entrevistado 6 : Em relação à minha enfermeira orientadora neste estágio era uma pessoa super acessível, mas pouco disponível, ou seja, em todos os momentos em que nós estávamos com os utentes como era tudo terapia de grupo portanto eram tudo momentos em que estávamos com o grupo, eram doze utentes eu ela e mais alguns técnicos que tivessem que estar, nesses momentos ela deixava-me fazer parte da equipa e eu conseguia-me ir integrando e aprendendo algumas coisas, mas fora disso ela tinha muito pouca disponibilidade, porque andava sempre de um lado para o outro, de um lado para o outro e então acho que só tivemos um momento a meio do estágio em que paramos e fizemos o balanço e ela me perguntou dúvidas, ânsias, receios e pronto são os meus momentos e então nesse sentido eu acho que falhou um pouco e nós até depois chegamos a falar sobre isso, na avaliação final e tudo e pronto a mim falhou.

Como é que me ajudaram? Ajudaram-me porque despertaram em mim vontade de acabar o turno e ir para casa estudar, perceber aquela linguagem chinesa que eles às vezes falavam e que eu não percebia, portanto nesse sentido estimularam-me e deram-me vontade de ir estudar e de saber mais.

Entrevistador: O que é que eles tinham para te estimularem, que capacidades é que eles tinham?

Entrevistado 6: Profissionalismo, empenho a cem por cento, isso muitas vezes transparece mais do que, ou marca mais do que uma pessoa que notas que é desligada dos utentes e que notas ok faz-se o que se tem que fazer mas não quer cá muitas confianças e que depois ao fim do turno vem então e tal dúvidas, então o que é que achaste, acho que funciono menos neste padrão, do que a pessoa, mesmo que as pessoas tenham pouco tempo para ti mas se mostrar, pelo menos comigo funciona assim, mostrar-me aquelas oito horas que de facto é uma profissional a sério e que de facto

sabe o que está a fazer e que se entrega e então aí sim, aí foi, pronto foi, como é que hei de dizer, um estímulo muito grande nesse sentido para mim

Entrevistador: Gostaste do estágio de Psiquiatria, foi o estágio que gostaste mais?, queres-me dizer qual é que foi o estágio que gostaste mais, o que gostaste menos e porquê?

Entrevistado 6: Desde o primeiro ano, não é, é pá já lá vão tantos anos. Bem eu lembro-me de, bem isto é um bocado triste de dizer, apesar de enfermagem ser sempre aquilo que eu quis mesmo, eu nunca cheguei ao fim de um estágio com a sensação de, tenho a certeza que é isto que eu quero, isto aquela determinada área, não estou a dizer enfermagem, enfermagem não tenho dúvidas, há qualquer coisa cá dentro que diz que é isto que eu quero e eu sei qual é a área em que eu gosto em que eu gostaria de trabalhar por aquilo que eu sei que posso fazer e não por aquilo que eu vi fazer, não sei se me faço entender, ou seja, por exemplo a minha área de eleição, o que eu quero mesmo é cuidados de saúde primários, ou na área de cuidados continuados ou na área de educação para a saúde, embora nesta área tenha tido a minha pior experiência, portanto é um bocado ambíguo, não é, mas se calhar por ir com mais expectativas, por ser uma área em que eu, por mim me quero formar mais e chegar à realidade e ver uma discrepância tão grande entre aquilo que nós idealizamos ser e entre aquilo que nós gostávamos que fosse e o que de facto é, se calhar por isso terem sido negativas para mim, embora eu diga que é aquilo que eu quero e pronto, nomeio o meu primeiro estágio de cuidados de saúde primários, que foi no Centro de Saúde x, no primeiro ano, foi o meu segundo estágio desse ano e foi a experiência mais negativa.

Entrevistador: Mais negativa, queres me contar, porquê?

Entrevistado 6: Porque tudo funcionava errado, a equipa tinha três enfermeiros em que havia um enfermeiro na sala de pensos e dois enfermeiros em cuidados continuados, saúde escolar não existia, cuidados continuados era cinco minutos em casa de cada utente, fazer pensos, hoje não tenho tempo, amanhã a gente conversa, vamos embora a correr, porque temos muitos doentes para ver hoje e na sala de pensos era todo o tipo de coisas exactamente ao contrário de tudo o que nós aprendemos na escola, tudo ao contrário, não só em termos relacionais, mas mesmo em termos de técnicas, de

princípios científicos, princípios básicos que nós aprendemos na escola e no primeiro ano então nós para essa área estamos muito mais despertos, não é, porque é a primeira vez que nós ouvimos aquilo na escola e então ainda estamos com aquela mente do secundário em que para isto é assim assim assim, estamos muito mais despertos e eu recorde-me que via fazer tudo ao contrário do que tinha aprendido na escola e então aquilo para mim era um choque, como é que é possível pessoas formadas e que ganham para exercer uma profissão fazerem tudo ao contrário do que aprenderam na escola, de certeza que aprenderam, portanto foi a minha experiência mais negativa, por este choque tão grande que eu senti entre aquilo que eu via na escola e aquilo que eu logo nessa altura já tinha vontade de fazer e chegar à prática e ver que nada daquilo funcionava e outra das coisas que também me marcou negativamente foi saber que por exemplo enfermeiro de família que para mim é assim uma coisa! não existe, que é uma miragem, percebes, pronto todo este tipo de coisas, por ser uma área que eu queria muito e por ser uma área que eu continuo a querer e em que eu me quero formar e depois ser uma área que me decepcionou tanto por fazer tão pouco, por isso eu tive a minha experiência mais negativa.

Entrevistador: Em termos de orientação, a orientação do enfermeiro que este contigo influenciou alguma coisa?

Entrevistado 6: Muito, muito, foi zero, eu não tinha só um enfermeiro orientador, tinha os três, tinha o enfermeiro na sala de pensos e os enfermeiro de cuidados continuados e se dava jeito eu um dia ir com o motorista e com uma enfermeira ia com eles, se dava jeito no outro dia ir com outra enfermeira e com o motorista ia com ela, pronto se naquele dia havia muita gente se precisavam na sala de pensos ficava na sala de pensos, foi, não houve acompanhamento, não houve e depois cheguei ao último dia de estágio e a enfermeira deu-me muito bom e aquilo ainda me revoltou mais, quer dizer ela teve comigo pouco ou nada

Entrevistador: Foste avaliada só por uma depois?

Entrevistado 6: Depois foi só uma que me avaliou no fim, quer dizer foi a que sempre seria a minha responsável, no primeiro dia foi-me apresentada como a minha responsável, mas que entretanto, depois também acho teve o filho doente pelo meio,

tudo assim também uma data de intercorrências, mas mesmo a postura dela não era de, de ensino, não era disponível vá e então isso também influenciou muito, sem dúvida, porque ás tantas quer dizer é o teu primeiro contacto não com enfermagem, porque o meu primeiro contacto com enfermagem foi no estágio anterior, mas o primeiro contacto com enfermagem de cuidados de saúde primários, sentes-te completamente perdida, ninguém te explica nada do que é que se está a fazer, se é suposto ser assim se não é, se é a tua escola que é do século passado, ou, estás a perceber e então isso influenciou muito também.

Entrevistador: Quando dizes que a postura dela não era de ensino, o que é que queres dizer com isso ?

Entrevistado 6: Quero dizer que por exemplo, geralmente, não sei, estava a pensar para dar exemplo, imagina estás a efectuar determinada técnica, geralmente têm me acontecido, considero isso boas experiências que as pessoas explicam-me o que é que estão a fazer e porque é que estão a fazer e esta enfermeira não, não explicava nada, para além de fazer tudo muito atrapalhado, porque eu sabia, ou saberia o que ela estaria a fazer, porque já tinha visto na escola, mas havia coisas que não, seria o meu primeiro contacto, se eu perguntava a resposta era assim muito vaga, primeiro assim um olhar do género, estás a perguntar-me isso!, vai para casa estudar e portanto também perguntei uma ou duas vezes e depois a pessoa fica intimidada, não é, fica assim ok pronto não vou perguntar nada, vou apontar num papelinho e vou ver para casa, portanto nesse sentido não e também nunca perguntar então como é que está a correr o teu estágio?, estás a gostar ou não estás?, pontos negativos, pontos positivo na tua aprendizagem, na minha postura para contigo, quais são os teus objectivos? , o que é que queres saber mais?, este tipo de coisas que portanto, que é a tua postura como aluna, se é que queres aprender alguma coisa, não é, durante o estágio e que gostas que seja a postura da pessoa que está contigo, pelo menos que queira saber como é que tu estás, pelo menos querer saber, por exemplo essa enfermeira que teve comigo no hospital dia, o exemplo que eu dei do hospital x, tinha uma coisa muito importante, perguntou-me por duas vezes, geralmente as nossas auto-avaliações, mesmo as formativas a meio do estágio é então críticas da enfermeira para contigo, não é, como é que está a correr, o que é que podes melhorar, o que é que já atingiste, o muito bom, mas ela fazia uma coisa interessante, que era fazia esta parte da avaliação em relação a mim e pedia-me para

fazer a avaliação em relação a ela, foi a primeira vez que me fizeram isto e ela fez isto de uma maneira que me deixou à vontade e que de facto eu consegui ser sincera, ser honesta e se calhar neste estágio de cuidados de saúde primários que eu tive no primeiro ano falhou fazer tudo isto, porque eu sentia que mesmo da parte dela não havia muito brio em querer mostrar que era uma boa profissional e em querer contribuir para a minha aprendizagem, não senti que houvesse.

Entrevistador: Este tu consideraste o pior estágio, mesmo sendo um estágio que te interessava e o teu melhor?

Entrevistado 6: Deixa-me pensar, então é assim, o meu melhor estágio, estou aqui a tentar lembrar-me dos meus estágios do segundo ano, não me parece que tenham sido boas experiências, o segundo ano não foi assim muito bom, bem, se eu pensar em termos de aprendizagem o meu melhor estágio foi no estágio de Pediatria no hospital x no ano passado em termos de aprendizagem, em termos de realização pessoal de fazer aquilo que eu gostava foi o estágio também do ano passado em Cuidados de Saúde Primários, em Saúde Escolar.

Entrevistador: Queres me falar daquele em termos de aprendizagem?

Entrevistado 6: Ok para já pronto Pediatria também é uma área que eu gosto muito, tive em Cirurgia Pediátrica no hospital x e tive muito boas experiências em vários campos, uma orientadora excelente, cem por cento disponível, com uma postura totalmente, não é que seja tu cá tu lá, pergunta que eu respondo, não faz, podes perguntar tudo o que quiseres, ela própria quando fazia as coisas explicava-me sempre antes de ir desempenhar uma determinada técnica, obviamente na procura de que eu na próxima vez já a desempenhasse, mas sempre presente nos momentos certos, deixando-me mais livre quando sentia que eu ficava tensa por ela estar ao pé de mim quando eu estava a desempenhar determinada técnica, muito sensível neste campo e isso parecendo que não pelo menos comigo é, pronto é um dos factores da postura da pessoa que conta imenso. Também a saber cem por cento aquilo que fazia, quando via alguma coisa mesmo de outros, ela era chefe de equipa, quando via alguma coisa noutros colegas que não gostava ela dizia, dizia não estás a fazer bem por isto e por isto e depois vinha falar comigo, quer dizer acabava por reflectir um bocadinho comigo sobre isso e depois em

termos do próprio trabalho com as crianças também foi, gostei imenso, porque sei lá às vezes seres tão pequeninos, tão frágeis e com montes de problemas, muitas vezes cardíacos e como se conseguia ver a evolução daquelas crianças, acompanhar o início, o pânico em que elas estavam para entrar numa enfermaria, os próprios pais também, é muito difícil muitas vezes lidar com eles e ir acompanhando toda esta evolução até ao dia em que eles se vão embora e que se despedem de ti com um beijinho ou com um desenho ou com um abraço, essas coisas marcam imenso, foi uma boa experiência que tive, não só em termos de aprendizagem, em termos de conhecimentos de cuidados de enfermagem às crianças, de comunicação, mesmo de prestação de cuidados directos, mas também na minha relação com a minha enfermeira orientadora e com a própria equipa, era uma equipa muito jovem, muito acessível, muito disponível, sem dúvida que foi o estágio que gostei mais.

Entrevistador: Queres-me falar do outro também?

Entrevistado 6: O outro, pronto foi porque estive a fazer aquilo que eu gosto de fazer

Entrevistador: Não teve haver com a orientação também?

Entrevistado 6: Não, não, porque, quer dizer por acaso a enfermeira que teve connosco na área da Saúde Escolar, foi o estágio de Pediatria em Centro de Saúde, portanto havia a parte de vacinação, a parte de saúde escolar, foi essa a que eu me refiro e a parte das consultas de Pediatria. A enfermeira que esteve connosco na parte da Saúde Escolar não esteve muito connosco mas quando esteve mostrou-se muito disponível, mas não foi por isso que me marcou, pela orientação, foi por ter sido uma área em que tanto eu como a colega que estava comigo, ah

Entrevistador: Estão apaixonadas!

Entrevistado 6: Sim e por ter corrido bem, isso também conta, por ter sido, nós é que escolhemos a área de formação, foi escolhida por nós, nós escolhemos como é que íamos fazer essa formação, como é que íamos chegar às crianças e correu bem, resultou bem, chegámos às crianças de facto, depois posteriormente tivemos uma avaliação da sessão com as crianças já passado um mês mais tarde e foi super gratificante perceber

que ficou alguma coisa, que de facto que o que nós tivemos ali a falar não foi para o boneco e depois aconteciam coisas giríssimas, como nós tínhamos programado uma hora e meia de sessão de educação, por exemplo e eles chegava a hora e meia, tocava para o intervalo, eles faziam tantas perguntas, tantas perguntas e a interacção estava a resultar tão bem que eles diziam, pronto não faz mal nós ficamos cá no intervalo e eu lembrei-me como é que eu era quando andava no sexto ano ou no sétimo ano em que ainda não tinha tocado, já eu estava desejando me ir embora, quer dizer nós tivemos muito muito bem e por isso é uma área que eu gosto muito, porque e porque resultou bem, foi e pronto, foi bestial

Entrevistador: O estágio de Pediatria, em que tiveste aquela enfermeira orientadora, será que essa foi a melhor enfermeira orientadora que tiveste, ou foi outra?

Entrevistado 6: Deixa-me lá pensar outra vez para trás, não, sim sem dúvida foi.

Entrevistador: Por tudo o que já disseste?

Entrevistado 6: Sim, sim foi

Entrevistador: E a pior, a pior enfermeira orientadora, o enfermeiro menos competente para orientar um aluno?

Entrevistado 6: O enfermeiro menos competente para orientar um aluno, eu está me faltar um estágio, já à bocado estava a esquecer-me de um estágio do segundo ano, não sei porque é que o estou a recalcar, foi o de Medicina que não me estou a lembrar onde é que foi, cirurgia foi no x, y, exactamente! Sabia que estava a recalcar por alguma razão, sim, eu sabia que estava a recalcar por alguma razão, é assim o pior orientador mesmo, zero por cento disponível, zero por cento simpático, zero por cento bom profissional, zero por cento bom exemplo, zero por cento justo, zero por cento honesto. Engraçado como eu acabei de me lembrar, a sério mas eu estava, incrível, incrível!

Entrevistador: Falaste zero por cento simpático, achas que é importante ser simpático?

Entrevistado 6: Acho, acho, porque somos pessoas, porque apesar de eu ser aluna e a pessoa que me está orientar ser uma pessoa que está responsável por mim e que estamos numa posição hierárquica desigual, mas somos pessoas e todos nós precisamos de sentir simpatia face à outra pessoa e acima da simpatia também acho que está a educação, não é, nem que seja por educação, mas há uma postura, mesmo que tu notes que às vezes aquilo não é muito sincero ou, mas é importante, acho, acho muito importante, até porque se eu tiver um enfermeiro que não é simpático eu nunca já mais lhe vou fazer uma pergunta sobre alguma coisa que me esteja a deixar integradíssima, não consigo, não consigo chegar a ele ou fico a tremer parece que

Entrevistador: Falaste-me foi na simpatia, no profissionalismo, o que é que queres dizer com isso?

Entrevistado 6: Profissionalismo, por exemplo honestidade e justiça

Entrevistador: Quando me falas em honestidade e justiça, queres me falar o que é que queres dizer com isso?

Entrevistado 6: Quero, ah bem, refiro-me obviamente a honestidade e justiça em relação a mim, não é, não posso avaliar qualquer outra postura. Foi um estágio em que, não sei se inconscientemente também será por isso que eu o tenho em tão má conta, o estágio foi um estágio em que saí com uma nota baixa, não baixa, foi um bom, mas para as minhas expectativas e para o trabalho que eu acho que desenvolvi, achei a nota muito injusta, principalmente a forma como ele me avaliou, ou seja, a avaliação dele foi feita cinco minutos antes da professora ir ter comigo, ir ter connosco, as folhas de avaliação e os objectivos de estágio não saíram do serviço, ele nunca os tinha lido, leu naqueles cinco minutos antes da avaliação, perguntou-me o que é que eu achava que merecia, nós nunca dizemos, quer dizer, não é, à sempre aquela coisa, disse que tinha sido um bom estágio, que tinha sido um estágio que me tinha custado muito por ser um estágio de Medicina em que era mais oncologia do que outra coisa, muitos muitos muitos doentes oncológicos, que eu lidava muito mal com a morte de muitos deles, mesmo mal, foi um estágio pesado e eu achei na minha auto-avaliação que eu até tinha conseguido atingir os meus objectivos de estágio e não me classificava assim tão mal como tudo, ele não se

manifestou nessa auto-avaliação, portanto não me disse, nós nunca conversamos durante o estágio todo, não me disse o que é que tinha achado do meu estágio, como é que tinha achado que tinha sido a minha postura e o meu desempenho, nunca conversámos sobre o que é que eu poderia melhorar, ou o que é que já estava bom e então chegou a professora e na avaliação ele em todos os parâmetros me deu a mesma avaliação, bom, sem justificar, mas também sem a professora sequer perguntar o porque é que não e saí desse estágio com um bom, sem saber porque é que tive um bom, sem saber o que é que eu podia ter feito melhor que não fiz e depois saímos da avaliação e ele disse-me, então o que é que achou da avaliação?, não tive mal pois não? e eu não consegui responder e com aquilo fiquei tão, ele até me podia ter dado a avaliação de bom se justificasse, se eu compreendesse não é?, mas nem sequer me foi dada oportunidade de concordar ou não e eu disse bem, pronto, foi o que foi, ele disse sabes, eu nunca tive mais do que um dezasseis num estágio, portanto também nunca te poderia dar mais que um dezasseis e eu fiquei assim, pronto a pessoa sente-se revoltada, sente-se injustiçada e portanto não é um bom profissional e não é uma pessoa que consiga ver as qualidades e os defeitos dos outros, porque fazer uma pessoa como padrão, pensando na sua própria vida académica, não consegue sair disso, não é, nem avaliar a pessoa, mais para baixo de certeza que ele avaliaria, de certeza, não é, mas mais para cima não, quer dizer acaba por provavelmente ser uma revolta é a ideia que me dá, provavelmente uma revolta que ele tinha dentro dele de nunca ter tido mais e então foi o pior, o pior orientador.

Entrevistador: E a professora não teve a atitude de perguntar, mas porque é que?

Entrevistado: Não, não, porque para mim este estágio foi mesmo azar

Entrevistador: Foi mesmo azar, o que é que queres dizer com isso?

Entrevistado 6: Tanto da professora como da orientadora

Entrevistador: E então queres falar da professora?

Entrevistado 6: Pronto, era uma pessoa que me deixava super ansiosa, muito nervosa, aparecia-me de repente no meio da enfermaria, estava eu a puncionar um doente e sentia uma respiração em cima dos ombros e de repente quando via que era ela, pronto

estragava tudo, pensava agora, não conseguia, era uma ansiedade enorme. Também foi uma professora que nunca, também nunca me perguntou como é que estava a correr o estágio como é que não estava e tanto ele como ela foram pessoas que chegaram à avaliação final e disseram fizeste isto e isto e não fizeste isto, isto e isto e quer dizer tu acabas por te questionar, então eu não fiz, mas era para fazer?, mas se eu não fiz, porque é que não me disseram a tempo para eu perceber? ou se eu fiz mal porque é que não me disseram para eu conseguir melhorar?, são posturas que considero que não são pedagógicas, ou o objectivo é avaliar por avaliar os outros, ou o objectivo é avaliar para fazer uma pessoa crescer como profissional e aí não acho que tenha sido de todo essa a postura nem do orientador, nem da professora e na avaliação final a única coisa que ela me perguntou no fim foi, concorda com a avaliação do senhor enfermeiro? e o que é que a gente responde?, se responde que não, minha amiga, não saís dali nem com o Bom, percebes, portanto mais vale dizer que sim, de facto foi assim uma junção de, pronto foi um daqueles estágios em que a gente parece que está a contar os turnos, a gente olha para o cronograma e pronto quantos é que faltam?, um, dois, três, quatro, cinco. Mesmo em termos de aprendizagem não houve muitos bons exemplos, tinha uma enfermeira que era a orientadora de outro colega meu que de facto era boa profissional, mas estava com ela muitas poucas vezes, na equipa onde eu trabalhava pronto não sei se era de ser da equipa, se era postura dos elementos individualmente ou se se foi formando aquela cultura na própria equipa, mas não foi, não foi assim muito.

Entrevistador: Imagina que tinhas todo o poder do mundo, eras chefe, normalmente são os chefes que seleccionam os enfermeiros orientadores e que tinhas que seleccionar, quais os critérios que utilizavas para seleccionar um enfermeiro orientador?

Entrevistado 6: Quantos critérios?

Entrevistador: Quantos quiseres, os que tu achas que eram importantes.

Entrevistado 6: Primeiro que tudo um bom profissional.

Entrevistador: Achas que esse é o mais importante?

Entrevistado 6: Acho, acho, porque indo ao encontro de uma das perguntas que tu me fizeste, acho que de facto é um elemento muito, muito importante, o exemplo que nós temos, nós às vezes costumamos dizer na escola, não é, por mais que nós aprendamos a fazer uma punção toda direitinha na na de luvas esterilizadas e não sei quê, é o exemplo que nós temos na prática que nós vamos memorizar, é o que nós vemos que nós vamos memorizar, quando digo como profissional não é só na forma como executa as técnicas, mas na postura perante os doentes, na postura perante a equipa, na postura perante a profissão. Acho que de facto um bom profissional para mim pelo menos abarca todas estas coisas, não é, não sei se queres que especifique?

Entrevistador: Não

Entrevistado 6: Um bom profissional, depois mais, uma pessoa coerente, ou seja, uma pessoa que não te diga assim, tu aprendeste isto assim na escola e é assim que se faz, mas aqui não vais fazer assim, pronto, isso parecendo que não, então nas coisas novas às vezes cria assim um certo conflito, tu ficas assim, então sei lá durante o curso estou numa redoma e depois pronto, uma pessoa coerente nesse sentido, entre aquilo que nos diz que deve ser feito e aquilo que de facto faz. Uma pessoa honesta, não só comigo como aluna, mas pronto com os próprios utentes também e com a equipa e mais uma pessoa, não me vem o termo, não é simples que eu quero dizer, mas o contrário de autoritário, não me vem a palavra. Podemos ir ver ao dicionário?, a sério não me vem a palavra.

Entrevistador: Mas podes descrever

Entrevistado 6: Bem uma pessoa que, com quem tu não te sintas um anão ou com quem tu não te sintas eu sou um zero à esquerda, uma pessoa que

Entrevistador: Tem haver com aquela questão de hierarquia que estavas a falar?

Entrevistado 6: Sim, sim, portanto, eu posso obviamente ter mais conhecimentos, eu como orientador, posso obviamente ter mais conhecimentos que esta aluna, posso obviamente ter uma vivência na profissão e de vida até mais desenvolvida e mais experiente que essa pessoa, mas ela também terá alguma coisa para me dar a mim,

portanto, ou seja, não uma pessoa autoritária, quando digo não autoritário é no sentido de que não seja uma pessoa que te pressiona no sentido de eu dou dou dou e ela recebe, mas uma pessoa que consiga ver que a relação entre o orientador e o aluno como uma, um benefício mútuo, obviamente que provavelmente será o aluno que vai crescer mais, até porque está numa fase inicial de formação e tudo mais, mas o próprio profissional, eu pelo menos penso assim e também tive essa experiência com alguns orientadores, também aprenderão não só a reflectir sobre a forma como trabalham, como voltar a ter vontade de até às vezes ir para casa estudar porque querem ser um bom exemplo, portanto esta postura não sei se me faço entender?, não de autoritário, de o que é não sei o quê, como é que se faz não sei o quê, estás a perceber?, mas em que haja obviamente vontade de aprender, da minha parte terá que haver, mas vontade, que haja uma aprendizagem mútua e uma relação também, pronto o mais próxima possível para benefício dos dois.

Entrevistador: Deixando esta parte, consegues pensar numa situação assim em estágio que tenha sido particularmente difícil para ti em estágio?

Entrevistado 6: Hum, hum a morte do meu primeiro doente.

Entrevistador: Queres-me falar o que é que sentiste, se partilhaste com alguém esses sentimentos, quem é que foi?

Entrevistado 6: Bem foi o meu primeiro estágio da vida, foi no primeiro ano, creio que foi na segunda semana de estágio e faleceu-me um doente com trinta e poucos anos HIV, toxicodependente, foi numa tarde, no fim de um turno da tarde, eram onze da noite, a enfermaria naquela altura, não sei como é que é agora, mas muito comprida, muito escura, muito hostera e de repente eu ouço uma enfermeira a chamar, que precisa de ajuda, porque entretanto há um doente que parou e nós vamos a correr, já não dá para fazer nada e o doente morreu mesmo, nunca tinha visto assim ninguém a não ser pronto familiares, quando me pediram para colaborar a fazer a múmia foi a coisa que mais me custou, foi horrível, fazer a higiene ao senhor, identificar o senhor, fazer a múmia ao senhor foi o momento mais difícil, mesmo, tanto foi que ficou cá. Desabafei sim com a minha mãe, quando cheguei a casa, porque não aguentei, estava mesmo, estava, quando saí de lá aquilo até parecia que pronto estava tudo resolvido cá dentro, não havia assim

nenhum conflito, não havia nada, mas comecei a falar daquilo e pronto, parece que, foi horrível, andei assim uns dias a bater mal. Com a professora não falei, porque não me sentia próxima o suficiente e com a orientadora também não, era tudo muito depressa, com aquela orientadora era tudo assim tudo muito, as coisas com ela andava tudo muito depressa, ok está, acabou, adeus

Entrevistador: Ela não se apercebeu?

Entrevistado 6: Não, não, porque eu também, a minha postura também muitas vezes não é essa, parece que desarmo quando saio da porta do hospital para fora, mas enquanto lá estou aquilo parece que para mim é tudo muito calmo, tudo muito bem e então ela, nem se falou nisso sequer.

Entrevistador: Entre o estágio e a teoria, gostas mais da teoria ou gostas mais do estágio?

Entrevistado 6: Depende.

Entrevistador: O que é que significa para ti estar em estágio?

Entrevistado 6: Acima de tudo, acima de tudo, sinceramente, sinceramente, um período de grande stress, de grande ansiedade, mas também um período de grande investimento e de grande aprendizagem, mas nomeio primeiro o stress e a ansiedade, porque de facto é a sensação que eu tenho e de muito cansaço.

Entrevistador: Mas de grande stress, mas porquê?

Entrevistado 6: Porque são sempre experiências novas, cada estágio que nós fazemos é uma área diferente, são pessoas diferentes, são doentes diferentes, são profissionais diferentes, são colegas diferentes, é um período da vida diferente e tudo isso quer dizer são constantes adaptações que tu vais fazendo, com aprendizagens diferentes, são sentimentos diferentes, de alegria, tristeza, situações difíceis de morte e pronto, tudo isso dentro da nossa cabeça.

Entrevistador: Os enfermeiros orientadores aí conseguem-te às vezes tirar um pouco desse stress?

Entrevistado 6: Sim, nem que seja uma parte deles, nem que seja só quando justificam algumas coisas que nós, quando estamos em estágio há muitas coisas que muitas vezes não percebemos e logo isso à partida cria-nos uma grande dificuldade, nem que seja desmistificar só isso já ajuda. Também já tive orientadores que me conseguiram acompanhar numa outra fase, conseguiram ser sensíveis e perceber que pronto, que haveria uma ansiedade provocada por outra coisa qualquer e conseguiram ser sensíveis.

Entrevistador: Já passaste por vários estágios, o que é que tu achas que até ao momento, que competências é que tu achas que adquiriste para vires a ser uma boa profissional?

Entrevistado 6: Responsabilidade, vontade de questionar as coisas, que eu acho que cada vez é mais importante, ou seja, não ser aquela pessoa receptora de informação, sabes, ser uma pessoa que, hoje em dia questiono muito mais as coisas, portanto as coisas não aparecem feitas e eu tenho que saber como é que elas apareceram feitas, não sei se me faço entender.

Entrevistador: Sim, sim

Entrevistado 6: Mais, esta qualidade que eu vou dizer agora, colide um pouco com outra coisa que eu perdi na minha vida pessoal depois disto tudo, não é, às vezes a gente cria competências num campo mas perdemos noutro e profissionalmente, profissionalmente entre aspas, ainda não sou profissional, quando estou perante um utente sou uma pessoa muito mais tranquila e que transmite muito mais confiança, pronto no resto saio da porta para fora e sou hoje uma pessoa mais ansiosa do que era, o que interessa agora é com o doente, estou calma e outra coisa que eu também fui desenvolvendo, por exemplo, embora quando eu entrei para a faculdade eu dizia ai que horror enfermagem, apesar de era o que eu queria, dizer o que me vai custar mais é ver aquelas pessoas a sofrer, aquele discurso que a gente faz, não é, a ver aquelas pessoas a sofrer e a família e na na na. Depois entrei no primeiro ano, parece que esqueci isso tudo no primeiro ano, não sei porquê, não sei se era por ter tanta formação, mas parece

que o importante era a técnica, as técnicas, as técnicas, a sério é horrível dizer isto, mas eu no meu primeiro ano não tenho assim muitas recordações, dos utentes tenho, mas das famílias ou das forma como as famílias reagem, neste momento eu estou quase reactiva quando na unidade ainda à dias estávamos a falar sobre isso, quando às vezes vejo um familiar a entrar na unidade, numa unidade em que a maioria dos doentes são doentes cardíacos, cheios de tubos, de drenos, cateteres, sei lá, por todo o lado, ventilador e então às vezes estou reactiva quando vejo os familiares a entrar e os enfermeiros numa azafama constante e o familiar entra, está ao pé do utente, chora e ninguém vê, sai novamente e ninguém vê, penso que essa é uma das competências que eu acho muito importante na profissão de enfermagem e que sinto que fui desenvolvendo não só com o utente, porque acho que isso foi gradual, mas principalmente com a família, ter a noção que fora destas quatro paredes eu tenho vida, mas aquelas pessoas também têm e antes de entrarem aqui se calhar foi numa situação de urgência que estavam igual como eu estou e portanto o que é que eu chamo a isto? , que competência é que eu chamo a isto?

Entrevistador: Relacional?

Entrevistado 6: Relacional, talvez, sim. Acho que são as que tenho desenvolvido, as que saliento pelo menos.

ENTREVISTA 7

Entrevistador: Qual é a tua opinião global acerca do último estágio que tiveste a frequentar?

Entrevistado 7: Portanto o estágio acho que correu bem, foi um estágio em que eu ia com muito medo, mas tive logo à partida quem ajudasse a superar esse medo, esse receio da Psiquiatria, no serviço e da professora também, da escola.

Entrevistador: Como é que eles te ajudaram a superar esse medo, do serviço?

Entrevistado 7: Do serviço no início, portanto eu fechava as portas todas atrás de mim, nunca, não ficava sozinha em sítio nenhum e eles iam - se apercebendo dessa situação e eu achei curioso porque nunca durante aqueles primeiros dias, isso nunca foi falado comigo abertamente, porque eu também tinha vergonha, não é, mas eles conseguiram de outras formas, ou seja, não me deixavam sozinha, se deixavam eu via perfeitamente, porque depois no fim já não o faziam, fechavam a porta, pronto foram-me, aqueles meus medos foram-me ajudando assim a ultrapassar sem sequer ser preciso falar nisso comigo, pronto esse eu acho que foi o medo que eu tinha mais, porque foi esse que eu senti que me ajudaram mais também, foi o não me deixar sozinha.

Entrevistador: E a professora da escola, como é que era atitude dela relativamente a

Entrevistado 7: A professora da escola, ela perguntou, não é, logo na primeira reunião que tivemos perguntou como é que estava a correr e eu também disse, era uma pessoa que nós já sabíamos que pronto não marcava, não, era uma pessoa que orientava e portanto sabia e abri-me com ela e disse os medos que tinha, os receios que tinha, falamos um bocadinho sobre aquilo, claro que nada do que ela me pudesse dizer, que não era bem assim, eu tinha que ver que não era assim, mas houve muita compreensão pelo menos, não ajudou muito porque não podia fazer muito também, mas houve muita compreensão.

Entrevistador: Quando dizes que ela não marcava, o que é que queres dizer com isso?

Entrevistado 7: Pronto, então, há professores que à partida quando sei lá, quando nós mostramos uma fraqueza aquilo é logo entendido como sermos maus enfermeiros ou pelo menos não tão bons como se calhar devíamos ser, há muito aquela ideia que não devíamos quando chegamos a um serviço ou quando somos enfermeiros não devíamos ter medo, não devemos ter receios e se o temos é porque estamos inseguros e se estamos inseguros se calhar é porque não temos conhecimentos ou competências.

Entrevistador: E quando dizes que ela te orientou?

Entrevistado 7: Orientou é mesmo aquilo que eu acho que um professor devia fazer, não é ir para lá e fazer perguntas da matéria do princípio ao fim, mas tentar saber como é que o estágio está a correr e ajudar nalgumas dificuldade que exista.

Entrevistador: Achas que é importante ela saber como é que o estágio está a correr?

Entrevistado 7: Acho, acho que é muito importante e nós sentimos também que está ali mais uma pessoa para nos ajudar a ultrapassar aquilo

Entrevistador: Já fizeste muitos estágios, consegues me dizer qual o estágio que gostaste mais e porquê?

Entrevistado 7: O estágio que gostei mais, bem estou a gostar muito deste agora, mas assim para trás o que gostei mais foi na obstetrícia, na x, também porque apanhei uma equipa que, a área em si eu gosto muito, pronto, mas também apanhei uma equipa que lá está também orientou imenso, aprendi imensa coisa e senti-me muito à vontade no serviço e isso para mim é essencial, a pessoa quando se sente à vontade aprende mais, porque está muito mais desperta para aprender e sente que qualquer dificuldade que tenha não está aquele medo do chumbo ali, mas que estão lá para ajudar, foi mesmo um estágio e hoje quando encontro a enfermeira que me orientou eu digo foi a melhor orientadora que eu tive até hoje, por isso é que eu não esqueço aquele local de estágio.

Entrevistador: Queres-me falar dessa melhor orientadora, que características é que ela tem para que tu digas que foi a melhor orientadora que tu tiveste?

Entrevistado 7: Ela à semelhança do que eu tenho agora que é um pouco idêntico não me passam muito aquela imagem de avaliador, de o que é que estás a fazer?, porque é que estás?, claro que o porque é que estás a fazer? perguntava muitas vezes, mas via-se perfeitamente que era, porque é que estás a fazer?, se não sabes eu vou-te ensinar porquê, pronto e na orientação também, não, portanto, se havia algo comigo que me deixava mais preocupada ou com mais receio também tentava ajudar a combater isso, não era aquela postura de vais administrar aquela medicação quais são os efeitos secundários?, qual é não sei quê? não sei que mais, não era essa postura, era mais aquela de ensinar, tentar perceber quais eram as dúvidas, o que é que eu não sabia, o que é que eu sabia e tentar mobilizar aquilo tudo, aqueles conhecimentos todos, eu pelo menos esse tipo de orientação acho que corre muito melhor.

Entrevistador: Ensinar para ti é isso?

Entrevistado 7: Ensinar para mim, ensinar num estágio é isso.

Entrevistador: Consegues pensar no pior estágio para ti?

Entrevistado 7: Ai consigo, ai consigo!, foi no segundo ano, na Medicina.

Entrevistador: É sempre experiências marcantes no segundo ano.

Entrevistado 7: No segundo ano foi, mas para mim foi, foi, para as minhas colegas eu sei que também foi, foi realmente um ano complicado, foi na Medicina no x, o serviço em si eu até gostei e os enfermeiros de lá também gostei, a má experiência foi com a professora da escola, prontos, nós já sabíamos que a professora era assim um bocadinho complicada, mas pronto a gente vai sempre para o estágio a pensar, não mas vai correr bem, mas foi uma pessoa que a mim pelo menos nunca me orientou, antes pelo contrário só me desorientou mesmo. Era uma pessoa que ia muitas vezes aos locais de estágio fazer uns turnos ou pelo menos umas horas, logo isso parece que não stressa bastante, porque a gente, nós não sabemos como é que é à partida, ainda se a pessoa chegasse lá e tivesse outra atitude de o ajudar, de ensinar, a pessoa acabava por ultrapassar o facto de o professor estar presente, mas não era uma atitude mesmo do estar presente para ver o que se está a fazer e não havia reforços positivos, tudo era mal

feito, tudo estava mal feito e portanto era complicado e depois como por exemplo eu que se calhar eu naquela altura, tinha mais não é dificuldades, mas uma coisa que eu não gostava muito de fazer era a parte das higiènes da manhã e era isso exactamente que quase me obrigava a fazer, as higiènes de uma ponta à outra, dobrar os lençóis como tínhamos aprendido na escola, portanto esse tipo de coisas assim. E tinha colegas minhas que por exemplo ficavam muito nervosas do contacto com ela e ela fechava-as numa sala e estava duas horas com elas a fazer perguntas, sobre isto, sobre aquilo, pronto e é isso que eu chamo não orientar. Pronto e tive algumas experiências assim a meu ver bem mais graves, mesmo de situações específicas em que por exemplo estar um doente a morrer por exemplo, à minha frente era a primeira vez que eu me estava a deparar com aquela situação e estava a fazer a higiene numa Medicina pronto, a fazer a higiene e o senhor começou com polipneia, tiragem costal, extremidades cianosadas, eu não sabia o que é que aquilo queria dizer, mas percebia que alguma coisa não estava bem e o enfermeiro que me estava a orientar disse-me o que é que estava a acontecer e para eu parar e entretanto foi chamar a médica e nisto ela chega e começou aos berros, porque é que eu tinha parado de dar a higiene? e que aquele banho não se dava nem ao pior inimigo e que tinha que acabar, que tinha que acabar e eu a explicar que não havia necessidade, se calhar era melhor deixar a pessoa confortável, quentinho, pronto e os berros foram mais que muitos, até que veio a médica, veio o enfermeiro e o senhor faleceu mesmo e eu sai da sala e desatei a chorar como é óbvio, não é e quando ela passou por mim e disse temos que conversar!, com um ar em que eu pensei, bom vou chumbar!, porque fiz alguma coisa mal feita, mas depois veio o enfermeiro chefe que também já a conhecia chamou-me, falou com ela e ela nunca mais me disse nada acerca disso e isso ficou-me marcado e às vezes penso quando acabar o curso eu vou fazer alguma coisa em relação a isto, se calhar não vou fazer nada, prontos!

Entrevistador: Ela explicou-te o porquê, o porque é que não devias ter parado?

Entrevistado 7: Não, não, não, só me soube dizer que aquele banho não se dava nem ao pior inimigo, aos berros comigo, para me despachar, para dar um banho como deve de ser, se os genitais se lavavam assim, se não sei quê se lavava assim, pronto esse tipo de coisas.

Entrevistador: E quando ela te viu chorar?

Entrevistado 7: Não, só me disse isso, temos que conversar!, não me disse vamos conversar

Entrevistador: Chegou a conversar contigo?

Entrevistado 7: Não, não, mas eu naquela altura, tive a nítida sensação pronto aquele temos que conversar é olha vou chumbar aqui e agora e pronto acabou-se isto tudo e portanto já não havia nada a perder, pensei cá para mim também se me chumbares ouves, mas depois pensei não ouves nada que para o ano podes me estar a orientar outra vez e calei-me bem caladinha, mas não, não houve mais conversas e dessas peripécias tive mais depois com ela em estágio

Entrevistador: Apanhaste-a mais vezes?

Entrevistado 7: Apanhei-a aqui outra vez.

Entrevistador: Os enfermeiros do serviço, o teu enfermeiro orientador ajudaram-te nessa situação, para além do enfermeiro chefe?

Entrevistado 7: É assim, o meu enfermeiro orientador não estava lá naquele dia, nesse dia em que aconteceu essa situação, estava outro enfermeiro, que era Espanhol, pronto não, o ajudar ele não se apercebeu, porque aquilo passou-se tudo quando ele tinha ido chamar a médica e depois viu-me assim pensou que eu tivesse assim por ter visto o senhor falecido e eu também nunca comentei pronto o que se tinha passado, mas o meu enfermeiro orientador era, ajudava-me bastante nesse aspecto, quando ela lá estava, quando ela não estava tentava-me sempre dar algumas dicas para ultrapassar aquilo, tanto que teve alguns problemas com ela também, porque havia n situações de doentes que tinham prescrições mesmo médicas de isto e daquilo, eu lembro-me de um que tinha a prescrição de estar no repouso mesmo, era absoluto, aquilo não havia ali maneira de se poder levantar mesmo o senhor e ela meteu na cabeça que o senhor devia de ser levantado, fez-me levantar o senhor, eu expliquei que não podia levantar o senhor, mas ela levantou-o e passou um enfermeiro que estava naquele quarto e viu a situação e foi falar com ela, ela disse-lhe que ele era Espanhol e que não percebia nada daquilo e portanto ela achou que o devia levantar e ele foi fazer queixa ao enfermeiro chefe,

pronto entretanto depois passou a médica viu-o no cadeirão e aquilo foi para lá um rebuliço naquele serviço, foi muito complicado.

Entrevistador: E ela explicou-te porque é que podias levantar?

Entrevistado 7: Não eu perguntei, eu dizia-lhe que ele não se podia levantar e ela só me dizia que as ordens médicas não eram, já não me lembro o termo que ela utilizava, mas que não eram divinas, pronto que a gente tinha que pensar por nós, que aquele senhor estava já à imenso tempo acamado e portanto que tinha que se levantar, mas pronto só isso. O pior leva mais tempo a contar que o melhor!

Entrevistador: E o pior enfermeiro orientador do serviço? O enfermeiro menos competente para orientar um aluno?

Entrevistado 7: Eu acho que sempre tive muita sorte comparado com colegas meus, eu no serviço sempre tive muita sorte, não consigo agora. É assim comigo, comigo não, não vejo assim nenhum pior orientador, não gostei às vezes de certas atitudes do enfermeiro que estava comigo com os doentes, mas comigo não me lembro.

Entrevistador: Imagina que tinhas todo o poder do mundo para seleccionares um orientador, quais os critérios que tu utilizavas para seleccionares um orientador?

Entrevistado 7: Então eu acho que um orientador deve ser jovem

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado 7: Porque, pelo menos a experiência que eu tenho é que têm muito mais paciência para aturar os alunos entre aspas, passaram por essa experiência à menos tempo e entretanto ainda se lembram e sabem como gostaram de ser orientados e muitas vezes fazem isso, não é, como se fosse quase para eles, tinha que ser uma pessoa competente enquanto enfermeiro e depois tinha que ser uma pessoa como eu estava a dizer agora, que não olhe para um aluno como eu tenho que te avaliar e amanhã chumbas, mas eu estou aqui para te ensinar, para te ajudar, para te orientar, porque se este estágio correr bem para ti, corre bem também para mim e é um sucesso para mim

também, acho que um aluno bom não se faz só de um aluno ser bom se o orientador não for bom o aluno não chega a ser bom, penso eu, pelo menos é a experiência que eu tenho.

Entrevistador: Como é que deve ser feita essa orientação?

Entrevistado 7: Essa orientação, eu estou agora a lembrar assim de exemplos, essa orientação deve ser, é que eu para mim a palavra orientar é bastante, acho que explica bem o que eu quero dizer

Entrevistador: O que é que quer dizer para ti orientar?

Entrevistado 7: Orientar é exactamente isso, é orientar a pessoa, ou seja a pessoa tem que percorrer um caminho e muitas vezes como alunos que somos não temos as certezas de tudo, não temos a segurança de tudo e o orientador pode ajudar nesse aspecto, pronto é, pode por exemplo se uma pessoa não sabe quais são os efeitos secundários daquela medicação, o orientador deve dizer quais são ou quanto muito olha vai ver ao índice terapêutico ou qualquer coisa, não é olha dá lá isso e depois a gente já conversa, do género já tens menos um valor ou qualquer coisa desse aspecto, pronto acho que o orientador tem tempo de avaliar, ele não pode, é óbvio que o estágio tem que ter avaliador, mas acho que a orientação, na orientação não deve pesar esse peso que é a avaliação e acho que se nota muito bem quando, quando é que um enfermeiro olha para nós e está a ver o que nós fazemos para se apanhar uma coisinha já te vou dar menos um valor ou quando ele não está a ver, está a ver se nós fazemos bem ou mal, mas tenta sempre explicar porque é que não podemos fazer daquela maneira e devemos fazer daquela, porque assim é que está certo, pronto eu acho que é isso. Não sei se me expliquei!

Entrevistador: Explicaste. De todos esses critérios que utilizavas para seleccionar um orientador, qual o que para ti achas que é o mais importante?

Entrevistado 7: Acho que é a competência enquanto enfermeiro e depois a outra parte aquele espírito de orientar, eu acho que também é muito importante a pessoa gostar e ter gosto, se não tem, não vale a pena, vai correr mal de certeza, se ele não quer, não está de

vontade, é quando nós quando fazemos uma coisa que não estamos, não queremos e estamos contra vontade, aquilo não corre lá muito bem.

Entrevistador: Queria que me contasses, se calhar já me contaste uma situação que tenha sido particularmente difícil para ti em estágio, se calhar aquela situação do doente, de morte ?

Entrevistado 7: Para mim foi, eu acho que nem pude viver entre aspas, não é, aquela primeira morte que eu assisti por causa da outra situação, pronto foi mesmo, eu se tivesse que achar assim um pior momento que eu tive em estágio foi mesmo esse, mas não foi porque o senhor estivesse a morrer, foi mesmo por causa da professora, pronto se ela lá não estivesse se calhar era aquele, mas não sei, acho que nem tive tempo para me aperceber o que é que estava ali a acontecer.

Entrevistador: Consegues me dizer até agora que competências é que tu achas que adquiriste para vires a ser uma boa enfermeira? O que é para ti uma competência? Temos estado a falar de competências!

Entrevistado 7: Competências é o saber fazer, é isso, é o agir, aquele saber, o saber fazer as coisas e para se saber fazer tem que se ter as outras coisas todas.

Entrevistador: Quais outras coisas todas?

Entrevistado 7: Não se sabe cuidar um doente só sabendo técnicas, pronto tem que se saber, tem que se saber dar a volta um bocadinho às situações, é aquilo que a gente fala na escola, mas eu acho que é mesmo, acho que explica muito bem, é o saber ser, o saber estar com aquela pessoa, com aquele doente, saber as técnicas, ter competência técnica, mas também é relacional, as relações com as pessoas acho que também.

Entrevistador: Então será só o saber fazer?

Entrevistado 7: Pois é isso, mas eu quando falo no saber fazer tem que ter o resto englobado.

Entrevistador: E que competências é que achas que adquiriste até agora?

Entrevistado 7: Bom, acho que pronto, as competências técnicas como é óbvio a pessoa vai aperfeiçoando à medida que cada vez vai praticando mais, mas sem dúvida que talvez seja o relacionamento com os doentes, com pessoas doentes, nós tínhamos, eu antes de entrar no curso tinha o relacionamento com os familiares que estavam doentes, mas em contexto hospitalar nunca tinha tido, eu acho que é um bocadinho o ter aprendido, não na escola, mais nos locais de estágio, o ter aprendido o ver uma pessoa doente à frente e o que é que, as minhas prioridades, o que é que eu tenho que fazer ou o que é que eu tenho que ir fazer àquele doente para sair de lá e saber que o deixei bem.

Entrevistador: Tu disseste não na escola, mas sim no local de estágio, o que é que significa para ti estar em estágio?

Entrevistado 7: Eu acho que estar, eu pelo menos falo por mim, eu acho que no estágio é que eu acho que aprendo, sei lá se eu estou seis meses na escola e dois meses no estágio eu aprendo muito mais naqueles dois meses do que propriamente nos seis meses, porque estar em estágio é exactamente pôr em prática não só os conhecimentos teóricos que temos, mas também muito aquilo que nos transmitem na prática, aquilo que as pessoas já fazem há anos, já praticam à mais anos nos ensinam. Acho que é, às vezes é muito importante mesmo, por exemplo mesmo, temos é que, pelo menos tento sempre fazer isso, pensar naqueles princípios básicos que nos ensinam na escola, isso é muito importante, não é porque nos dizem ah esta maneira é mais fácil, mas se a gente sabe que não cumpre aqueles princípios, pronto então não, mas sabendo isto e vendo às vezes outras coisas que os profissionais fazem se calhar até é melhor, se calhar é mais fácil, faz-se mais facilmente, se calhar é mais adequado, pronto eu acho que no estágio é que se aprende aquilo que é ser enfermeiro.

Entrevistador: Outras competências, consegues me dizer?

Entrevistado 7: Outras competências, eu acho que se aprende muito também o sentido crítico, aquele pensar criticamente como se costuma dizer, o ver as coisas mal feitas, não é fazer a crítica negativa, mas perceber se aquilo está mal feito eu não vou fazer assim, vou fazer bem, eu acho que isso também se aprende muito nos estágios no

contacto com isto, muitos enfermeiros, não é, cada um faz, às vezes faz cada um da sua maneira e a gente consegue perceber quando é que está bem, quando é que não está bem.

Entrevistador: E achas que os enfermeiros do serviço te ajudam a desenvolver essa competência crítica?

Entrevistado 7: Até agora eu acho que sim, que me ajudaram sempre, também tentei sempre não fazer a crítica de forma ah ai está mal, não, também não gostava que me fizessem a mim e também não faço aos outros, mas tentei sempre fazer a crítica, dizendo se fizesse assim desta maneira se calhar era melhor, se calhar, eu acho que

Entrevistador: Como é que o enfermeiro do serviço te ajudava a desenvolver essa competência crítica?

Entrevistado 7: Deixando, dando-me espaço para eu poder colocar essas questões e dar essas sugestões, sempre me deram espaço para isso e quando às vezes detectaram alguma coisa que estava menos bem, perguntavam-me então o que é que se passa aqui?, ou para ti está tudo bem?, ou para ti não está tudo bem?, posicionamento por exemplo, o que é que tu alteravas?, o que é que tu não alteravas?, isto dá para a pessoa pensar nas coisas que está a fazer. Mais coisas, eu acho que também ajudou muito em termos de relação mesmo com os outros, portanto na escola nós relacionamo-nos uns com os outros mas é um ambiente mais de brincadeira, mais de união, ali é um ambiente profissional e acho que é muito importante também, são pessoas diferentes, às vezes culturas diferentes, maneiras de estar diferentes e nós temos que aprender a gerir aquilo tudo, também é uma coisa que eu sinto que aprendi bastante nos estágios. Mais coisas, não sei, acho que já falei.

ENTREVISTA 8

Entrevistador: Não sei se te lembras mais ou menos do objectivo da entrevista?

Entrevistado 8: Sobre o estágio, a nossa opinião em relação à orientação, etc.

Entrevistador: Ok, tiveste um estágio antes deste

Entrevistado 8: Sim foi em Cuidados Intensivos, em x, cardiologia

Entrevistador: Qual é a tua opinião global acerca desse estágio?

Entrevistado 8: Esse estágio foi dos estágios em que eu mais gostei do curso, por um lado pela orientação, por outro pelo sítio, pela equipa, gostei mesmo bastante do estágio, o estágio foi e é um dos sítios que eu tenho como referência, mesmo se eu poder ir para lá trabalhar adorava, porque aprendi bastante, tive por um lado imensa disponibilidade da minha enfermeira orientadora que por um lado por ser a especificidade da Cardiologia, nós damos Cardiologia na escola, mas chegamos a um serviço aquilo é tudo novo para nós, seja qual o serviço que for quanto mais numa Medicina específica, sendo Cuidados Intensivos mais ainda, pessoas com risco de vida ali mesmo a todo o segundo e eu adorei mesmo, eu gostei muito de lá estar, foi um estágio em que eu acho que aprendi imenso e também foi um bocadinho por me espicaçarem digamos assim, porque a enfermeira tinha uma postura que era, apoiava-me imenso e ensinava-me tudo o que eu quisesse, mas tinha que ser eu a ir ter com ela e a dizer, eu não percebo isto, precisava de saber aquilo, eu acho que em relação a este doente devia de fazer isto, mas não sei como é que fazer, comigo, às vezes custava-me bastante, porque eu sentia-me, chegava ao pé de um doente, um doente ventilado e ela desaparecia e eu ok, pronto isto não é muito bom, agora o que é que eu faço?, eu sei que o doente tem montes de coisas para fazer, mas por onde é que eu começo?, mas ao fim ao cabo, no fim do estágio deu para perceber que foi muito positivo, porque deu autonomia e deu para eu ter alguma iniciativa, se bem que mesmo na minha avaliação pessoal acho que isso foi um pormenor que deveria ainda ter sido de maior aposta, mas adorei o campo de estágio e foi um estágio mesmo daqueles, muito muito, muito positivo, da equipa também tive montes de apoio, porque para já era uma equipa nova, enfermeiros que tinham entrado

há pouco tempo e então também tinham uma ideia recente daquilo que era o estágio e de estar sob aquela pressão de o professor poder aparecer a qualquer momento etc e estar a aprender e serem montes de coisas e depois Cuidados Intensivos também é uma área que sempre, que sempre me apelou bastante, sempre gostei e então estar ali foi tipo o paraíso, aproveitar ao máximo e gostei imenso, foi mesmo muito muito positivo.

Entrevistador: A enfermeira orientadora para além de te dar essa digamos que liberdade, para ganhares essa autonomia, não é, essa iniciativa, que outras características é que achas que ela tinha?

Entrevistado 8: Eu acho que ela era, para já era uma excelente enfermeira, porque tinha bastante conhecimento da área onde trabalhava e também, porque tinha bastante experiência em termos de Cuidados Intensivos e depois empenhava-se bastante, tinha mesmo ela própria um grande interesse em aumentar cada vez mais os conhecimentos e estimular toda a equipa, ela era chefe de equipa e então tinha um grande interesse e uma grande aposta em estimular esse interesse mesmo nos outros membros da equipa e procurava que toda a gente que ali trabalhasse soubesse o que estava a fazer, o quê?, porquê?, porque é que fazia? E era engraçado porque ao fim ao cabo eu sentia-me que era mais um membro da equipa, porque o que ela me fazia a mim, fazia aos outros, quer perguntas, quer então o que é que achas que vais fazer agora? e porquê? e porque é que esta medicação é assim e não é assado? e etc. Eu acho que ela apesar de tudo era muito prudente, embora houvessem aqueles momentos em que ela pronto desaparecia mesmo propositadamente, sempre que uma pessoa precisava ela estava lá e estava disponível para explicar o quer que fosse e acho que tinha uma grande capacidade de nos dar o nosso espaço, estar sempre presente e ao mesmo tempo dar o nosso espaço, não ser, não estar a marcar tudo o que nós estávamos a fazer, embora nós soubéssemos que ela estava lá e que até estava lá a ver o que nós estávamos a fazer, não era aquela pessoa de estar sempre presente, sempre em cima, ali a contabilizar ao milímetro o que é que estávamos a fazer. Mais, também foi uma pessoa que me deixou muito à vontade logo desde o primeiro momento, não ter aquela postura de eu sou enfermeira, tu és aluna e separamos os campos, foi de igual para igual, claro que havia uma certa distanciação por ser a enfermeira orientadora, mas houve sempre até alguma camaradagem, tipo de apoio, de, eu acho que a ideia essencial que me ficou dela foi mesmo a presença, o saber quando estar e quando dar o espaço, acho que isso foi essencial e gostei muito também

por isso. Para já estar em Cuidados Intensivos é aquela experiência do género oh, oh, agora vou mesmo depender de mim, é mesmo prova de fogo, todos os estágios são, mas aquele especialmente, mas o facto de ela ter essa postura de nos sentirmos apoiados e ao mesmo tempo com um espaço para ter iniciativa própria acho que foi muito bom, gostei muito da orientação.

Entrevistador: Então consideras esse estágio o melhor estágio que tiveste?

Entrevistado 8: Sim, ao longo do curso foi.

Entrevistador: Qual a enfermeira que durante os estágios todos achaste que foi a melhor enfermeira orientadora?

Entrevistado 8: Eu acho que foi esta agora de x e também dividindo com uma que tive em Gastro no y, no Serviço de Gastro, porque também era uma pessoa do género dava também essa ideia de estar sempre presente, dava sempre um apoio mas ao fim ao cabo chegávamos a um ponto em que como as enfermarias eram pequenas nós acabávamos por eu e outra estagiária termos a enfermaria quase por nossa conta, mas tinhas sempre um apoio e sabíamos que qualquer dúvida que tivéssemos podíamos recorrer a ela e não havia o risco de estarmos a fazer alguma coisa, porque pronto não há mais ninguém temos que ver como é que nos podemos orientar e então acho que essas duas foram essenciais e depois pelo apoio que nos deram em termos teóricos, porque tanto em Cardiologia em x, como Gastro por serem Medicinas específicas deram-nos muito apoio, quer em termos de bibliografia, quer em termos de chegar ali um momento ok agora até tinha umas coisas para fazer, mas pronto, organizar o tempo de modo a que dúvidas é que tens? , não percebes o enfarte? ou não percebes por exemplo a ascite no caso da gastro?, o que é que tu queres saber?, que técnicas é que viste que não percebeste?, disponibilidade para explicar e para nos integrar na área, portanto foram essas duas que eu mais gostei ao longo do curso.

Entrevistador: E qual foi o estágio que menos gostaste?

Entrevistado 8 : Que menos gostei, deixa-me pensar, é mais complicado, porque todos têm um certo valor positivo para nós até porque nos trouxeram algumas aprendizagens,

não é o facto de menos gostar, em termos de enfermagem não teve muito foi o de lar, também não tive bem num lar foi num centro de dia e não havia sequer equipa de enfermagem e nós estávamos mais ou menos ligadas à Assistente Social e à animadora Sócio- Cultural e então foi nós tínhamos que tentar aplicar a parte de enfermagem num sítio onde isso não tinha nada haver, não estava aplicado e o que nos pediam era mais animação, então por um lado foi complicado, foi bom porque aprendemos de outras áreas, mas em termos de enfermagem não foi muito produtivo em termos de experiências.

Entrevistador: Disseram isso ao professor da escola na altura, o professor que estava com vocês em estágio?

Entrevistado 8: Não, o professor que estava connosco foi a professora x na altura e o que aconteceu foi nós éramos para ir para um lar, tínhamos um número para ir para um lar, só que depois na altura coincidiu com o estágio de outra escola e então à última da hora tivemos que nos dividir e eu e outra colega acabamos por ir para o centro de dia que estava de alguma forma ligado ao lar que nós éramos para ir e então foi a situação que ocorreu, também foi um estágio bastante curto, foram só três semanas na altura, mas foi aquele que eu digo, que quando faço uma revisão do curso aquele que em termos de enfermagem me deu menos, se calhar ensinou-me enquanto pessoa, enquanto animadora, em lidar com as pessoas mais velhas e trouxe-me imensas aprendizagens de lidar com as pessoas idosas, mas em termos de pôr em prática a enfermagem que nós aprendemos em termos de geriatria, acho que não é quase nada.

Entrevistador: E o enfermeiro que menos gostaste como orientador?

Entrevistado 8: Eu por acaso acho que posso me considerar com sorte, porque gostei de quase todos que tive, não houve assim nenhuma experiência mais negativa. Talvez em Pediatria, a pediatria que eu acho que, a Pediatria é aquela área que é completamente diferente de tudo e que nos cai no curso um bocadinho de para quedas, tipo nós estamos habituados a lidar com adultos, já fazemos umas técnicas e de repente cai-nos a criança e tem que ser tudo adaptado ao tamanho da criança, a comunicação tem que ser especial, porque a criança não percebe tudo etc, é tudo ali uma área muito minuciosa e depois na, eu tive na x e a enfermeira era um bocadinho do género tu já tens que saber e

eu ficava assim ok e chegava à parte da medicação em que eram aquelas continhas e tudo adaptado e não sei quê, eu chegava lá à sala de trabalho e eu ok, pronto, agora vamos ter que inventar regras de três simples para acertar com a medicação, está bem e depois era do género hoje ficas com um, hoje ficas com outro e ficas com os meus doentes e depois logo se vê e eu senti-me assim um bocadinho perdida na Pediatria, se calhar foi a orientação que eu achei mais desorientada nesse sentido, pronto mas em todos houve o seu aspecto positivo, mas esse acho que foi o menos produtivo.

Entrevistador: Achaste que foi a orientação mais desorientada, pelo facto só de uma vez tinhas um doente, outra vez tinhas outro doente, ou por outros factores?

Entrevistado 8: Por estar por exemplo mais sozinha no serviço, chegava alturas, pronto ela tinha algumas coisas para fazer e então ficava lá na sala de enfermagem a resolver e então agora cuidas dos doentes e logo se vê, se tiveres alguma dúvida vem cá ter e não sei quê, às vezes acontecia eu ir lá e então a enfermeira?, ah não sei ela saiu, ah saiu e então acabava por ser mais orientada por outras enfermeiras da equipa, era quem apanhava por exemplo na sala de trabalho ou no corredor, olhe tenho esta dúvida, esta criança tem não sei o quê, eu não sei de que maneira lidar, acho que nesse estágio acabei por ser um bocadinho mais orientada por todos os membros da equipa do que pela enfermeira orientadora exclusivamente, principalmente.

Entrevistador: E eles estavam disponíveis?

Entrevistado 8: Sim estavam, até porque, se calhar por haver elementos que eram cá da escola e já conhecíamos e até houve algum à vontade em lá nos receberem e depois se calhar também pelo facto de ser uma equipa nova, havia muita disponibilidade de nos ensinarem e de tirarem as nossas dúvidas e de estarem disponíveis para irem fazerem as coisas, havia um grande trabalho de equipa e não havia aquela diferença, então vais perguntar à tua orientadora, não tenho nada haver com isso, havia muita disponibilidade.

Entrevistador: Agora imagina que tinhas todo o poder do mundo e que eras tu que ias escolher um orientador para um aluno, quais eram os critérios que tu utilizavas para seleccionar um orientador?

Entrevistado 8: Eu acho que tinha que ser, para já estar muito, estar disponível para ser orientador que acho que é uma falha que ocorre frequentemente, que é o chefe chegar e tu vais orientar alunos e não há, pode até haver algum gosto por parte do enfermeiro, mas não haver disponibilidade pessoal, em estar com uma espécie de sombra atrás, às vezes somos encarados assim, ok agora vou ter uma sombra, ou então alguém para dividir o trabalho e pronto e logo se vê como é que vai ser, primeiro é ter disponibilidade da parte da enfermeira e vontade de ter, de orientar um aluno e depois acho que tinha que ser alguém que embora pudesse ter alguma responsabilidade no serviço estar bastante integrado na área que é suposto, por exemplo no caso da Cardiologia, que foi a experiência mais recente que eu tive, uma pessoa que tivesse conhecimentos acerca dessa área e tivesse capacidade de transpor para outra pessoa esses mesmos conhecimentos, porque às vezes nós sabemos e não temos aquela capacidade de dizer ao outro, é assim, se calhar se fizeres assim é melhor, nós até sabemos fazer as coisas, mas estar a explicar não é muito o nosso forte, ter à vontade para estar com outra pessoa, ter aquela capacidade de estar presente, mas não marcar a outra pessoa e mais, acho que essas são as características essenciais, que foi o que eu senti como mais positivo nas orientações que tive. Estar presente, o saber aquilo que está a transmitir e conseguir transmitir e estar disponível para ter um aluno, acho que esses são, há pode haver um ou outro pormenor, mas estes são os quatro que eu acho essenciais.

Entrevistador: E desses todos, qual o mais importante para ti, se tivesses que seleccionar só um?

Entrevistado 8: Se eu tivesse que seleccionar só um, eu acho que é a disponibilidade em vários campos, em querer ter um aluno, disponibilidade em transmitir a informação, disponibilidade para ensinar, acho que essa é a chave essencial, é disponibilidade em termos pessoais.

Entrevistador: Queres-me contar algum momento para ti em estágio que tenha sido particularmente difícil para ti em estágio, pode ser com um doente, uma situação de aprendizagem que tiveste dificuldade, o que é que fizeste para resolver aquela situação, a quem é que recorreste, consegues identificar alguma?

Entrevistado 8: É um bocadinho complicado, deixa-me pensar, eu acho que há uma situação que foi mais ou menos difícil, foi logo no meu primeiro estágio de Centro de Saúde, o meu primeiro estágio mesmo do curso foi Centro de Saúde, Cuidados Primários e fiquei, quando tivemos a distribuição das famílias fiquei com uma senhora que era Espanhola, que já vivia em Portugal à imenso tempo e não sei quê e vivia assim numa situação um bocado precária, vivia numa casa alugada que já estava assim a cair um bocadinho aos bocados e tal e depois o enfermeiro tinha, era só um enfermeiro que estava ligado aos cuidados continuados e então era muito complicado ele dar apoio às duas alunas que tinha e cumprir todos os doentes que tinha marcado para cada dia e então o que nos acontecia na parte da colheita de dados era, olha vocês já sabem onde é que é a casa dos vossos utentes, chegam lá tocam à campainha identificam-se e vão lá e eu pronto ok, primeiro dia, perdida em Lisboa, vamos lá ver se eu ainda sei dar com o sítio, cheguei lá e pronto a senhora lá me recebeu e claro que para perceber a senhora foi uma complicação, porque a senhora falava assim, não era Espanhol nem era Português, nem era nada pelo caminho, era assim uma mistura e eu bem eu acho que vou perceber o que ela diz, se não perceber logo se vê e depois era em termos, eu tinha que ir lá para fazer o penso da senhora, ela tinha uma úlcera varicosa na perna e não sei quê, ok fiz o penso pela primeira vez sem a enfermeira ao lado, uh, isto está a correr bem!, mas pronto é só tirar, fazer mais ou menos aquilo que eu vi o enfermeiro fazer, ok depois estou eu a fazer o penso aparece-me um cão a passear no meio do chão, depois entretanto aparece também um gato, meu deus isto não está a correr muito bem, eu acho que essa foi a experiência, que, não é que tenha sido negativa, mas foi assim uma experiência de outro mundo digamos assim, para já estar a fazer um penso sozinha logo nos primeiros estágios, acho que foi para aí ao fim de duas semanas de eu estar no primeiro estágio e eu, eu não sei fazer nada.

Entrevistador: Tinhas conhecimentos, para o fazeres?

Entrevistado 8: Poucos, tinha pouco, tinha visto alguns na sala de tratamentos e tinha visto fazer aquele na primeira vez em que fui visitar a senhora, portanto foi assim por um lado assustador e depois por outro tinha um bocado medo de ok não sei se o que seu estou a fazer está bem, a única coisa que me dava alento mais ou menos era do género, tudo bem daqui a dois, três dias nós voltamos cá para ver, o mal não há-de ser assim tão grande era, eu acho que esse foi aquele menos, poderá ter havido, terem existido outros

que agora não me lembro, mas esse foi aquele que por um lado hilariante, por outro também assustador e marcante no fundo.

Entrevistador: Mas fizeste alguma coisa para conseguires tirar essa dúvida?

Entrevistado 8: Depois quando lá voltamos, para já no dia a seguir quando voltei ao centro de saúde disse que pronto tinha corrido bem, tinha-me tentado orientar não é, mas tinha sido muito difícil para já ir lá sozinha assim, logo no primeiro estágio, nos primeiros dias, tinha sido muito, muito complicado e foi corrigido em termos de estágio, apesar de nós irmos lá à casa dos doentes para colher dados e não sei quê, nunca mais aconteceu essa situação, mas portanto foi resolvida logo directamente com a enfermeira orientadora, nós tínhamos dois orientadores na altura, eram os enfermeiros de cuidados continuados e nós alternamos os dias com eles e na altura foi resolvido e até não foi levado nada a mal, não houve nenhuma situação que daí decorresse que fosse negativa, mas foi uma experiência assim marcante logo para o início de curso, ok agora vou para a casa de um utente sozinha, é muito complicado. Acho que nos dias de hoje pronto já não tinha qualquer problema como é óbvio em fazer um penso sozinha e ir lá sozinha etc, mas pensar enquanto aluna fazer isso sozinha, enquanto enfermeira está bem, daqui a uns meses sou enfermeira portanto que remédio, é isso a minha profissão, é isso que eu escolhi para fazer, portanto agora como aluna é complicado.

Entrevistador: Porque é que achas que os enfermeiros te fizeram isso? No primeiro estágio, nos primeiros dias

Entrevistado 8: Eu acho que era um bocadinho do feitio do enfermeiro, porque ele era assim muito do género, muito descontraído, falava connosco tudo, tratava-nos como colegas e achava que nós já sabíamos tudo aquilo não sei quê, que nós éramos

Entrevistador: Mas eram do primeiro ano, ele sabia?

Entrevistado 8: Sim ele sabia.

Entrevistador: Será que ele tinha ideia de como é que era o vosso currículo, não é?

Entrevistado 8: Pois, eu acho que calhar isso talvez fosse uma falha. Eu acho que ele também optou por fazer isso porque nós já tínhamos ido lá, já tínhamos estado na sala de tratamentos, até já tínhamos visto fazer n pensos, ele disse-me mais ou menos o que é que eu ia fazer e portanto não era nada científico, era só tirar uma ligadura, voltar a fazer o penso e estava a andar.

Entrevistador: Mas não tinhas dado esses conhecimentos na escola?

Entrevistado 8: Tínhamos dado, assim muito muito por cima, foi no final do primeiro ano, nós damos alguma coisa, damos necessidades e não sei quê e damos alguma coisa de como fazer, mas não damos nada de especificidade em termos por exemplo das placas que nós usamos, em termos de se pomos inadine ou se pomos uma gaze gorda, por exemplo, etc, não damos nada disso.

Entrevistador: Então tinhas conhecimentos para fazer a técnica do penso, mas não de material?

Entrevistado 8: Exacto, eu ao fim ao cabo estava a fazer aquilo, mas não sabia o porquê, nem para quê, nem. O enfermeiro disse fazes mais ou menos com isto e estava feito com aquilo, portanto foi mais ou menos ok chego lá substituo o que lá está e logo se vê o que é que aquilo vai dar

Entrevistador: Quando o viste a fazer a primeira vez, ele não te explicou porque é que se utilizava aquele material?

Entrevistado 8: Eu julgo que sim, acho que na altura tinha uma placa, já não sei dizer muito bem o que é que era, mas isso ele tinha o cuidado de explicar, olha tem isto porque é assim esta ferida já estive nestas condições e com este tratamento desenvolveu para isto, isso ele tinha o cuidado de explicar e se calhar por isso é que ele confiou em nós ao ponto de fazer isso e porque achava que não era uma situação assim nada complicada, era uma situação arrastada, que aquilo era mais uma situação de manutenção e de prevenir a infecção do que propriamente tentar tratar, até porque numa úlcera varicosa não há grande tratamento possível é só tentar que aquilo esteja o

melhor possível, portanto se calhar por aí é que ele terá feito isso, mas foi uma experiência marcante, ainda hoje acho é um bocadinho de ficar.

Entrevistador: O que é que tu achas, o que é que é para ti estar em estágio?

Entrevistado 8: Estar em estágio, eu acho que é a parte melhor do curso, porque as aulas pronto também fazem parte e claro que não há estágio sem parte teórica, nem parte teórica sem a prática, não é, mas eu acho que estágio é a prova de fogo, é mesmo aquilo em que nós vemos, ok será que eu tenho capacidade para isto, ou não, até por exemplo no meu caso é engraçado porque a minha mãe até ao final do primeiro ano me dizia, ok tu chegas a estágio desiste, a minha mãe é mesmo assim, chegas a estágio desiste, porque eu tenho um feitio que sou, não é isolada, mas não me dou a conhecer nos primeiros momentos e não sou muito de falar e ela dizia apanhaste num hospital rodeada de pessoas em que tens que falar com as pessoas não te orientas, tu foges dali a sete pés e não sei quê e não aconteceu e ela acabou por verificar depois em estágio que eu adorava aquilo e que era mesmo aquilo que eu gostava, mas foi engraçado e acho que o estágio é um bocadinho isso, nós pela primeira vez no caso dos primeiros estágios e mesmo acho que todos os estágios é uma primeira vez de alguma maneira, mas é aquele momento em que nós vemos se tudo aquilo que aprendemos nós conseguimos mesmo fazer e se é mesmo aquilo que nós nos vemos a fazer para o resto da vida, acho que é mesmo e acho que é importantíssimo e essencial num curso como o nosso ter a componente grande de estágio que tem, porque se acontecer como acontece por exemplo em Medicina que temos anos e anos de teoria e depois olha agora, passados assim uns quantos anos de vocês saberem imensas coisas vamos lá ver como é que vocês se dão com os doentes e se calhar é por isso que nós às vezes criticamos tanto a relação que há entre outros técnicos e os doentes, porque nós somos habituados desde o primeiro ano a lidar com o doente e a relação humana e a atenção com outra pessoa e ver mais o doente como uma pessoa que está ali à nossa frente e que nós estamos a cuidar e que também podemos falhar como pessoas que somos, acho que esse aspecto do estágio se focarem é muito importante, o estágio é mesmo, basicamente isso é a prova de fogo, é o sítio onde nós vemos tudo, se somos mesmo capazes de pôr em acção ou não, acho que é isso basicamente.

Entrevistador: Quando dizes sermos capazes de pôr em acção, pôr em acção o quê?

Entrevistado 8: Tudo o que aprendemos, quer em termos de técnicas quer mesmo em termos de lidar com as outras pessoas, porque nós próprios somos muito especiais e temos muitas dimensões que podem condicionar aquela pessoa e as outras pessoas não são diferentes de nós e a fragilidade que se associa ao facto de estarem doentes exige de nós se calhar mais paciência, mais disponibilidade que nem sempre somos capazes, aquele aspecto de tentar deixar um bocadinho os nossos problemas à porta do serviço nem sempre é possível, eu acho que isso é essencial e em estágio é onde nós vemos se somos capazes ou não, porque é muito bonito nós estarmos aqui nas aulas e damos a relação de ajuda e ah tudo bem ok chegamos lá e vamos nos dar completamente à outra pessoa e fazer tudo o que ela quer, não é tanto assim, nem sempre somos capazes de não dar tudo o que ela quer, mas dar aquilo que lhe é essencial e de ver de tudo o que ela pede o que é que realmente é importante para ela e acho que o estágio é aquele sítio para se ver isso.

Entrevistador: Achas que em estágio, a escola te deu os conhecimentos teóricos essenciais?

Entrevistado 8: Às vezes sentimos muita falha nesse aspecto. Eu acho que o que a escola consegue dar também com a limitação horária que o curso tem, tem uma carga horária já imensa, mas em termos dessa limitação, eu acho que o curso está organizado o mais completo possível, eles tentam-nos dar um bocadinho de cada área, mas depois também nos cabe a nós e ao nosso interesse pessoal também aumentar esse conhecimento e ir buscar as informações que nós precisamos, portanto eu acho que em termos de curso eles nos dão o essencial e nos orientam em todas as áreas possíveis, mas depois claro que falha sempre qualquer coisa e nós quando estamos na parte da prática, vemos olha isto não é assim tão linear como demos nas aulas, ou se calhar é melhor ver mais qualquer coisa, porque nunca é tudo o que nós precisamos, mas eu acho que nos conseguem nos transmitir as bases.

Entrevistador: E perante uma situação tu és capaz de pôr em prática, os conhecimentos ajudam-te a resolver as situações?

Entrevistado 8: Eu acho que ajudam, mas isso é uma se calhar das falhas que eu sinto, não sei se em termos pessoais, mesmo em termos de curso, porque nós pensamos numa

situação e conseguimos estabelecer quais os passos a tomar, agora faço isto, aquilo e o outro, conseguimos sequenciar as nossas atitudes e depois quando nos deparamos com a situação, ficamos ok agora é mesmo, eu tenho mesmo que fazer o que eu tinha pensado e muitas vezes falha, mas eu acho que isso se calhar também vai um bocadinho em termos da pessoa e de saber transpor aquilo que nós aprendemos pelo menos, saber se calhar moldar um bocadinho o nosso nervosismo e tentar fazer o melhor que conseguimos, em termos de transpor conhecimentos eu acho que consigo, pronto na altura o que me acontece muito frequentemente é do género ok eu até sei que isto se faz assim, mas faço isto primeiro ou faço aquilo, baralho-me na altura em tentar fazer

Entrevistador: Tem haver com a organização, o começar por um sítio, não é, mas isso acho que vais adquirindo com a prática, porque eu também sentia o mesmo, mas depois com a prática e também acho que só consegues isso se houver alguém como essa enfermeira orientadora!

Entrevistado: Sim até mesmo em conversa com ela no último estágio isso aconteceu, ela até chegou e disse-me, pronto eu sei que às vezes até deixava-te um bocadinho sozinha, mas não sei se tu percebeste que isso foi um bocadinho de propósito para ver se tu te abrias um bocadinho mais e se conseguias ter alguma autonomia e ires percebendo o que é que é preciso, porque daqui a uns meses vai estar aqui como eu, lado a lado e tens que saber resolver algumas situações. Eu percebi, claro que isso era importante e até gratificante para mim, porque às vezes numa situação se não soubesse resolver procurava-a ou procurava outro enfermeiro na altura, mas as vezes que conseguia e me apercebia que era capaz eu uau, eu até sou capaz, até percebo alguma coisa disto, portanto até era positivo. Ah, agora perdi-me, mas em termos de estágio e de ver a profissão cada vez mais perto, é engraçado pensar no início do curso nós olhávamos assim para os enfermeiros nos primeiros estágios e pensávamos eu nunca vou ser capaz de fazer aquilo, eu sozinha com um doente, meu deus, nunca vou conseguir, ainda mais com mais doentes e não sei quês e mesmo técnicas que agora para nós são coisas habituais e do dia a dia, por exemplo mudar um soro ou puncionar ou não sei quês, nós no segundo ano quando aprendemos, que horror como é que nós vamos fazer aquilo e não sei quês. E agora temos que puncionar, ok está bem, segue-se assim, de acordo com o material que temos, tentamos fazer o melhor possível, pronto já está, uau até fui capaz, é uma evolução e mesmo em termos pessoais a gente sentimos uma evolução ao

longo do curso, nós sentimos que entramos assim pequenininhos, umas criancinhas acabadas de sair debaixo da saia da mãe e depois olha já tenho alguma responsabilidade, autonomia, daqui a uns tempos vou ser profissional, vou ter a vida das pessoas nas mãos e vou saber lidar com isso, vou aprender cada vez mais, é muito, muito importante.

Entrevistador: Para além de responsabilidade e autonomia que foram as coisas que disseste, o que é que aprendeste mais em estágio, que competências é que tu achas que até agora adquiriste para vires a ser uma boa profissional. O que é que é para ti uma competência?

Entrevistado 8: Uma competência é uma capacidade que temos e que ao pôr em prática vai permitir-nos cumprir objectivos que estabelecemos, no caso enquanto profissionais. Em termos de competências para ser uma boa enfermeira, eu acho que uma que também foi muito importante foi a tolerância e um bocadinho a paciência, porque a sério, porque eu acho que ao princípio era um bocadinho intolerante e ou levo a minha à vante ou acabou, não há cá meias medidas, era muito assim muito de ideias fixas, eu acho que uma competência que é muito importante é mesmo a tolerância, ok eu tenho a minha opinião, mas também há outras opiniões e se calhar ambas têm vantagens e uma mistura das duas é capaz de ser a melhor saída em vez de estar a lutar com a minha até ao fim eu acho que isso foi uma competência importante, depois o saber trabalhar em equipa, acho que também foi importantíssimo, por um lado ter a autonomia de fazer por nós próprios, mas também saber reconhecer quando nós não somos o suficiente e saber ter se calhar a humildade de pedir apoio aos outros, não é pedir que os outros façam por nós, mas trabalhar com o outro, para o outro também, acho que isso foi muito importante. A comunicação, acho que também foi assim uma competência que aumentou assim brutalmente ao longo do curso, porque como eu estava te a dizer ao princípio eu era assim muito fechada, falar então de mim, longe, eu sou eu vocês são vocês, adeus, acabou, mas acho que se desenvolveu muito e mesmo o falar com outra pessoa, ao princípio eu tinha imensa dificuldade em falar com os doentes e agora vou falar deles e perguntar-lhes da vida deles e mas eu não tenho nada a ver com isso, odeio fazer essas coisas, mas agora já é normal estabelecer uma conversa e não é preciso chegar lá com a folhinha para fazer o processo e então o seu nome, então a sua idade, basta termos uma conversa que já apanhamos as ideias essenciais que queremos sem estarmos a massacrar a pessoa com um grande inquérito, por exemplo no caso de fazer processos eu acho que

isso também foi assim uma evolução, uma aquisição grande do curso. Ah mais, sei lá, responsabilidade que eu já tinha dito, acho que foi assim também uma aquisição, não que eu achasse que era irresponsável, mas acho que o facto de lidarmos com a vida de outras pessoas nos aumenta o conhecimento de que se calhar somos assim um bocadinho pequeninos e que há um imenso mundo à nossa volta e temos que olhar, temos que, termos uma grande capacidade de observação também, essa é outra competência que eu acho que se desenvolveu, que é o saber quando estar e quando fazer alguma coisa por e saber ou quando simplesmente estar, às vezes, é a tal coisa do, muitas vezes o silêncio vale mais que qualquer palavra, saber observar e saber ver quando intervir ou quando ficar só e esperar que seja requisitada a nossa intervenção. São n coisas e n competências, é complicado lembrar todas.

Entrevistador: A competência de comunicação notou-se agora que foi desenvolvida

ENTREVISTA 9

Entrevistador : Tu tiveste agora um estágio, queres-me falar qual é a tua opinião global acerca deste estágio que acabaste de fazer?

Entrevistado 9: Pronto este estágio é particular, porque é psiquiatria, portanto para além de ser a primeira experiência nesta área tão específica, tem umas características particulares do serviço, dos profissionais que lá estão, quer de enfermagem, quer de auxiliares de acção médica, quer dos próprios médicos, porque primeiro lá está por ser uma área tão específica não são os médicos, ou intensivistas ou os de clínica geral, não são todos os médicos psiquiátricos e então é tudo muito especial, eu pessoalmente estou a gostar muito do trato com os doentes, mas pouco do modo de funcionamento do hospital enquanto organização, enquanto instituição acho que funciona muito mal, há ali uma gestão de dinheiro, de recursos muito muito má, condições péssimas para trabalhar, para tratar, para estar, a equipa dão-se mal é só tricas com tricas, acho que aquilo às tantas devia era ser tudo internado, porque de facto é um mau ambiente entre profissionais, os médicos não comunicam com os enfermeiros, os médicos dizem coisas para depois os enfermeiros desdizerem e depois os doentes já não sabem o que é que sim o que é que não, portanto é assim da relação com os utentes estou a gostar muito, está a ser espectacular, estou a aprender imenso, estou a aprender mesmo, estou a aprender a ver coisas em mim, em ver coisas, é muito enriquecedor, porque às tantas a pessoa esquece-se que está lá para aprender em termos de uma base teórica e depois a sua praticabilidade e a sua aplicabilidade no quotidiano e na prestação de cuidados e então acaba é por ver como é que aquilo pode ser útil na sua vida, na relação com a mãe, com o pai, com o irmão, pronto então psiquiatria é muito gira por isso, estou a gostar muito, agora o hospital em particular, o serviço, a equipa, tive muita sorte com a enfermeira orientadora é espectacular, sim senhora, mas a equipa é umas confusões, aquilo dá mesmo vontade de a pessoa não ser perdida nem achada para aquilo, disso é a única coisa que eu, portanto a experiência é muito boa enquanto, em termos relacionais e humanos, agora lá o resto não.

Entrevistador: Disseste que, tiveste muita sorte com a enfermeira orientadora que era espectacular, queres-me falar um bocadinho à cerca dela?

Entrevistado 9: Pronto, a enfermeira era espectacular dentro do contexto que eu estou a falar, ou seja se essa mesma enfermeira tivesse sido minha orientadora num estágio de cuidados intensivos eu era a maior desgraçada, porque ia ter que me virar para algum lado, portanto é uma boa orientadora neste contexto particular, neste hospital, neste serviço, porque, porquê?, porque é uma pessoa que não avalia constantemente os nossos conhecimentos, aliás não avalia de todo os nossos conhecimentos, porque ela própria não tem uma base, um suporte teórico sólido, mas o que ela tem de bom é não põe obstáculos às nossas iniciativas, desde que seja uma boa iniciativa, ela está ao nosso lado e vai junto do enfermeiro chefe para o chatear, para o pressionar, para fazer, que ele também não é preciso pressionar muito, que ele é todo solícito nestas coisas, ele também telefonou para a gente ir passear e pronto, portanto ela disponibiliza-se imenso para nos ajudar, é muito preocupada com a nossa, eu não quero dizer vida pessoal, porque isto pode ter uma conotação negativa, no sentido de estar sempre a se intrometer, mas é preocupada com o nosso bem estar, como o nosso bem estar no estágio, se estamos muito bem, faz-nos perguntas, mas perguntas pertinentes, não é aquela coisa que a pessoa vê que não está pouco mais ou menos interessada, pergunta hoje estás mais triste, estás cansada, querem sair mais cedo? Pronto é uma relação próxima, é uma relação próxima, não é em termos, não é que ela dê um bom suporte teórico, porque não dá e até evita, mas relaciona-se muito bem connosco e que eu veja é a única enfermeira que se relaciona com o utente, ela própria dá-se e fala, quer dizer a pessoa às tantas sente falta num serviço daqueles de alguém que ligue ao utente, estar só na sala de trabalho a fumar e a falar mal da guerra não é nada e da vida particular o que é que tem que fazer, bom enfim e ah e eu não estou cá para abrir portas! Esta frase, pronto é das mais ditas, não é?

Entrevistador: Abrir portas?

Entrevistado 9: Porque o hospital está sempre fechado e os utentes estão sempre a sair e a entrar, bom é um redabock com a chave, pronto neste sentido, portanto ela nem este género de expressão, não, dá-se muito bem com os utentes e dá-se muito bem connosco, comigo e com a minha colega, neste sentido, muito disponível e muito preocupada.

Entrevistador: Pensando em todos os estágios que já fizeste até agora consegues-me dizer qual é que gostaste mais e porquê?

Entrevistado 9: O local de estágio? Ou

Entrevistador: O estágio

Entrevistado 9: O estágio que eu gostei mais foi o de Cuidados Intensivos, foi este anterior, precisamente de Novembro a Dezembro, foram cinco semanas. Porquê, foi a pergunta?

Entrevistador: Porque é que gostaste mais desse estágio?

Entrevistado 9: Foi o estágio que exigiu mais de mim em termos físicos e em termos académicos, por duas razões, físicos, porque é inerente ao serviço para a pessoa fazer seja o que for e pronto e isso está explicado só por si, em termos académicos por dois motivos, o primeiro por uma motivação intrínseca, que é eu interessei-me muito e por isso estudei muito e segundo é uma motivação extrínseca, extrínseca que é a escola não deu preparação teórica, eu quase que diria não deu e terminava a frase aqui, mas pronto, não deu suficiente, portanto a escola não deu aporte teórico suficiente para se fazer um estágio com o nível que eu queria atingir, então foi, foi o único, porque eu não sou propriamente a aplicação em pessoa, foi o único estágio em que eu depois de todos os turnos que fiz e até fiz turnos a mais, depois de todos os turnos que fiz ia estudar para casa, mas ia mesmo, ia mesmo, portanto foi o estágio que eu gostei mais por estes dois motivos em primeiro lugar, pronto. Em seguida o local em si proporcionou que eu tivesse esta motivação, foi, eu posso dizer o local, não há problema?

Entrevistador: Podes

Entrevistado 9: Foi na X, conhecendo-me como eu me conheço provavelmente isso por si também é um factor, porque eu não gosto de trabalhar num sítio escuro, com bocados de parede a cair, com instalações eléctricas descarnadas, com água a pingar, com baratas, não gosto e não gosto mesmo, porque não gosto de olhar e ver os doentes ao pé, é que até fico nervosa com uns suores, com umas coisas, sinto-me mal, fico mesmo mal, portanto as instalações são muito boas, as profissionais têm aquela característica, também já tive oportunidade de trabalhar na Y e já percebi que é uma característica deste género de instituição hospitalar que é eles têm mesmo que ser simpáticos e eu

pessoalmente até acho isso bem, porque às tantas a pessoa se ao início faz o esforço e atenção um bom enfermeiro num é um enfermeiro simpático e eu sei disso, isso se calhar ao início educa-se para ser, mas depois aquilo já é natural e então sabe-me bem ver uma simpatia no geral e a verdade é que geralmente a simpatia responde-se com simpatia e então aqueles casos coincidência ou não, mas aqueles casos de doentes mal criados, doentes maus, são menos frequentes que nos noutros sítios, não sei também se por a genica ser inferior, uma pessoa que está numa Unidade de Cuidados Intensivos não está propriamente no seu melhor, mas a má educação, aquela agressão verbal, aquela coisa do seu este, seu aquele, que eu me lembro só vi um caso em todo o estágio, enquanto que nos outros estágios ou! era o prato do dia. E então, pronto gostei, gostei bastante, acho que o serviço em si proporcionava e depois os enfermeiros, os médicos, senti mesmo o trabalho de equipa, senti mesmo, senti-me integrada, senti-me que eles, eles porque ao fim ao cabo é a fingir que faço parte da equipa, mas então acho que eles se dão super bem, tive oportunidade de ir ao jantar de Natal, que as pessoas convidaram-me, super divertidos, não consegui distinguir, depois pus-me a ver de fora, não consegui distinguir a auxiliar, da enfermeira, do médico, não consegui, era uma amizade, uma coisa, um, nem era um ser tu cá tu lá não é isso, mas era o facto de perceber que havia, havia à vontade, não era intimidade nem era aquela confiança do porreirismo, não era isso, era, havia à vontade, foi muito bom, gostei muito, gostei muito da forma como eles interagiam com eles e depois como me souberam acolher na equipa, gostei, gostei muito.

Entrevistador: E o enfermeiro que teve contigo, como orientador, contribui também para que gostasses?

Entrevistado 9: Coincidentalmente acho que foi o enfermeiro que gostei mais, portanto até que foi, que gostei muito da orientação dele, aliás tive a oportunidade, ele proporcionou-me fazer a avaliação dele enquanto orientador depois de ter feito a minha, acho que foi muito, foi uma coisa muito justa e foi muito fairplay, foi um fairplay, foi muito bom, foi o primeiro orientador homem que eu tive, estava um bocado receosa, porque às vezes, eu não sei, há sempre portas abertas para más interpretações e como o contacto social às vezes é tão difícil de distinguir do outro e então neste género de profissão e a verdade é que aquilo que eu percebo é que a pessoa está sempre a baixar-se para ver níveis e a gente com aqueles vestidinhos ridículos, eu sentia-me receosa às

vezes de estar e então quando percebi que ia ficar com um homem pronto achei que isso para mim ia ser motivo de cuidado, para já não foi, era pouco mais, devia ser da sua idade, se tanto, ele devia ter vinte e tal anos, então pronto, tinha vinte e tal anos, mas já ia para o segundo filho, era um rapaz que ia continuar os estudos e soube manter a distância QB para as coisas nunca, nunca houve lugar para uma má interpretação, nunca houve lugar para nada, então o primeiro obstáculo foi muito bem superado, que era esta coisa do quando me dizem, não sei quê enfermeiro na na na, e eu uh uh, é um homem!, pensei logo eu, portanto o primeiro obstáculo superado, o segundo era mesmo a questão da orientação, foi uma semi-orientação, ou seja, ele deixava-me sempre chegar até ao meu limite, até ao meu limite de conhecimentos e até ao meu limite às vezes quase de capacidade física, o que à partida pode parecer estenuante, mas ele estava sempre lá e por muito disparate que eu fizesse desde que fosse a primeira vez, ele a única coisa que fazia era explicar-me como fazer bem e então aquela máxima do aprender com os próprios erros, dentro dos limites porque numa Unidade de Cuidados Intensivos aprender com os próprios erros pode ser um bocado arriscado, mas pronto dentro dos limites que não me prejudicavam nem a mim nem a ele nem ao utente em termos de responsabilidades e em relação ao utente portanto em termos de saúde, que não compromettesse nenhuma destas três partes ele deixava-me sempre ir, ir, ir, ir e quando via que eu já estava mesmo mesmo à rasca, depois eu também e depois quando eu percebi que ele queria mesmo assim, então era mesmo assim, só quando eu já estava muito à rasca, então ia e ai sim, debitava matéria que era uma coisa maluca e explicava-me as coisas ao mais ínfimo pormenor, depois a coisa parecia que ele não me tinha dito nada, deixava-me digerir aquilo e sem programar sem nada, um dia, dois dias, três, quatro a cinco dias depois ia validar se eu tinha ou não ficado com a matéria, mas isto era num ambiente, ou era à hora de almoço, em conversas, ou sentava-se num tempo, num final de um turno em que eu já tivesse as minhas coisas orientadas, ou sentava-se e perguntava-me, perguntava-me, todos os turnos me perguntava se eu tinha tido dúvidas, portanto foi uma semi-orientação, mas eu estava sempre segura, estava sempre, tive sempre uma rede de suporte, ou seja, deixou-me trabalhar muito, deixou-me fazer, deixou-me descobrir o serviço, mas apoiou-me muito, tive sempre ali uma boa rede para fazer as minhas piruetas, mas sem me aleijar e sem aleijar terceiros, inclusivamente depois já numa de eu sou super autónoma e olhe que iniciativa que eu tenho deixou-me ficar com mais do que um utente várias vezes e foi muita puxado para mim, confesso, mas foi muito bom, foi muito gratificante, para ele era uma carga de trabalhos e eu senti

isso, porque a pessoa só tem dois braços, só tem duas pernas, ele era chefe de equipa e a equipa sem contar comigo tinha mais três elementos em integração, então senti que para ele era muito mau eu ficar com mais do que um doente, era muito mau, mas ele fazia um esforço sobre humano e eu via que sim e então na altura da medicação o homem desdobrava-se como podia, mas nunca me cortou as pernas, nunca nunca nunca nunca e depois por exemplo tem a mesma disponibilidade que esta enfermeira, isto só para eu conseguir, tem a mesma disponibilidade que a enfermeira que está actualmente comigo, tem a mesma vontade de se relacionar com os doentes e com a aluna, mas com um extra tem um bónus, que era tinha um suporte teórico espectacular, bilingue ainda por cima, porque ele sabia muito de muita coisa, foi muito bom, para mim foi muito bom, é muito bom a pessoa ter uma dúvida, perguntá-la ao orientador e ter uma resposta extensa mas clara, era extenso e era com pormenor, mas era claro, explicava-se muito bem e respondia à minha dúvida, é muito bom, é muito bom quer em termos de anatomia, de fisiopatologia, de farmacologia, era muito bom e foi muito bom para mim e ah tinha um relacionamento excepcional com os médicos, aliás era o elemento de enfermagem era o elemento de preferência dos médicos, à excepção da enfermeira chefe, relacionava-se muito bem e acho que era influente na forma como os médicos viam os enfermeiros e pronto isso talvez, eu gostei muito da forma como a equipa, a equipa mesmo com letras grandes, todos funcionavam, foi muito bom e pronto ele dinamizava muito bem isso, pelo menos em quanto eu lá estive e do que eu vi, portanto em cinco semanas, não estou a dizer que ele seja assim, em cinco semanas comigo naquela altura com aquelas pessoas, com aqueles utentes gostei muito como ele se relacionou e isso a mim faz-me sentir bem, não só como ele se relacionou comigo, mas com o resto da equipa, gostei muito.

Entrevistador: E aquele estágio que tu gostaste menos?

Entrevistado 9: O menos, menos, menos, pronto o estágio que eu gostei menos, menos menos há aqui um equexeco que eu, deixa cá ver, que eu, às vezes já me tenho feito essa pergunta e ainda não consegui perceber, podem ser dois?, não, tenho mesmo que escolher um?

Entrevistador: Pode, desde que expliques

Entrevistado 9: Então é assim, um não gostei do estágio pelas expectativas, o problema foi o estágio não ter correspondido às expectativas que eu levava e desiludiu-me e então por desilusão fiquei completamente desmotivada e comigo motivada têm tudo, desmotivada é muito mau, desmotivada é muito mau, pronto, um foi o de Pediatria, que eu esperava que aquilo ia ser a x no Jardim de Infância, família feliz e então fiquei muito desiludida porque ao fim ao cabo a pessoa com as crianças pouco ou nada está ou pelo menos eu não estive ou não soube fazer o estágio como devia ser e não sei avaliar onde é que esteve o erro, possivelmente foi não me ter dado bem com a enfermeira, mas isso remete-me para o outro estágio e então aqui eu acho que este de facto ganha os pontos, porque este não só eu não gostei assim muito do estágio em si como o meu relacionamento com a enfermeira chegou ao ponto de eu me desmanchar em lágrimas, portanto isto foi no estágio de cirurgia, no segundo ano, foi um ano complicado, porque foi um ano em que eu chumbei numa cadeira de enfermagem, quando ainda não havia precedências, tinha chumbado, chumbei por ter tido negativa na cadeira teórica o que faz de mim uma rapariga doze meses ou nove meses sem fazer nada, uma rapariga que pronto como toda a gente tinha planeado acabar o curso o ano passado e não acabei, que não é nada, foi dos melhores anos da minha vida esse ano que eu chumbei, mas pronto a pessoa leva sempre o estigma de ter chumbado, a choradeira que foi porque chumbei, o nervosismo que é porque a pessoa sabe que o professor orientador da escola sabe que eu chumbei e porque vai dizer à enfermeira orientadora que se por sua vez quiser implicar só pelo facto de eu ter chumbado, já tem em mim uma potencial chumbada, pronto e então ia com este pesadelo na cabeça muito bem, portanto já de mim eu levava tensão para o estágio, primeiro ponto, na altura por acaso eu pensei quem sobrevive a um estágio com uma das professoras desta escola também vai sobreviver ao estágio com outro professor desta escola, curiosamente quer com um quer com outro professor da escola a coisa até correu dentro dos parâmetros considerados normais, nada assim muito amigável, nem uma orientação assim muito chegada, ambos são distantes e pronto, não há uma simpatia especial, aliás eles fazem questão disso, mas o problema foi sim o local de estágio, como se já não bastasse, paredes velhas, a instituição, as paredes estragadas, as instalações descarnadas, aquelas coisas todas que eu já gosto, que só me faz sentir bem, como se já não bastasse isso calha-me uma enfermeira, eu vou usar a expressão, é que a senhora é aquele género de pessoa que pá que rapa os pêlos dos braços, não é? ,não é que eu tenha alguma coisa contra isso, mas senhora também tinha uma vida pessoal e digo senhora porque eu às vezes não percebia bem, não percebia bem o que é

que ela queria da vida, era uma pessoa que tinha problemas pessoais, bem ao mais alto nível, desde em termos de saúde com familiares muito graves, muito muito muito graves e eu isso eu compreendo, o marido tinha-lhe feito trinta por uma linha há relativamente pouco tempo, ela é que criava a filha, oiça uma senhora mesmo que a vida tinha torturado, com complexos de feiz, mas eu estou a falar a sério, uma mulher, a vida tinha sido mesmo madrasta para ela e eu compreendo essas coisas todas, mas era uma mulher que gritava de uma ponta do serviço pelo meu nome, que me empurrava pelo serviço, que me bateu à frente de um doente, do meu doente, que me perguntava, que me dizia larga isso o que é que estás a fazer?, à frente do doente e eu nem estava a fazer nada de mal, ela teve o descaramento de fazer coisas de propósito para eu fazer errado, bem foi maquiavélica, ela foi mesmo, foi uma pessoa má, foi má para mim, foi mesmo má, de tal forma que eu uma vez, ela faz aquele discurso muito até aí eu não sei bem se enfermagem é o que tu queres, aquelas coisas que algumas às vezes têm aqueles vaipes que eu já percebi que lhes dá, teve esse discurso para mim e eu que até sou aquele género de pessoa que se aguenta muito bem eu comecei a olhar para ela e disse-lhe mesmo mas com as, com as lágrimas nos olhos, eu não sei o que é que você quer de mim!, disse-lhe assim na sala de trabalho, eu juro que não sei o que é que você quer de mim e ela ah, depois ficou um bocado à rasca, depois lá pediu muita desculpa, bem mas foi muito mau em termos, com a enfermeira, o estágio podia-me ter corrido, podia até ter-se passado como se passou com o de Pediatria que não foi de encontro às minhas expectativas, mas pronto que se passou, também por parte da enfermeira mas esta bateu aos pontos a de Cirurgia bateu aos pontos a outra, a outra pelo menos não me agredia fisicamente, esta chegava ao cúmulo dos colegas às vezes lhe pedirem para ela não gritar mais comigo, porque era impossível, era impossível estar assim, viver assim, foi mesmo coisas, a escrever os registos de enfermagem de página e meia, ou seja ninguém faz, nem um aluno faz um registo de página e meia e se eu fazia uma rasura riscava e obrigava-me a escrever de novo e obrigava-me depois do turno, à frente de toda a gente, ora eu que já levava, bem passei um estágio, era raro o dia que eu não dizia eu não aguento a mulher, mas aguntei, as coisas passaram-se e não abri a boca para ninguém, não abri a boca porque sabia que levava do enfermeiro, depois descobri que eles tiraram o curso juntos.

Entrevistador: Do enfermeiro, o professor da escola?

Entrevistado 9: O professor da escola, portanto aquilo era da mesma guarda e eu não ia estar, sinceramente acho que ele também, não, pronto, mas como dizia ah porque ela é muito exigente e muito boa e porque não sei quê, pronto é aquele estilo do ir ao encontro nem penses, ao encontro nacional de enfermagem, nem penses, nem sonhos, eu fazia um exame de anatomia, bem, eu fazia um exame de anatomia vamos sopor no dia dois e a noite era de dia um para dia dois e eu fiz noite de dia um para dia dois! Portanto foi uma pessoa eu não consigo sequer, compreendo e os próprios colegas tinham por ela alguma, eu vou dizer pena, faziam aquele ar do deixa lá não lhe liguês, que eu às tantas sentia-me mal em me queixar fosse o que fosse, porque no fundo a mulher, pronto coitada da senhora tinha lá aqueles problemas, mas

Entrevistador: Era uma coitadinha!

Entrevistado 9: Sim, mas ela não precisava de ter sido assim para mim, a sério que não precisava, tinha tido muito mais de mim, tinha tido muito mais de mim se tivesse sido e não teve, eu só para não a ouvir fazia de tudo, era uma coisa que, eu estava sempre ao pé dos doentes, mas na sala onde ela não estivesse, porque eu não conseguia, não conseguia trabalhar com ela, começava a tremer de uma maneira, pronto.

Entrevistador: Para além da relação com ela que outras características é que achas que ela tinha que não foram positivas para o teu estágio?

Entrevistado 9: As características negativas dessa enfermeira era a insegurança que me transmitia, transmitia-me insegurança em mim mesma, então vamos fazer assim, os aspectos negativos era não confiava em mim, mas não confiava, do género considerava-me culpada até eu provar que era inocente, portanto isto é muito mau, não confiava em mim e não confiava mesmo, assim como não confiava nos colegas, mas isto num aluno é muito mau, porque os colegas estão ao nível e conseguem, portanto era não confiava em mim por nada, para nada, nunca confiou, pronto não foi aí eu mostrei que não era de confiança, não, portanto ela nunca mostrou confiar em mim, assim eu só penso nos gritos e nas agressões, falou mais alto que tudo, pronto palavras para quê, ela usava com orgulho ainda as fardas semelhantes às nossas, que nós agora dizemos que, portanto ela é x, mas é aquela x que já não há, aquilo foi complicado, ela se pudesse tinha-me chumbado, se tivesse como, mas não conseguiu, não sei como é que ela me deu a nota

que deu, mas era o não confiar em mim, assim coisas mais objectivas, era a exigência sem fundamento, exigia sem fundamento e exigia e ah era o não haver um reforço, não havia um reforço nem positivo nem negativo nem nada, não havia reforço, não havia uma gratificação, não havia limite para a exigência dela, não havia critérios, ela não me dava critérios de avaliação, nunca me deu um critério de avaliação, ou seja, ela nunca sustentou aquele, aquela aversão que me tinha, ela nunca sustentou e quando eu a confrontei com a minha, bem já me estou a dispersar, mas pronto, quando eu a confrontei com o facto de eu achar que ela me trazia aquela aversão por e simplesmente porque naquele momento a vida dela estava confusa ela quase que admitia, pronto e então foi a não fundamentação, ela não soube fundamentar a exigência dela, era uma exigência sem limites, ou pelo menos sem critérios, porque eu andei completamente alienada o estágio todo, a única coisa que ela me sabia dizer era que eu não sabia a matéria, mas não me sabia dizer que matéria e eu dizia mas o que é que quer que eu estude? e ela não me dizia o que estudar e eu cheguei ao ponto de estudar cirurgias, eu sabia lá o que havia de fazer, para saber o pós cirúrgico, para saber, mas não lhe chegava, não lhe chegava, arranjava sempre qualquer coisa, portanto isto assim também, eu acho que me está a ser difícil descrever, porque foi mais no âmbito das emoções que as coisas correram mal e por muito e por muito apática, por muito indiferente que a pessoas queira estar, eu não consegui, a partir do momento descontrolei-me completamente porque toda ela era a emoção, ela só os sentimentos dela é que falavam, foi ela não confiou em mim, sinceramente não confiou em mim, porque também já não andava a confiar em pessoas que lhe eram mais próximas, exigia de mim sem fundamentos, porque não podia exigir de quem queria exigir, gritava comigo, porque não podia gritar com o pai e com mais não sei quem que era lá uns problemas que ela tinha, batia-me porque não podia bater na filha, eram coisas assim, ela conseguiu projectar em mim muita coisa que naquela altura se passou na vida dela e isso fez dela sem dúvida, eu acho que deve ter sido, do meu curso foi e dificilmente volto a encontrar, ainda me faltam dois estágios, mas duvido que encontre alguém como ela por dois motivos que se mesmo que encontrar agora tenho mais dois anos em cima e por acaso eu até cresço assim com as cabeçadas e nunca mais me apanham, porque já tive situações que às vezes as coisas até podiam ter descambado, mas já não e a pessoa aprende, a pessoa aprende com essas coisas e pronto e então neste caso particular as duas coisas mais objectivas era a exigência sem limites e sem haver critérios, sem nada e era o não confiar, acho que sim, o resto é blá, blá, blá.

Entrevistador: Se tivesses todo o poder do mundo para seleccionares um orientador quais eram os critérios que utilizavas?

Entrevistado 9: Há alguma lista de critérios ou não, ou tenho que agora?

Entrevistador: Pensando nos pontos positivos e negativos, o orientador que gostaste e não gostaste

Entrevistado 9: Tenho que criar o orientador perfeito

Entrevistador: Sim

Entrevistado 9: Então pronto, o orientador perfeito tem que ter um bom suporte teórico, no mínimo na área em que está a orientar o aluno e quando digo um bom suporte teórico é um bom suporte teórico para exercer e para tirar dúvidas, dúvidas que às vezes acabam por não ser pertinentes para aquela especificidade do serviço, mas que são pertinentes para o crescimento do aluno, então acho que um bom suporte teórico dos quatro anos da licenciatura e uma boa formação depois no serviço, ou seja gosto daquele, gosto do orientador que se vai formando constantemente, que vai a formações, que vê-se que se interessa, que estuda, pronto acho que é um bom suporte teórico. Depois gosto de um enfermeiro que se entrega e que se entrega ao utente e que se entrega ao aluno e que se entrega à equipa, gosto muito, mas também não gosto daqueles que depois se entregam de tal forma que ficam absorvidos por aquilo, então tem que ser divertido. Portanto tem que, assim as três máximas são saber muito, isto para, é saber muito, gostar muito do que faz e ser divertido, então acho que se consegue, consegue dar num belíssimo orientador, pronto essas são as três coisas assim mais mais mais mais.

Entrevistador: O ser divertido porquê?

Entrevistado 9: O ser divertido porque há situações ou muito boas ou muito más e essas situações muito boas ocorrem em que situações? Situações em que há cuidados especiais a ter em relação ao utente, mesmo em termos relacionais, em termos da prestação de cuidados, situações delicadas com os familiares em que se a pessoa não

tem, não é, não tem a sanidade mental, de duas uma ou resolve o problema na altura e então não tem problemas, não há mais problemas, aquele problema fica resolvido na altura, a pessoa tem traquejo, não é traquejo isto não é nada, não é uma expressão assim muito politicamente correcta, mas ou a pessoa tem traquejo para resolver na altura e o problema fica resolvido e muito bem ou então não acontece um problema e aí Jesus que fica e vai para casa a pensar e depois já nem trabalha bem, não, quer dizer ser profissional naquilo e ao mesmo tempo saber ver as coisas de outra forma, eu pessoalmente associo o ser divertido não é o pândego, não é o ser pândego, mas o saber ver as coisas de uma forma positiva, ser positivista, ser optimista, pronto acho que é importante, é importante, então é importante também na relação com os colegas, com superiores e depois com o resto da equipa, porque se há uma divergência ou se por outro lado há uma participação conjunta num projecto ou numa actividade ou numa formação, quer dizer com pessimismo e com aquela seriedade que não é ser sóbrio, é ser mesmo sério, sisudo, não dá, na relação não dá, porque a pessoa às tantas está um bocado por si, portanto acho que é bom uma pessoa saber, não é ser o palhaço, nem ser o bobo, nem estar sempre na fulia e eufórico, na pândega, mas ser uma pessoa divertida, ser uma pessoa agradável de tratar, dá bom ambiente de trabalho, propicia um bom trabalho na equipa, acho que é importante, eu acho que é muito importante.

Entrevistador: Há bocado quando falaste naquele enfermeiro que gostaste mais, falaste na idade, achas que para ti a idade é importante?

Entrevistado 9: A idade é importante, porque a idade reflecte duas coisas, dinâmica e eu estou a dizer isto porque o número de observações coincide com o que constato, que é normalmente quanto mais velhos mais inertes, o que não tem que ser assim, espero eu não chegar a velha, velha quer eu dizer ser mais avançada na idade, mas ser uma enfermeira com dinâmica, ser uma enfermeira activa, pronto então eu associo a idade à inércia, ao deixar andar, pronto, não quer dizer que o facto de ser mais velho seja mau, mas eu associo quanto mais jovem mais dinâmico, não necessariamente jovem recém-licenciado, prontos vinte, trintas, quarentas, daí para a frente já associo um bocado e então pronto associo ao dinamismo.

Entrevistador: Destes critérios todos o suporte teórico é o mais importante? Se tivesses que seleccionar um critério destes três que tu disseste, que era o suporte teórico, o ser

divertido e o outro que já não me lembro, mas pronto qual é o critério para ti mais importante?

Entrevistado 9: Eu falei na disponibilidade?

Entrevistador: Acho que sim

Entrevistado 9: Nestes três? Não era nenhum destes três?

Entrevistador: Não, mas podes incluir se quiseres

Entrevistado 9: Porque é mesmo aqueles, este segundo não me lembro, mas

Entrevistador: Já me lembro qual era, era o gostar, não era bem o gostar

Entrevistado 9: Ah, sim, sim, sim

Entrevistador: Se queria ter aluno e a relação com a equipa

Entrevistado 9: Tem haver com isso é a disponibilidade, para mim sem dúvida, é o critério comum a todos os enfermeiros que eu não desgostei, fiz-me entender?

Entrevistador: Sim, sim

Entrevistado 9: Ou seja, entre os que sabem mais e os que sabem menos, os que choram mais, os que choram menos, os que gritam mais, os que gritam menos, portanto o fio comum neles todos para terem ou não o meu abalo, do género pronto safa-se é a disponibilidade, se for disponível para o aluno, aliás as duas únicas com quem eu não alinhei foi porque não foram disponíveis e era universal, não foi comigo, não foi, não foi só comigo, foi comigo, era com os colegas, não são disponíveis, não estão disponíveis nem para o utente nem para coisíssima nenhuma aquilo não interessa nada, acho que a disponibilidade é pronto.

Entrevistador: Até agora que competências é que tu achas que adquiriste para vires a ser uma boa enfermeira?

Entrevistado 9: Ah

Entrevistador: O que é que é para ti uma competência?

Entrevistado 9: Uma competência, uma competência é algo inato ou adquirido que nos permite otimizar a nossa prestação de cuidados, ponto. E quais foram as competências que até agora adquirir ou que aperfeiçoei, não é? Então é assim há uma que eu acho que adquirir, aliás que eu me apercebi que existia e não sei se é uma competência ou não, mas é uma coisa tão simples que é a ausência de juízo de valor, acho que a enfermagem foi assim descobri, não sei como é que foi, vi a luz ao fundo do túnel, descobri que a ausência de juízo de valor é fundamental para a prestação de cuidados e se a pessoa conseguir fazer, é muito difícil fazer isto na íntegra, é muito difícil e eu estou longe ou filha tão longe que tu estás!, mas só o facto de ter consciência de que posso ser ainda mais imparcial, ainda mais livre de qualquer coisa que me afecte a forma como eu olho para aquela pessoa que está ali à minha frente fez-me um click enorme e se quer que lhe diga já me ajudou muitas vezes a otimizar a minha prestação de cuidados, muitas, muitas, muitas vezes, mas sempre, sempre, sempre, em tanta coisa, agora para mim e eu não estou a falar e ah e agora pode então entender como ah ela dava importância à religião, à raça, à raça não até porque pessoalmente tenho, a minha vida pessoal é feita com pessoas de outras raças por isso não há problema nenhum, portanto não é a raça, não é a religião, por exemplo é o juízo de valor, estou me a lembrar do caso da pessoa que se suicida, tenho a certeza que à quatro anos atrás, mas tenho a certeza que para mim, eu lembro-me de pensar que quem se suicidava eram pessoas fracas de espírito e dizia isto à boca aberta para quem quisesse ouvir e até devia-me de envergonhar de ter pensado isto e hoje em dia, para mim, eu penso agora penso e é tão bom fazer este exercício que é como eu evolui e foram só quatro anos, portanto imagino ao fim de uma vida de profissão se deus quiser com empenho e com espírito crítico, não é e isto já nos leva para outra e com espírito crítico consegui, consegui mesmo, foi uma coisa que eu, que a enfermagem me trouxe e eu acho que falta a muitos enfermeiros que eu acho que é essencial que é a ausência de juízo de valor e a partir daí é começar do zero e ah e outra coisa que é, que eu também, a ausência de juízo de valor pode otimizar que é se

não houver juízo de valor para nada portanto abolir tudo isso trato toda a gente igual, então trato o meu pai, a minha mãe, a senhora da esquina, o utente do hospital A, do B, é tudo igual, a pessoa fazendo este exercício, mesmo, mesmo até lá ao fundo é tratar toda a gente igual, seja lá quem for, não é por ser filho de, não é por ser no hospital x, não é por ser no serviço tal, é seja lá quem for é tratado de igual forma e ponto final, isso para mim foi muito importante. Descobri na enfermagem, porque no trato social a pessoa também não deve ter, mas descobri na enfermagem se calhar até já o tinha um bocadinho, mas foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo, sei que há muito mais para crescer, mas pronto acho que é essencial e depois o que eu já falei que é o espírito crítico, que é muito bom, mas não é para fazer avaliações, não é para fazer avaliações das pessoas, do estilo ah é simpático, não é criticar. O espírito crítico é importante se oportuno, ou seja, saber fazer naquele momento as coisas, como e porquê, é bom na questão de iniciativa, pronto. Portanto é a ausência de juízo de valor, é o espírito crítico.

Entrevistador: Achas que os enfermeiros que estiveram contigo, os enfermeiros orientadores te ajudaram a desenvolver esse espírito crítico?

Entrevistado 9: Sim, especialmente este enfermeiro que foi da minha preferência e uma enfermeira do Centro de Saúde que apesar da experiência em si não ter sido enriquecedora ela foi importante no sentido de me alertar qui sá ela com juízos de valor, mas a mim alertou-me muito para aqueles pequenos quês que nos ajudam a distinguir um caso do outro, olha bem, olha que esta senhora, foi em Saúde Materna, olha que esta senhora, ou seja um caso por muito igual não é igual ao outro, por muito igual, por muito semelhante, não é igual, pronto e então ela por acaso teve um papel muito importante, ou seja, no geral, tirando uma, duas, talvez um ou outro que pois ás tantas me foi indiferente, todos eles participaram para o espírito crítico sim, isso sim, não posso ser injusta, todos eles tiveram bastante preocupação com isso.

Entrevistador: Queres falar de mais alguma competência, ou achas que são só essas?

Entrevistado 9: Assim, sabe porquê?, porque para mim é o ponto de partida, o espírito crítico e ausência de juízo de valor, ausência de juízo de valor eu fundamentei bem, acho que já não será pertinente, portanto, levado ao extremo a ausência de juízo de valor faz-nos tratar toda a gente igual e isso só por si já fala e não vale a pena estar. O espírito

crítico porque se eu tenho espírito crítico para olhar para mim e para os outros então permite-me olhar para mim em termos de, em termos académicos, aporte teórico, a destreza, saber avaliar-me, saber quais são os meus limites, portanto o espírito crítico se aplicado a mim é excelente para eu me auto-avaliar e para ver aquilo que sou capaz, aquilo que tenho que melhorar, aquilo que eu faço muito bem e que devo transmitir aos outros, portanto espírito crítico em termos de prestação de cuidados, o outro é um bocado na relação humana, mas o espírito crítico na prestação de cuidados é excelente, acho que aplicado a todas as áreas, pronto a pessoa a partir daí se pelo menos souber, é assim pelo menos o que eu penso é, se eu pelo menos souber daquilo que não sou capaz, já é muito bom, porque se tiver desperta, se for esperta pelo menos vou-me informar e vou estudar e vou-me formar e continuo a estudar e pronto e a partir daí .

Entrevistador: O que é que significa para ti estar em estágio? Já falamos imenso em estágio

Entrevistado 9: O que é que significa para mim estar em estágio? Estar em estágio significa para mim estar sob pressão! é isto, o estágio é pressão!

Entrevistador: Pressão, de quê?

Entrevistado 9: Pressão de quê?, pressão de uma avaliação, pressão de um cumprimento de, como é que eu hei-de dizer isto, de, eu não quero dizer de horários, porque a pessoa enquanto enfermeira cumpre horários, mas como é que, é a pressão de cumprir prazos, mas isto depois até é injusto para quem é profissional porque tem muito mais coisas por pagar, eu sei essas coisas todas e depois já são os filhos e essas histórias, é como se o meu futuro dependesse de um relatório, nós pensamos que um processo, que daquele processo de enfermagem depende eu ser enfermeiro ou não e é errado, primeiro porque o processo de enfermagem é a coisa mais obsolenta já que há, então como nós damos aqui na escola, essas coisas todas muito bem, mas nós fazemos daqueles documentos escritos e daquelas actividades que propomos, fazemos com que a nossa licenciatura, o nosso futuro como enfermeiros, com que tudo dependa disso e é erro nosso porque não depende e eu apesar de ter consciência disso não me consigo desvincular desta sensação de se eu não entrego estas quatro páginas com o planosinho

de cuidados eu não vou ser enfermeira na minha vida, pronto é neste sentido que eu quero falar.

Entrevistador: Achas que o facto de estares centrada nesse processo de enfermagem é negativo para o estágio?

Entrevistado 9: É

Entrevistador: Mas porquê?

Entrevistado 9: É porque, é negativo porque acabo por perder grandes oportunidades, grandes experiências de estágio por estar tão, tão, tão obcecada pelo raio do papel que se tem que mostrar com o plano de cuidados, com coisas que às vezes são absolutamente inúteis, inúteis e depois estamos a perguntar e então quantas assoalhadas é que tem a sua casa?, quando isso não interessa absolutamente para nada, como se o bairro é insularado ou não é, aquelas coisas pronto por acaso tenho tido, por acaso mesmo assim ultimamente tenho tido sorte que os professores não vão muito por esse género, ah já para não falar das orelhas bem implementadas e simétricas não é?, orelhas não, pavilhões auriculares, poupem-me mas pronto. Acho que pronto perde-se experiências muito boas ah e depois já estou como, para além de enquanto no estágio, no local de estágio se perder muito boas oportunidades, nós somos estudantes mas também temos a vida pessoal e como qualquer estudante e profissional corremos o risco de às vezes não conseguir diferenciar bem essa linha, a minha vida pessoal e a minha vida de estudante, não eu sou estudante então eu sou estudante no todo, eu tento não ser assim, tento ter a minha vida pessoal e a minha vida de estudante, mas às vezes é um bocado complicado dissociar, aliás eu não conheço ninguém que ponha isto de uma forma tão pertinente e que lhe dê para aqui, mas eu dou, aliás temos uma professora que se preocupa bastante com isso e até tem a mania de às vezes perguntar em conversa, então vocês têm ido ao cinema, têm namorado?, a pessoa ri-se e pensa à que engraçadinha que ela é, sinceramente eu acho que é do mais pertinente manter a vida pessoal, mas não é porque ah vão divertir-se, não, é porque faz de nós melhores profissionais termos uma vida pessoal, se a minha vida pessoal for estar ao computador e estudar óptimo, se eu me sinto realizada a estar no computador e a estudar óptimo, mas se eu me sinto realizada a passear, a estar, a desfrutar de uma refeição, de um

passeio, de uma viagem, se eu faço tudo por tudo para juntar duas folgas para ir com o namorado isso é importante, é bom, quer dizer que a pessoa empreende-se no seu trabalho e na sua vida pessoal, ou seja que tem montes de objectivos, que é uma pessoa rica, quer dizer não vejo qual é que é o problema, isto está a responder a uma série de coisas, acho que a questão do processo às vezes chega-nos um bocadinho e pessoalmente o erro também está, está porque não nos alertam para outra forma de ver e pronto numa primeira abordagem o erro está em quem nos apresenta o maravilhoso processo e quem nos apresenta os maravilhosos, ah vocês têm que fazer isto, isto e isto, entregar dez documentos e depois um é o cronograma, outro é não sei o quê, pronto, o erro está em quem nos propõe, quem nos solicita estes documentos não sabe na minha opinião, portanto não sabe fazer uma orientação bem, não sabe fazer uma disposição bem estudada ao longo do estágio para o cumprimento dessas, desses prazos, dessas entregas e nós não sabemos gerir, também porque não temos bases mas pronto, não sabemos gerir muito bem isso e às vezes perdemos muitas oportunidades de estágio e diminuímos a nossa qualidade de pessoa com vida social e essas coisas assim.

Entrevistador: Então achas que o estágio é um momento de pressão. Queres-me só contar um momento que para ti em estágio tenha sido particularmente difícil, um momento de aprendizagem, um momento com um doente, não tem nada haver com o enfermeiro orientador, uma situação que tenhas tido dificuldade em realizar, a quem é que recorreste para realizá-la?

Entrevistado 9: O turno mais e digo o turno, porque para mim foi um suplício, foi um turno agora nos Cuidados Intensivos em que por motivos alheios a mim, ao enfermeiro, ao serviço, sei lá eu não fiquei sob orientação do meu enfermeiro, fiquei com uma outra enfermeira que eu não conhecia de lado nenhum, com quem eu nunca tinha ficado, muito simpática, mas que se foi embora a meio do turno, porque tinha o bebé doente e essas coisas todas, a verdade é que o serviço estava cheio e eu fiquei com uma senhora acabadinha de operar, que trazia tudo aquilo que eu não sabia o que era, portanto para além do ventilador e dos drenos e pronto do normal, da sutura aqui na perna e daquelas coisas todas, trazia o shan- Ganz que eu nunca tinha visto na vida, nem mais verde, nem mais amarelo, nunca tinha visto aquilo, trazia aqueles aquecedores, que, isto para ver, só no final do turno é que eu percebi que era para aquecer o sangue que circulava extra, trazia hemofiltração, tudo o que aquela senhora tinha direito aquela senhora trazia e eu

fiquei sozinha com ela, sem ninguém para me ajudar e eu pensei seriamente em gritar, pedi ajuda várias vezes, o meu enfermeiro estava fora, estava na Pediatria, eu não o ia buscar para dentro, os que estavam ao meu lado eram três enfermeiros que estavam em integração, acabados de licenciar em Setembro, portanto tinham começado a trabalhar em Setembro e estavam para aí há quinze dias ali na Unidade de Cuidados Intensivos, a outra enfermeira que dava para aquilo era uma outra rapariga entre a minha idade e a sua que por sua vez quer dizer também não estava lá há muito tempo e que tinha que supervisionar dez camas ou onze camas que o serviço tem e eu ali com aquele pincel, chorei do hospital a casa, porque achei-me perfeitamente inútil, incompetente, incapaz, inculta, estúpida, burra, com falta de conhecimentos, com falta de destreza e não, fiz um esforço sobre humano para conseguir dar conta do recado.

Entrevistador: Tinhas conhecimentos da escola?, a escola tinha - te dado aporte teórico?

Entrevistado 9: Não, não tinha aliás eu já disse, nós este ano, aliás o quarto ano esqueçam lá!

Entrevistador: E como é que conseguiste resolver a situação?

Entrevistado 9: Como é que eu ultrapassei estas longas horas de agonia minhas e da senhora?, que a mulher nem sabe o que lhe aconteceu naquele turno!, como é que eu consegui ultrapassar?, olha eu dei-me ao trabalho de estudar farmacologia antes de administrar os medicamentos só naquela de ver se por acaso não ia matar alguém, porque a pessoa às tantas dá numa via e é noutra, não é e a gente já sabe como é que essas coisas são, portanto eu sabia os princípios básicos, tudo o que era aquilo dos cateteres centrais eu dominava e sabia perfeitamente os lúmens em que se pode dar o quê, pronto, ou seja aquilo eu sabia pelo menos, pronto agora era ver primeiro como é que aqueles medicamentos se podiam dar, porque isto é tudo muito engraçado mas toda a gente se engana e onde houvesse um erro médico quem pagava era eu que tinha administrado, não era bem eu, era o serviço inteiro, porque eu ali não era perdida nem achada e as coisas enfim, mas pronto ao ponto de estar com o índice e estar com o mapa terapêutico, os dois, porque agora é um verde e o outro é o azul, estar com os dois a ler os medicamentos, que a senhora como pode calcular tinha uma catrefada de

medicamentos, portanto era estudava, ah lembro-me que eram as touradas das gasimetrias, pois era, a senhora estava ali fazia gasimetrias para trás e para a frente, até que eu disse, olha eu não lhe consigo, foi mesmo, eu pensei isto é muita coisa eu não vou conseguir e então ás tantas eu decidi que as gasimetrias, foi mesmo eu decidi, as gasimetrias não vão ser feitas de hora a hora vão ser feitas quando eu tiver tudo bem feito, então fazia tudo bem feito e quando tinha tempo, nem olhava para o relógio, punha na hora que era, deu mais ou menos uma por hora, mas larguei o relógio completamente, disse tu vais fazer as gasimetrias quando as contas anteriores, quando os balanços anteriores, quando as medições anteriores, quando as medicações anteriores estiverem todas bem feitas e só depois é que fazes a próxima, foi mesmo assim, tive que me dar um chapadão na cara.

Entrevistador: Disseste isso, transmitiste isso ao enfermeiro orientador?

Entrevistado 9: Transmiti

Entrevistador: E ao professor?

Entrevistado 9: Ao professor não, só ao enfermeiro orientador

ENTREVISTA 10

Entrevistador: Já passaste por vários estágios, vocês acabaram agora um estágio, um dos estágios?

Entrevistado 10: Não falta uma semana ainda

Entrevistador: Se pensares no estágio que tiveste de Novembro a Dezembro, qual é a tua opinião global acerca desse estágio?

Entrevistado 10: Gostei bastante, porque houve possibilidade de passar por vários programas que eu tinha passado anteriormente e nota-se que a diferença de conhecimentos e o nível de preparação que vais para este estágio é totalmente diferente, mas vais para lá já com uma base mais ou menos estruturada e então já sabes quais são os pontos que tu tens que apostar mais, tens que desenvolver e os outros vais aproveitando para desenvolver o que já sabias, mas é bom porque como passas por tudo e como eu já, estás no quarto ano és quase finalista, também já és olhada de outra maneira, já é exigido de ti outras coisas, pronto como profissional e tu própria já exigés de ti e então começa a haver um trabalho em equipa muito bom entre os enfermeiros que lá estão e nós alunos, conseguimos atingir os nossos objectivos e então estou a gostar bastante por isso, está a ser permitido conseguir trabalhar como se já fosse profissional, já sou encarada mesmo.

Entrevistador: Estás em Cuidados Intensivos?

Entrevistado 10: Não em Centro de Saúde, fazemos as consultas de enfermagem, aquelas que nós nunca tínhamos feito, porque a teoria e a prática não têm nada haver, não é como infelizmente nós vemos e têm me dado oportunidade de ok finalmente vou conseguir fazer aquilo que sempre quis, porque no estágio às vezes as próprias condições que nos dão não são suficientes para conseguirmos aplicarmos tudo o que queremos e este estágio tem dado para fazer isso e é bastante bom.

Entrevistador: Para além disso, outro aspecto, o relacionamento com o enfermeiro que está contigo, o enfermeiro orientador faz com que gostes do estágio?

Entrevistado 10: Sim ele interessa-se bastante, se eu estou a gostar, se eu me estou a sentir bem, se está a haver algum problema na integração, se eu preciso de alguma ajuda a nível de bibliografia, se eu consigo ou não, mesmo quando eu coloco dúvidas ele diz olha, como estamos com pouca disponibilidade, porque às vezes, a maioria das situações é isso que acontece, ele diz olha marcamos uma horinha a seguir e falamos sobre tudo, dou-te algumas orientações, é claro que eu não lhe vou perguntar coisas que eu sei onde é que posso encontrar não é, porque também faz parte de um trabalho pessoal meu de auto-formação, mas há outras coisas que eu tenho dúvidas, ou li coisas que não consegui perceber e ele, ela que é uma enfermeira é muito disponível em tirar as dúvidas, só quando ela não sabe, olha também não sei mas vamos ver quem encontrar diz qualquer coisa e é um trabalho de hetero formação mais ou menos.

Entrevistador: Para além dessa característica de digamos de formação em ti, que outras características é que ela tem?

Entrevistado 10: Como pessoa?

Entrevistadora: Como orientadora? Pode ser características da pessoa que tu achas que

Entrevistado 10: Que se apliquem, eu acho que se aplicam

Entrevistado 10: Olha é uma pessoa extremamente simpática, extremamente humana, interessa-se muito pelos valores das pessoas e pelos sentimentos delas, não é aquela técnica de técnica ok, não interessa-se muito de como é que te estás mesmo a sentir, se eu estou a conseguir viver o estágio e a tirar o que é de bom do estágio e o que sinto menos bom levar a que seja bom, é muito, muito interessada no meu crescimento e eu isso acho que explica tudo não é, quando é uma pessoa interessada e quando acompanha, é claro que ela dá sempre aquele espaço de autonomia, porque já estás na idade de teres a tua autonomia, não é, mas pronto está a supervisionar mas dá-te o espaço suficiente para tu poderes trabalhar e poderes planear as tuas coisas e executá-las e avaliá-las e depois na avaliação contigo ela diz-te, olha aquele pontinho poderia melhorar, aquele tiveste muito bem, não sei quê

Entrevistador: Faste- te avaliações formativas, é?

Entrevistado 10: Não de forma formal, mais de conversa entre amigos, de parceiras de trabalho, que é bom, porque torna a nossa relação muito próxima e facilita este diálogo e esta partilha de experiências.

Entrevistador: Já passaste por vários estágios consegues-me dizer o estágio que gostaste mais e porquê?

Entrevistado 10: Que eu gostei mais, houve vários que eu gostei

Entrevistador: Mas podes-me falar dos vários que gostaste, explicando o porquê.

Entrevistado 10: O estágio de Cirurgia no segundo ano, gostei muito, primeiro pela área, é uma área que eu gosto e claro que a motivação que eu tenho no estágio isso influencia, não é e depois o professor orientador que estava connosco também foi excelente, primeiro não era aquele orientador que estava lá sempre, sempre, dava espaço, mas era presente, ia lá nas alturas certas, conseguia planear bem as alturas que ia ao estágio e depois a conversa que tínhamos para além de claro de aquelas perguntas então diga-me fale sobre isto ou fale-me sobre aquilo, era uma pessoa que dava espaço quando tu não sabias na altura de ireres pesquisar e dizeres mais tarde, não era daquelas pessoas que pergunta não sabes pronto acabou-se estás lixada, não era desse tipo e depois o trabalho de equipa que havia, a equipa acolheu-nos muito bem e acompanhava-nos muito bem na nossa prestação de cuidados e todas as dúvidas que tínhamos etc. e eu acho que esse trabalho que houve entre enfermeiro, aluno e professor, para além de, pronto se calhar eu como estava no centro conseguia perceber melhor esse trabalho, eu não via tanto o trabalho enfermeiro professor, não é, via mais no meu prisma, acho que um dos pontos que falham nos estágios é esse, mas

Entrevistador: Achas que não há trabalho professor enfermeiro?

Entrevistado 10: Há só no princípio a apresentação, eu sou o professor da escola tal e vou acompanhar etc., quando lá vai então está tudo bem? e acabou-se e no final da avaliação.

Entrevistador: Mas vocês notam alguma coisa?

Entrevistado 10: Eu noto diferença naqueles estágios em que isso foi um pouco mais visível ou mais palpável uma relação muito melhor entre nós os três, pelo menos quando nós estamos juntos mesmo que seja em avaliações ou seja apenas em reuniões só para saber se está tudo bem, nota-se uma relação diferente e claro eu fico mais confiante para falar ao pé de pessoas com quem eu tenho uma relação melhor não é, do que com outras, acho que isso influencia muito, o ambiente que se cria na equipa de formação posso chamar assim é totalmente diferente e deixa-te mais à vontade ou menos para falar aquilo que queres.

Entrevistador: Nesse estágio o enfermeiro orientador, gostaste tanto desse estágio, o enfermeiro orientador teve aí, foi um ponto também positivo para gostares desse estágio?

Entrevistado 10: Também, também, mas este estágio teve uma particularidade que eu gostei, que depois repeti nos outros seguintes que foi eu entrei no estágio, não é, apresentei-me etc. e começámos, então a enfermeira não foi daquelas muito maternalista ou muito protectora, pôs-me um bocado à prova ao princípio para ver até que ponto é que eu estava, saber qual era o meu, tipo avaliar os meus conhecimentos, a minha preparação e deixou-me, deu-me assim um bocado de autonomia logo ao princípio para ver como é que eu me safava e a partir daí começamos a trabalhar os pontos que estavam mais em falta ou os que estavam muito bons ainda melhorar mais e isso para mim foi muito importante, porque eu até para mim foi bom saber até que ponto é que eu estava preparada para depois ver, agarrar o estágio, mesmo na x também adorei, em Pediatria Cirúrgica, pela área, pela enfermeira que usou a mesma técnica que hoje acho que é muito boa, pelo menos comigo funciona muito bem, pela equipa

Entrevistador: Mas na altura gostaste dessa técnica?

Entrevistado 10: Eu não me apercebi muito da técnica, só mais, no decorrer do estágio é que eu percebi, porque no princípio era aquela coisa de então o que é que, é nos atribuído um doente ao princípio não é, dão-nos o doente e fazemos o plano de cuidados todo completo e a enfermeira então olha já fizeste o teu plano de cuidados? e eu ah já, já

fiz a colheita de dados e não sei quê estou a pensar fazer isto e ela então pronto ok e eu ok eu fiquei naquela, vou pôr o plano em prática, não é e ela deixa-me ver mesmo na comunicação, como eu comunicava com as pessoas, a relação que eu consegui estabelecer etc., ela ficava a supervisionar mas muitas das vezes não, não me acompanhava percebes, via o que é que eu estava a fazer ok e seguia e ás vezes passava na porta e espreitava, mas não estava assim sempre em cima e eu comecei prontos a perceber, ok ela está, está a olhar, não está em cima porque é que será?, o que é que se passa?, mas nas primeiras vezes pronto estava naquela, não é, também eram coisas mais básicas que eu fazia, no decorrer do estágio é que começava a complexidade, ia aumentando, depois é que ela é que disse, tenho reparado não sei quê, porque tu demonstras iniciativa, és responsável na na na, conseguiste fazer aquilo e não sei quê e eu olá como é que ela reparou nisso!, ok ela esteve-me a avaliar primeiro para saber o que é que eu sou capaz, mas ao princípio não reparei, depois no final do estágio é que eu percebi as vantagens daquela técnica, puxa muito por nós também, para ver até que ponto somos capazes de ir e acho que isso é muito bom e também foi assim no x.

Entrevistador: Mais características dessa enfermeira?

Entrevistado 10: Da enfermeira, a boa disposição

Entrevistador: Achas que isso é importante?

Entrevistado 10: Acho, acho porque o clima que se cria entre nós, ás vezes não levar um estágio tão à risca, tão, avaliação isto é avaliação não é mais nada, é avaliação, estás a ser avaliada, o facto de ás vezes pôr isso um bocadinho de parte e levar as coisas naturalmente ajuda muito no decorrer do estágio, primeiro não é tão stressante, não estamos tão stressados, não temos aqueles factores todos assim por trás e ai aquele parâmetro, aquele objectivo e não sei quê, temos as bases que é o importante não é, porque é a nossa orientação, mas não estamos a ser ali bombardeados, portanto temos as costas um bocadinho mais livres, dá-nos para progredir e na x gostei um bocadinho mais que na Cirurgia em y pelo trabalho de equipa que havia, o facto de haver um trabalho de equipa muito forte nós, eu pelo menos sou uma pessoa que o trabalho de equipa para mim é muito importante por experiências anteriores, mas ia para lá e como me sentia acolhida, havia turnos em que eu não estava com a enfermeira orientadora

estava com outro, mas devido à boa integração e ao trabalho de equipa que havia foi fácil essa adaptação e não sentia a falta do enfermeiro orientador e outra coisa a disponibilidade que tem connosco, o facto de nos integrar não só nos nossos doentes mas nos doentes que estão atribuídos a ela também, sei lá.

Entrevistador: Quando dizes disponibilidade queres dizer o quê?

Entrevistado 10: Quero dizer, disponibilidade, primeiro para te acompanhar quando é necessário, disponibilidade para falar contigo sobre outras coisas que não seja sobre o estágio por exemplo, problemas de casa ou coisas que faças sem ser a escola etc., para haver um conhecimento mútuo das duas pessoas, da essência de cada uma, ah disponibilidade por exemplo para sair fora do hospital, portanto isso também implica, aumenta o tipo de relação que temos, sei lá, partilha de conhecimentos, explicar alguma coisa que eu não perceba, não é, não ser aquela pessoa que exige que saibas tudo ali, mas mostra a disponibilidade para se precisares estou aqui, percebes, dou a minha mão, estou aqui contigo, não estás sozinha, estás acompanhada, eu acho que isso é, dizer olha se precisares eu estou, não interessa a hora, não interessa, deu o número de telefone não vá ser preciso, alguma coisa que aconteça, acho que isso é ter disponibilidade, a abertura que existe, a entrega ao aluno.

Entrevistador: E o estágio que gostaste menos?

Entrevistado 10: Que gostei menos, sei lá acho que pronto, o primeiro ano talvez pela falta de preparação que tinha, por não conhecer as pessoas, acho que foi aquele medo, aquele inicial, de primeiro não conhecia os professores, depois o professor que estava era uma pessoa que não valorizava o trabalho que faziam.

Entrevistador: O que é que queres dizer com isso?

Entrevistado 10: Quero, por exemplo, eu vou mesmo

Entrevistador: Sim podes dar exemplos

Entrevistado 10: Uma pessoa está no estágio não é, a professora vai lá ao princípio ok e depois vai lá passado duas semanas por exemplo, chega ao pé do enfermeiro orientador e ele claro fala de mim, não vai falar de outras colegas que estão no estágio comigo não é e ela corta simplesmente a conversa a meio e pergunta pela outra, nem sequer se interessa pelo meu trabalho e eu fiquei assim ok e então mas se a professora veio avaliar não é só a minha colega tem que avaliar a mim também, depois era, estou a falar mesmo do professor da escola, era uma pessoa muito, que chegava lá, não levava nada orientado, organizado, oh está tudo bem e então fale-me disto, então fale-me daquilo, não sentias nenhum fio à meada que pudesses perceber o que é que ela estava a perguntar e eram um bocado confusas as reuniões, depois eram reuniões do tipo ao fim de dez minutos entrava e saía pronto, nem era uma preocupação do seu estar, era a preocupação do estágio, ok estás a conseguir fazer isto e não sei quê e mesmo que o enfermeiro ou eu dissesse-mos olhe ela já fez isto, fez aquilo, mostrou interesse ali, evoluiu nisto e naquilo, era como se não interessasse, eu acho que para mim ou o professor tem interesse no aluno e no crescimento dele também para poder trabalhar em conjunto ou então não dá para estar, claro que depois disso na nota final eu fiquei totalmente, estávamos na avaliação o enfermeiro fez a avaliação e eu também, só que apesar de estar escrito nos parâmetros o que é que eu, qual era a minha avaliação ela escreveu uma coisa totalmente diferente e eu fiquei sem saber o que é que eu havia de fazer, bastava-me assinar não é, eu tinha que assinar, a maioria, nós temos aquela grelha, não sei se te lembras, tem bom, muito bom, etc., etc., a grelha dava a nota máxima e ela vai pôr um Bom que não tem nada haver com o muito bom não é

Entrevistador: E justificou?

Entrevistado 10: Não justificou, por isso é que eu fiquei assim, também é o primeiro, uma pessoa não tem experiência nenhuma, parece que é o professor, o altar e a gente está aqui caladinhos e não tem aquela iniciativa de interagir e de argumentar o que é que nós achamos percebes, acho que foi o que me marcou mais, foi a minha sensação de impotência perante a professora, não há aquele trabalho em equipa que eu acho que é essencial nos estágios, por isso é que eu se calhar não gostei tanto

Entrevistador: E o enfermeiro orientador aí teve algum factor que fizesse com que tu não gostasses tanto ou não?

Entrevistado 10: Não, não, foi mesmo só o professor da escola, porque o enfermeiro lá extremamente disponível, muito interessado, dava espaço para eu poder trabalhar, aquela certa autonomia, não é, é claro que no primeiro ano a autonomia pronto também nós, mas dá para perceber até que ponto é que tu conseguias ir, a responsabilidade, sei lá, pronto era uma pessoa extremamente preocupada na tua evolução, é claro que depois ele tinha as reuniões com a professora, aquelas de corredor entre aspas em que ela chegava lá a perguntar se está tudo bem e ia se embora e ele mas a professora, como é que é? ,ela não se interessa por ti?, ela chega eu vou falar de ti como é lógico e começa a perguntar por outra colega e não sei quê, mas vocês já tiveram alguma, sei lá alguma rivalidade lá na escola?, não, não, nada tivemos aulas damo-nos bem e ele está bem olha a gente vai fazer o que poder, depois na avaliação claro que ele depois disse tudo o que achava e argumentou sempre mesmo dando exemplos etc., porque às vezes eu queria falar e ele percebia que a professora poderia estar assim a não dar valor e ele atacava a querer argumentar, foi mais mesmo com a professora e talvez também porque não havia aquele trabalho professor enfermeiro orientador.

Entrevistador: Achas que deveria de haver?, que tipo de trabalho é que devia de haver?

Entrevistado 10: Eu acho que se calhar, não sei, os enfermeiros que estão a orientar, pronto é claro que são profissionais e têm essa responsabilidade acrescida de orientar alunos, mas se calhar um diálogo maior entre a escola e os locais de estágio, porque às vezes há enfermeiros que prontos têm os objectivos no papel, mas ah explica lá o que é que este objectivo quer mesmo dizer, percebe, acho que falta um bocado a formação dos orientadores, não quero com isto dizer que sejam piores orientadores por isso, mas acho que se tivesse essa formação base se calhar seria melhor e também a nível dos professores se calhar, não acho que deva ser aquele ensino em que o professor está lá no estágio, depende muito da relação de professor com professor e o aluno pode ser prejudicado ou não, mas haver uma conversa se calhar com o enfermeiro antes do estágio ou no primeiro dia de estágio para explicar bem tudo o que se está a passar, para estar tudo na mesma base, na mesma plataforma.

Entrevistador: Quando dizes formação do enfermeiro orientador, queres dizer formação relativamente aos objectivos ou mais outro tipo de formação?

Entrevistado 10: A nível pedagógico, acho que alguns, se calhar nem todos, pelo menos os meus tive sorte porque todos sabiam, pronto a nível de pedagogia aquelas coisas básicas que acho que influencia no tipo, na maneira de estar do enfermeiro orientador, mas colegas minhas tiveram outros orientadores que notava-se que havia ali qualquer coisa que não estava bem, ou não sei percebe, falta de preparação, parecia.

Entrevistador: Preparação pedagógica?

Entrevistado 10: Sim, sim.

Entrevistador: Quando falas em preparação pedagógica o que é que queres dizer?

Entrevistado 10: Quero dizer, como é que, aquelas regras às vezes de, por exemplo a nível de formação, auto-formação, mas nós damos isso na escola não é, sabemos as bases mais ou menos, mas acho que os enfermeiros que estão lá nos estágios parece que ok sabem que tu estás lá e és aluno, mas falta aquela base do que é que pode influenciar ou não a formação do aluno, aqueles aspectos positivos, negativos, aquelas regras que às vezes nós temos que ter, de pedagogia mesmo, que se calhar isso facilita para haver uma mesma, para sabermos o que é que, para eu própria saber o que é que posso fazer, o que é que pode ajudar ou não o estágio daquele aluno é porque há enfermeiros que às vezes não se interessam muito pelos alunos, não se interessam muito pela sua formação e acho que um formador deve saber que para que um formando tenha sucesso, ele também se deve interessar por ele, essas pequenas coisas.

Entrevistador: Quando disseste que eles às vezes te pedem o que é que quer dizer este objectivo, tu própria percebes esse objectivo?

Entrevistado 10: Às vezes não, às vezes eu própria, uma coisa que eu noto é que os objectivos têm sido quase sempre iguais em todos os anos, o papel do orientador é o mesmo e a gente fica ok, isso parece, é muito vago, às vezes os objectivos mesmo os específicos para nós tornam-se um pouco subjectivos, porque nós estamos ali e pensamos então mas o estágio anterior tinha esses objectivos, ok é um bocado puxares por ti e tu própria fazeres a dedução do que aquele objectivo quer dizer e depois pensas, ok no segundo ano, o terceiro, quarto não tem nada haver, o objectivo é o mesmo, mas

com certeza que as minhas bases são diferentes e a minha maneira de olhar é totalmente diferente e então vamos cá ver o que é que eu vou falar aqui, é um pouco assim, acho que podiam ser mais específicos e não ser tão chapa zero, parece que é há vamos ter que pôr objectivos de estágio para pôr no dossier para o professor ou para o aluno ou para o enfermeiro, ok vai ao dossier tira fotocópia e mete está posto, percebes e não há uma reformulação, não há uma adequação dos objectivos com o local de estágio, para o ano, para o teu nível de conhecimentos, etc., eu acho que isso é e há objectivos que nós olhamos para aquilo e ok o que é que isto quer dizer?, mas enfermeiro se calhar é isto, se calhar é aquilo e ele achas?, não sei, olha quando o professor cá vier a gente pergunta, quer dizer é um pouco assim, agora um estágio em que o professor vai no início e no fim se na primeira reunião não lhe perguntas só vais perguntar no final quando estás a ser avaliada e aí já foi o tempo em que tu podias trabalhar esse objectivo e já não valia a pena.

Entrevistador: De todos os enfermeiros orientadores que tiveste qual é que gostaste mais e porquê?

Entrevistado 10: De todos, todos todos, se calhar deste que estou a ter agora, estou a gostar muito, primeiro porque é um orientador, que pronto, os outros tínhamos o mesmo local de estágio a nível do hospital, não é, disso e tal tens aquele orientador, aquela equipa e acabou e neste no centro de saúde como vamos passando por vários programas o orientador do nosso estágio não é nenhum, ou seja, é de um programa por onde nós passamos, mas está a orientar os outros também, os outros enfermeiros ou seja não está directamente connosco e eu estou a gostar porque primeiro por haver aquele trabalho de equipa entre eles, mesmo a instituição interessada na tua formação, isso nota-se, tanto o enfermeiro chefe como o enfermeiro que está responsável por nós e os outros todos de cada programa, logo aí nota-se o diálogo que existe, o interesse em nós, depois dá-nos o espaço para nós trabalharmos, aquela autonomia e quando acredita nas tuas capacidades, dá-te mesmo ok, estás bem fica, tive a trabalhar sozinha, a fazer consultas sozinha, claro que ela espreitava e se eu tivesse dúvidas ia lá, mas houve aquele espaço que ela deu para trabalhar, depois interessa-se muito pela tua formação, pela tua capacidade de conseguires chegar lá e então às vezes há colegas por exemplo que estão comigo que não estão tão bem preparados que ela diz olha tenta ver melhor isto mas se não conseguires vem ter comigo e depois outra coisa que ela valoriza também muito é o

trabalho de equipa entre nós alunos e nós o nosso grupo que lá está trabalham muito em equipa uns com os outros e é uma coisa que ela gostou e também nos deu espaço para nós próprios elaborarmos coisas para pôr em prática lá, coisas que estavam em falha, coisas que nós achámos que se calhar seria melhor mudar porque não estava tão adequado e ela própria já tinha noção disso pela teoria ia ver que as coisas que damos na teoria e as coisas que nós falamos com ela não estão tão bem na prática e então nós perguntámos, oh enfermeira e então se fizéssemos assim e assado, ah acho bem, estão em estágio então força, bora, eu também já tinha reparado que isto não está a ser bem bem, mas nós tentamos implementar e não conseguimos, não temos tempo, não temos disponibilidade, então olhem tentem fazer um rascunho sobre o que é que querem fazer, nós conversamos e tentamos chegar ao objectivo final, percebes esse trabalho de equipa entre nós eu acho que é essencial, extremamente simpática, extremamente interessada, extremamente humana, muito humana, a nível de comunicação mesmo excelente. Depois sabe o que é que os objectivos querem dizer, porque percebe mais ou menos, porque já orientou outros alunos e já houve aquele diálogo, que não houve na nossa segunda reunião em que nós dissemos oh enfermeira será melhor vermos os objectivos com a professora para termos a certeza do que é isto e ela também sentia o mesmo e disse então é melhor, é melhor para vermos o que é que estamos aqui a fazer, não vale a pena andar para aqui a passar o tempo, em que vocês fazem isto e aquilo e não dão resposta aos vossos objectivos, fomos então conversar, conversámos chegamos todos às mesmas conclusões e a partir daí começamos a ir para vários programas desenvolver as nossas, os nossos cuidados, etc.

Entrevistador: E aquele que gostaste menos e porquê?

Entrevistado 10: Que eu gostei menos, em relação ao enfermeiro orientador?

Entrevistador: Enfermeiro orientador

Entrevistado 10: Olha no segundo ano, de Medicina acho que foi o que eu gostei menos, sim porque havia, não havia aquele interesse, não havia aquele apoio mesmo, pronto eu sabia, estudava e sabia fazer as coisas e ele ia lá comigo e fizeste bem etc., precisas de melhorar aquilo, mas não havia aquela relação tão próxima entre nós e isso também foi uma barreira muitas das vezes para eu se calhar colocar dúvidas ou

percebes, chegar perto do enfermeiro e dizer ou enfermeiro precisava de falar consigo sobre isto, se calhar a disponibilidade que ela tinha não era tanta, não demonstrava tanta, era responsável por mim, era responsável por outras coisas, era pela farmácia, era por não sei quê, andava sempre a correr de um lado para o outro e acho que esse acumular funções nos enfermeiros orientadores deve ser um pouco posto à parte, porque se está a orientar alunos, ok tenho que orientar alunos não é, não digo que não possa fazer uma coisa ou outra, mas se calhar acumular tantas funções acaba por não ter disponibilidade para uma nem para outra, nem para o aluno, nem para ele próprio, porque ele também presta cuidados, não é, e isso de facto vai-se reflectir no utente, porque os cuidados prestados não são de tanta qualidade como nós gostaríamos e eu acho que foi esse o principal factor.

Entrevistador: Quando dizes que não tinhas uma relação próxima tem haver com a disponibilidade?

Entrevistado 10: Exactamente, quando ela estava comigo ok tudo ás mil maravilhas, mas quando ela tinha que fazer outras coisas e eu estava a prestar cuidados e tinha alguma dúvida e ai agora eu tenho que ir ali entregar estes papeis já falamos, entrega os papeis entretanto chegava o doutor não sei quantos, precisava não sei do quê, percebes é essa falta de disponibilidade comigo, ás vezes fica um bocadinho posta à parte e foi isso que eu senti mais, a disponibilidade.

Entrevistador: Agora imagina que tinhas todo o poder do mundo para seleccionares um orientador, quais os critérios que utilizavas?

Entrevistado 10: Que eu utilizava? Olha primeiro a formação que ele tinha de base,

Entrevistador: Formação em termos de enfermagem?

Entrevistado 10: Não não, há bases de enfermagem lógico, depois a outro nível de se calhar mais ciências humanas não sei, acho que falta ás vezes um pouco, é tudo muito tecnicista, falta um pouco aquele humanismo

Entrevistador: Para ti ou para se relacionar com?

Entrevistado 10: Estou a pensar nos utentes em si, pronto para mim um orientador tem que ser uma pessoa que me permita a mim prestar cuidados de qualidade não é?, porque eu estou lá para cuidar do utente e da família e se eu não tiver alguém que me apoie a cuidar, em cuidados de excelência, não é, aquilo também não vai ser cuidados de excelência e não vou saber, acho fundamental, em enfermagem, em ciências humanas.

O tipo de interacção que existe no trabalho de equipa, como é que é o trabalho de equipa dele, se é uma pessoa que se interessa ou não se interessa, o interesse que ele tem em formar alunos, há muitos enfermeiros que não estão interessados em formar alunos e isso nota-se perfeitamente, às vezes as próprias expressões, de ai lá vêm alunos outra vez!, ou não sei quê!, isto às vezes é um bocado incómodo, nós sentimos ok nós não estamos a ser bem vindos, isto não vai correr bem, depois se calhar até correu. Disponibilidade, formação, interesse, sei lá acho que, uma pessoa que esteja interessada em investigação, para mim é importante, o querer saber mais em, nunca estar contente com o que sabe entre aspas não é, aquele que no dia à dia tenta perceber um bocadinho mais daquilo ou um bocadinho mais do outro, a própria auto-formação dessa pessoa, o interesse dela, depois a relação que existe entre enfermeiro e a escola, nós, já disse tive colegas de outras escolas e nota-se diferença a maneira como os orientadores vêm as diferentes escolas, eu não falo por mim enquanto da escola X, falo por mim como aluna, porque já vi colegas de outras escolas que se sentiram mal por isso, haver aquele estereotipo de X, X, X, a outra é Y, a outra é Z, a outra é não sei o quê, eu acho que eles devem pôr um bocado ao lado aquele estereotipo, aquelas opiniões pessoais da escola e pensar mais no aluno em si, acho que se tem que ter por base que é enfermagem que se ensina, se nós estamos numa escola e viemos de uma escola, de uma certa filosofia, mas se calhar trabalhar com o aluno, o objectivo para ele é ser enfermeiro, é cuidar do utente independentemente da formação ou da escola não é, os conhecimentos e a maneira como ele presta cuidados, a maneira como ele se entrega à profissão e ao doente é que interessa não é, e não ser da escola A, B ou C, acho que isso às vezes é um entrave entre aspas viver essa rivalidade, por vezes mais por parte dos enfermeiros que dos alunos e acho que o enfermeiro deve saber ser neutro nessa posição, eu tenho um aluno é com ele que eu tenho de me preocupar e não. Depois às vezes, a nível de apoio emocional, uma pessoa que saiba perceber quais são os teus factores de stress no papel de aluno, nós como alunos estamos no estágio e é o processo para entregar, é os trabalhos para a escola, etc. é o prestar cuidados e é o não sei quê e o enfermeiro acho que deve ter noção do que é que nós temos que fazer no estágio, porque por vezes estamos no estágio

e eles pensam ok estás no estágio, estás no estágio os trabalhos que tens que entregar fazes em casa acabou-se e às vezes começa a ser uma sobrecarga muito grande para nós, o stress aumenta e a carga emocional fica um bocado debilitada, acho que um enfermeiro deve ser capaz de saber avaliar isso, tipo como é que tu estás, a nível emocional, separação

Entrevistador: Falando nos processos de enfermagem, achas que os processos de enfermagem contribuem para a vossa aprendizagem em estágio?

Entrevistado 10: Eu acho que a maneira como são feitos, eu acho que o processo de enfermagem até é importante, pelo menos para mim eu senti que ao fazer um processo de enfermagem estava atenta a mais pormenores do que se não fizesse não é e depois uma coisa acho que agora no quarto ano já sei fazer processos de enfermagem palpáveis, funcionais, porque utilizamos as coisas, os papeis do centro e tentamos pôr o máximo parecido com a prática, nos anos anteriores eu acho que era totalmente descabido, porque primeiro damos o processo de enfermagem na escola a estrutura, etc etc., mas não trabalhamos bem o processo de enfermagem na escola ou seja chegamos ao estágio e não estamos preparadas suficientemente para, ai é um processo ok, vou colher os dados e tal, planeio, avalio, etc., notas, chegas lá e pensas ai não estou habituada a fazer isto como é que vai ser e então começa a ser um entrave porque tu perdes tempo a pesquisar como é que eu vou fazer um processo de enfermagem, o que é que eu tenho que escrever, como é que eu tenho que escrever, isso é um entrave acho eu, porque como uma pessoa não está tão disponível para aprofundar conhecimentos e teres as tuas bases e estás preocupada em se meto escrito membros superiores primeiros ou inferiores no exame físico, na colheita de dados se meto NHB não sei quantos respirar, primeiro ou outra NHB, percebes, é um entrave porque também nos estágios nem sequer utilizam a Virgínia Henderson que é o modelo que nós damos na escola, eu acho que o processo de enfermagem para ser funcional naquele estágio deve ser adaptado ao serviço, porque se andamos a perguntar as dúvidas aos enfermeiros que não estão habituados a utilizar aquele modelo e ai eu não percebo muito disso e tu ai ok e como é que vou fazer isto agora?, não é, se o professor não vai ao local de estágio, se não tens grande contacto com ele ficas totalmente desamparada, depois a maneira como são feitos os processos, um processo por exemplo de quarenta e tal páginas, cinquenta para mim é um abuso, porque é tudo muito académico, percebes, não, acho que não há

preocupação desde o início de colocar aquilo funcional por isso é que aquilo nunca acaba por ser funcional e utilizado na prática, porque dá trabalho. Uma pessoa que vem da escola que está farta de fazer processos de enfermagem, chega a casa tem que passar tudo a computador, fazer as coisinhas todas completas, etc.,etc. É assim eu acho que no primeiro ano tudo bem porque é para tu saberes o que é que tens que fazer no processo de enfermagem, tens que saber o que é que tens que pôr, tudo o que tens que avaliar no exame físico, nas NHBs e isso tudo, mas a partir do momento em que tu sabes o que é que tens que fazer deves começar a transpor aquilo para a prática e tornar aquilo funcional, mesmo que faças as tuas próprias folhas de, para pôr no processo, ok mas pões uma coisa que, chegue a hora que estás a falar com o doente recolhes os dados e vais às tuas folhas, preenches acabou está feito, agora teres que chegar a casa e estares a pensar como é que vais escrever e não sei quê, tipo perde-se muito tempo e acho que por isso é que o processo não é tão funcional, deve ser mais trabalhado na escola, no objectivo, do que colocado em prática e não meramente académico que eu acho que é académico e os enfermeiros mesmo lá dizem, apesar de no sítio onde eu estou fazemos as visitas domiciliárias por exemplo aos recém nascidos e fazemos o plano de cuidados antes, mas pronto vamos com o plano de cuidados, mas também não há aquela recolha toda de dados inicial e tu interpretas ok eu fazia isto tudo no primeiro ano, mas será que é necessário estar a fazer estas perguntinhas todas? e não sei quê, é uma questão de depois também conseguires perceber até que ponto é que, o que é que tu precisas de perguntar não é, há coisas que se calhar não vale a pena, porque é que interessa estar a perguntar isso se não tem nada haver, não vai implicar na prestação de cuidados, claro que convém teres aquela visão holística da pessoa, mas há pormenores que nós tínhamos que perguntar no primeiro ano, que os professores, então e não perguntou isso porquê?, mas porque é que eu vou perguntar?, não vai influenciar, não tenho nada que saber, sei lá por exemplo a actividade sexual da pessoa, não interessa, não vai implicar em nada não é, é claro que se o problema da pessoa for directamente relacionado, ou estiver relacionado é óbvio não é, mas se não tiver nada haver para o que é que isso interessa, quer dizer, tem que ser funcional, é mais nesses pequenos aspectos

Entrevistador: São mais ou menos esses critérios que tu utilizavas ou queres acrescentar algum?

Entrevistado 10: Da selecção? Agora não sei, acho que mais ou menos é isso, se calhar vou-me lembrar de mais algum depois de certeza, mas agora não

Entrevistador: De todos esses se tivesses que seleccionar um, qual era para ti o mais importante deles todos?

Entrevistado 10: Do orientador de estágio?

Entrevistador: Sim do orientador de estágio

Entrevistado 10: É difícil a escolha, porque eu olho e vejo dois, duas linhas nesse campo que é a formação da pessoa e a parte humana que eu acho que são indissociáveis, não sei é difícil

Entrevistador: Seleccionavas esses dois era?

Entrevistado 10: Essas duas linhas, porque só um só, eu acho que não era capaz de escolher porque ok uma pessoa, a boa preparação da pessoa e os conhecimentos que ela tem para te poder ajudar, pronto como formador, para estar apto para ser formador é importante, mas um formador sem ter a parte humana também acho que fica um bocado descabido e escolhia essas duas vertentes não sei se é possível?

Entrevistador: Sim, sim, perfeitamente

Entrevistado 10: Não consigo escolher só um, a disponibilidade, ok é disponível e então se não tem conhecimentos?, ou é muito humano, ok, muito humano e então e se não sabe aquelas bases, não mostra interesse, percebes é difícil conseguir escolher só um

Entrevistador: E quando dizes conhecimentos, são conhecimentos de enfermagem e conhecimentos pedagógicos, é isso que queres dizer?

Entrevistado 10: Sim, ou seja um profissional que esteja apto a saber o que é que sabe e o que é que não sabe, ter conhecimento dos seus próprios limites e ter uma boa base

de conhecimentos é lógico, enfermagem é uma profissão que tem que ter conhecimentos a nível de várias áreas, não posso dizer que é só de enfermagem é claro que não, porque por exemplo uma dificuldade que eu tenho, que tenho sentido agora no estágio é que nós trabalhamos em equipa, mas como não há aquele trabalho de equipa tão bom como nós pensamos que era não é, que damos na teoria, da equipa multidisciplinar, em que nós sentamo-nos todos e conversamos sobre, não há e eu sinto falta de ter conhecimentos a nível por exemplo de apoio social, serviço social, às vezes chegam situações e eu penso ok vou encaminhar, mas se calhar até é melhor encaminhar logo, percebes, não sei o que é que ela vai fazer e a pessoa pergunta ai eu vou ter com a Assistente Social e então depois e eu digo e então depois não sei, não é e eu sinto falta, acho que o enfermeiro deve estar preparado nessas áreas todas, pronto é claro que ninguém é cem por cento, ninguém sabe tudo, quanto mais tiver preparado, acho que mais, não sei acho que vai ser um formador muito melhor

Entrevistador: O que é que significa para ti estar em estágio?

Entrevistado 10: Estar em estágio, primeiro gosto, porque é estar com as pessoas, é contactar mesmo com as pessoas que é uma coisa que eu gosto, mas além de aquelas coisas todas positivas de irs prestar cuidados, de estares, de seres tu ali enfermeira, estás a ver, trabalhares com a pessoa também tem um factor negativo que é o factor da avaliação não é, e está ali, ok eu estou a fazer o trabalho, ai mas espera eu estou a ser avaliada, percebes, é claro que eu tento ao máximo no estágio ser eu e como se fosse já, percebes, ser eu ok não há aqui mais nada de volta a marcar e a pressionar-me, mas inconscientemente tu estás-te sempre a lembrar-te ah e a professora vai lá e vai avaliar e eu vou ser avaliada, percebes, isso às vezes é um factor stressante, mas acho que é o local melhor para tu pões em prática os teus conhecimentos e veres até que ponto tu estás preparado ou não para ser profissional, em que é que tens que apostar mais, porque nós temos aulas e estágio, em aulas tu estás na conversa, nem estás a prestar atenção, em estágio tu chegas lá ah aquela aula que eu estava na conversa foi importante e comesças a perceber até que ponto é que tu precisas de ir buscar coisas e ir estudar, acho que é um, para mim um estágio implica conhecer os meus limites e desenvolver estratégias próprias para conseguir ir lá buscá-los e motiva-me, o estágio motiva-me mais do que nas aulas, apesar de ser mais cansativo, não é, mas motiva-me mais porque chama-me a atenção para pormenores que eu não estava desperta e que me faz crescer,

percebes querer crescer e amanhã vou fazer isto, será que sei, vou estudar e tal preparar-me etc. e depois chego lá e correu bem ou até não correu bem e, quer dizer aquela vontade de crescer é o que significa o estágio para mim. Depois tem aquela parte da avaliação que está lá sempre, que mesmo que nós não queiramos está lá e tu estás sempre ai tenho que olhar para os objectivos, será que tenho conseguido isto, posso mudar aquilo ou não posso, bem que às vezes o tempo que tens para fazer isso é pouco, o tempo do estágio corre completamente, é a trabalhar, às vezes fazes horas a mais porque tens coisas para fazer ou até gostas de lá estar a trabalhar e não te importas, à pessoas para atender e tu querias atender aquelas pessoas e depois chegas a casa, trabalhos para a escola e tens as reflexões críticas e tudo para entregar e tem que estar bem escrito para o professor ler e gostar e os processos para fazer e etc. e chega a um ponto que estás cansada e a querer dormir e depois a tua vida em casa, a vida social fica um pouco descabida, porque tens aquelas coisas todas para fazer e tu comesças a pensar a nível profissional óptimo, a nível de conseguir conciliar com as outras coisas é um crescimento assim gradual, é uma adaptação à vida profissional e eu acho que isso é importante para nós porque é uma vida totalmente diferente, estudante e profissional.

Entrevistador: Que competências é que tu achas que adquiriste até agora adquiriste para vires a ser uma boa profissional?

Entrevistado 10: Uma boa profissional

Entrevistador: O que é que é para ti uma competência?

Entrevistado 10: Ó pá competência é o que uma pessoa vai adquirindo, percebes, que te prepara para, tens competência para isso, estás preparado para aquilo. A nível de comunicação, competências relacionais, acho que cresci bastante, a comunicação, de perceber o outro, de escutar o outro e pôr-me no lugar do outro, acho que é importante, muitas vezes nós temos aqueles, aqueles papelinhos, aquelas coisas todas, as orientações e estamos um bocado pegados ao papel e esquecemo-nos de olhar para a outra pessoa e perceber a outra pessoa primeiro, acho que é uma coisa que eu cresci bastante, a teoria e a prática a tal, tens que perguntar isto na primeira consulta e na segunda e perguntas e o resto e depois se a pessoa tem problemas por trás e não estás a reparar, ou percebes, essas competências relacionais, depois a nível técnico claro isso

foi uma grande evolução não é, a destreza manual e o nível de conhecimentos isso vai sendo gradual, mas acho que evolui bastante. Depois a nível de saber ser, saber estar, o estar ali, a presença, a disponibilidade, o interesse e o apoio, acho que também nota-se, o personalizar, percebes, claro que eu sei que tenho que estar ali e gosto de ser disponível, mas eu tenho que ser disponível de acordo com o que eu tenho à frente, não é, o saber escutar o outro e perceber o outro não é, não vale a pena estar chapa zero ah eu vou ser disponível para toda a gente, eu acho lógico, vou dar apoio a toda a gente, mas não pode ser, o apoio devia de ser o que aquela pessoa precisa, pronto saber avaliar a pessoa e saber perceber a essência dela para depois poder adequar os cuidados. Depois os conhecimentos, isso vai evoluindo, noto grande diferença como é lógico, também era impossível chegar aqui até onde estou e não me sentir capacitada para, mas claro que tenho noção perfeita do que é que devo estudar mais e cada dia descubro mais uma coisinha que gostava de ir estudar para saber e depois sei lá saber fazer, o saber ser como pessoa, acho que é muito importante os meus valores, a nível de, pronto há aqueles valores que eu acho que fazem parte da minha pessoa, da minha formação sem ser escola e eu acho que isso é especial, é claro que tenho que saber, saber diferenciar entre os meus valores, em que claro eu acredito e luto por eles, mas também não posso chegar ao ponto de os querer sobrepor à outra pessoa não é, tenho que saber o limite entre o que é que eu sou e o que é que eu posso ajudar a outra pessoa a ser, mas não impor nada, porque valores cada um tem os seus e eu não posso, quem sou eu para estar contra os valores dos outros e acho que a minha maneira de ser, é assim claro que eu sou incapaz de pôr uma máscara à frente a taparem-me isso não posso, sou eu que ali estou, sou eu enfermeira, eu pessoa que estou ali e acho que aquilo que consegui crescer foi isto de saber respeitar o outro, saber dar o que eu sou de bom e tentar minimizar os meus defeitos, percebes, conseguir equilibrar a minha pessoa, da maneira que, lidar com o outro e ter consciência daquilo que sou e conseguir se tiver chateada, se tiver problemas em casa, eu não quero levar aquilo para o local de trabalho, a outra pessoa não tem necessidade de estar a levar com isso, tenho que conseguir preparar-me e saber ok eu estou a trabalhar, vou cuidar daquela pessoa e estou ali para aquela pessoa não é, estar a trabalhar para ela, não estar a trabalhar, não posso estar a cuidar de um doente e a pensar ai tenho que telefonar a seguir para casa porque tenho aquele trabalho, percebes, tentar diferenciar um pouco, a vida lá fora e a vida profissional, é indissociável é lógico, não sou capaz de chegar ali e fechar a porta e acabou-se, mas tentar ao máximo controlar as minhas emoções e controlar os meus sentimentos e os meus pensamentos

quando estou a cuidar da pessoa e acho que isso foi um crescimento, o maior se calhar que consegui, foi o controlar e perceber o que é que eu estou ali a fazer não é, mesmo como aluna às vezes é difícil o stress, estamos a fazer uma técnica qualquer por exemplo em que temos o professor e o enfermeiro e o professor por acaso apareceu e está a espreitar à porta e nós percebemos e começamos ai ai ai ai, ok eu tenho que perceber eu estou a ser avaliada, mas eu estou a ser avaliada porquê, porque estou a cuidar desta pessoa, então deixa-me concentrar porque eu estou a cuidar da pessoa, tentar pôr-me um bocado à parte dos outros factores stressantes, é difícil e uma pessoa chega a um ponto que às vezes já nem, ok respira fundo e o enfermeiro se calhar até topa e pisca-te o olho e diz ok está tudo bem continua não é, dá assim uma palavra de apoio, mas há outras situações em que tu consegues e pensas ok eu estou a cuidar desta pessoa, eu sei o que é que estou a fazer, eu estou consciente do que eu sei e então vamos lá, acho que é esse o maior crescimento.

Entrevistador: Quais foram os momentos particularmente difíceis para ti em estágio?

Entrevistado 10: Particularmente difíceis, sei lá uma coisa difícil para mim foi, primeiro aquelas primeiras técnicas, para mim eram stressantes, eu quero fazer como deve ser e a pessoa vai sofrer, porque se eu não picar à primeira tenho que picar à segunda e coitadinha da pessoa, para mim foi difícil, ganhar aquela destreza inicial.

Entrevistador: Achas que tinhas conhecimentos da escola para realizares essas técnicas?

Entrevistado10: A nível prático não, acho que agora a escola está melhor nesse aspecto, porque nós cá na escola experimenta-mos num braço de plástico e que tivemos duas, três, quatro horas para aquilo numa turma de quarenta e tal alunos em que não houve tempo suficiente para praticarmos e vai ser nas pessoas que nós vamos praticar e não temos as bases suficientes para o poder fazer.

Entrevistador: Da parte teórica têm? Conseguem pôr em prática essa parte teórica?

Entrevistado 10: Eu acho que nem sempre, porque é assim nós temos a teoria, tu chegas a casa, tens o livrinho com procedimentos etc., lavar as mãos não sei quê,

preparar o material etc. ok tu segues aqueles passos mas é totalmente diferente estares a olhar para um papel que diz punção venosa e estares a ver os passinhos todos, chegas à prática, convém teres aquilo mais ou menos delineado na tua cabeça para saberes qual é a tua linha orientadora mas é totalmente diferente tu estás face a uma pessoa, está nervosa porque vais picar, porque não está tão bem e porque está a família ao pé e está preocupada, está a fazer perguntas ao mesmo tempo que tu estás a picar e não posso chegar ali e olhar para o braço e pensar vou picar o senhor, vou puncionar e o resto, a pessoa não é só o braço, não é só a veia, eu não vou estar calada a ver se acerto e faço os passinhos todos como deve ser, tenho que conseguir estar preparada para estar a puncionar, a pensar nos passinhos todos e conversar com a pessoa mesmo para ela não estar tão ansiosa, isso é difícil ao princípio, não conseguia fazer isso, tanto que a enfermeira ia comigo e ia vendo e falando com a pessoa para não estar a ser um momento em que o stress ainda aumentava mais, foi onde senti mais dificuldades, foi na passagem mesmo da teoria para a prática

Entrevistador: E como é que resolvias essas situações, a passagem da teoria para a prática?

Entrevistado 10: Primeiro preparava-me bastante em casa, lia muito, tentava ler e perceber, há certas coisas que se tu leres só os passos tu não percebes, tens que perceber, então mas porque é que vou fazer assim, porque é que tenho que pôr o braço de uma maneira, porque é que tenho que pôr a perna da outra, acho que é essencial, perceber porquê é que eu tenho que fazer assim, porque depois na prática torna-se mais fácil, porque até mesmo às vezes não há as condições essenciais para fazeres tal e qual como estava nos livros e tens que improvisar e vais improvisar como se não sabes o porquê daquilo ser assim, tens que perceber bem o princípio, para depois poderes adaptar mesmo que não saibas, mas isso ao princípio é claro eu lia o livrinho e era aquilo que eu queria fazer tudo muito bem, claro, porque era assim que estava nos livros, mas depois a pouco e pouco fui-me apercebendo que nem sempre é possível fazer como está na teoria, tens que tentar adaptar, mas claro que os princípios têm que lá estar, se não tiverem lá a técnica não fica bem feita.

Entrevistador: Principalmente ias estudando?

Entrevistado 10: Sim ia estudando, ia-me preparando, ia tentando perceber a pouco e pouco com as diferentes situações quais eram os pontos que não eram tão favoráveis a colocar a teoria na prática e tentava contornar, as condições por exemplo, os quartos, seis camas num quarto, queres fazer as coisas e está tudo apertado e nem tens a privacidade do doente ali respeitada, tentas ao máximo e não consegues e tentar descobrir outras coisas para poder ultrapassar.

Entrevistador: Recorreste ao enfermeiro orientador ou ao professor?

Entrevistado 10: Sim ao enfermeiro orientador, mais do que ao professor.

Entrevistador: Porque não tanto ao professor? O que é que tu achas dos professores?

Entrevistado 10: Porque é assim acho que o enfermeiro primeiro está lá mais presente e percebe, conhece melhor o espaço em que tu estás que o próprio professor, conhece as estratégias que já se utilizam ali que são favoráveis, recorro ao professor quando acho que as estratégias que estão a ser adoptadas não, percebes, tipo falo com o enfermeiro e aquilo não está e oh enfermeiro, então mas não podemos fazer assim porque se não isto não dá, percebes, quando algum princípio não está a ser, como é que hei-de dizer

Entrevistador: Cumprido

Entrevistado 10: Exactamente e falo com o enfermeiro, mas ah é assim que nós fazemos aqui ok e tu ficas ok e então e agora, então mas, como aluno tu não podes chegar ali, se calhar devias, devia ser possível tu chegares ali e dizeres oh enfermeiro não se pode fazer isso por isto e por aquilo e eles então mudarem, chega a um ponto de que aquilo já ser tão rotineiro que mesmo que tu queiras é muito difícil e o tempo de estágio que lá estás não dá para teres uma relação com a equipa que tu possas chegar lá e mostrares que consegues e às vezes o professor quando lá vai se tens uma boa relação com ele acho que é um escape para ti de desabafo, professor eu tentei fazer isto assim, mas não consegui, mas então já sabe que é assim que não pode fazer isso, mas que profissional vai ser você se não cumprir os princípios e eu digo professor eu sei, se fosse eu fazia assim e assado eu tentei falei com o enfermeiro e não deu e às vezes ou percebem ou não percebem e isso aí já depende do professor que está contigo, mas é,

acho que tudo isso depende da relação que tens com as pessoas, com o enfermeiro e com o professor. Se for um professor interessado e que te sintas bem com ele e que tenhas uma relação próxima com ele, falas com ele tudo, o enfermeiro também se for uma pessoa muito próxima, que te sintas à vontade para falares as coisas e perguntares e dizeres olhe isto acho que não está tão bem por isto e por aquilo, acho que depende muito da relação que existe entre os três actores digamos assim do palco, o enfermeiro, o aluno e o professor, depois isso a quem tu vais dizer depende, depende também se o professor vai lá três vezes, se calhar nessas três vezes os bocadinhos que temos, estás preocupada com outras coisas do que propriamente a falar dos problemas que tenhas tido de outras coisas não é, não tão palpáveis, não tão interessantes e tu claro que tens aquele tempo falas daquilo, sabes que o professor chega lá já vem com tudo delineado nem dá tempo se calhar de tu poderes falar e às vezes é difícil conseguir esse diálogo.

Entrevistador: Achas que os professores estão disponíveis para vos ouvir fora desses tempos?

Entrevistado 10 : Acho que não, acho que não, porque primeiro os professores que existem têm vários alunos nos estágios e têm as coisas cá na escola para fazer e ah, agora estou aqui consigo e às três horas tenho que estar no Centro de Saúde para estar com as outras alunas e então vamos lá marcar a próxima reunião, combinamos um dia que para nós dá-nos mais jeito e para os enfermeiros que lá estão e ah este dia não posso porque às quatro tenho que estar no hospital não sei da onde, percebes e é difícil conseguir coordenar e tu comesças a perceber, com o professor não dá, é melhor, não vale a pena estar a incomodar com isto, não é e depois às vezes pensas para quê, não vale a pena, às vezes até conversas quando às vezes vais à escola buscar um livro à biblioteca encontras o professor no corredor e ele pergunta-te então está tudo bem e aí por acaso dá para falar um bocadinho, percebes, mas não há tempos, não há sem ser aqueles de avaliação que está lá com o enfermeiro e não há um tempo para estares com o professor para conversar, acho que isso faz falta, mesmo para próprio apoio que o aluno sente da escola, porque eu pelo menos acho que durante todos os estágios vamos para estágio não estamos na escola e às vezes nós esquecemos a escola um bocadinho ou se calhar pode ser culpa nossa não recorrer tanto aos professores, há professores que dizem, às vezes vêm o professor só como avaliador e não como um colega de trabalho que está aqui, mas é o que a gente sente, se eles não vão lá, se nós estamos a trabalhar,

não podemos estar em dois locais ao mesmo tempo, ou estamos a estagiar ou estamos na escola e o único sítio em que os podemos encontrar é na escola, às vezes chegamos cá e por acaso pedimos para falar com ele e já não está e não sabemos quando é que está e quando é que não está, têm reuniões daqui e da culá, é difícil, a disponibilidade também é o tal acumular de funções que eu estava a falar à bocadinho que as pessoas não conseguem, claro que elas tentam ao máximo dar resposta, mas têm tanta coisa para fazer que acabam por não conseguir dar a resposta que queriam a cada aluno, penso que é por isso.

Alguns exemplos dados pelos alunos no decorrer das entrevistas	
<p>“(…) a primeira vez que eu puncionei uma senhora, ah, a minha enfermeira orientadora virou-se para mim e disse-me assim: fogo! isso é o canal das manchas, se tu não furas isso!, eu já estava nervosa (…) foi horrível! e furei três vezes a senhora, não correu nada bem, o canal da mancha afundou, ainda levei nas orelhas por cima, foi horrível, extremamente horrível e ainda hoje não consigo puncionar como deve ser.”(E1,P8)</p>	<p>Enfermeiro orientador: intimidar o aluno e a agressividade.</p>
<p>“(…) ela [docente] chegou-me a perguntar-me quais são os instrumentos básicos de enfermagem? e eu bloqueei completamente (…) eu tinha uma mnemónica de ter decorado aquilo, não me lembrava de nada (…) bem a mulher começou a cascar em mim e se fosse uma situação de emergência o que é que você fazia? (…) mas eu bloqueei e ela e se bloquear como é que faz? E eu chorei, foi horrível, essa situação foi a mais stressante (…)”(E1,P15)</p>	<p>Docente : má relação com o aluno e exigir que o aluno responda às questões formuladas no momento.</p>
<p>“(…) nas noites era: Vocês vão ficar acordados não vão, então olhem nós vamos dormir e acordem-nos às sete (…) . A medicação da noite era: então a senhora está com dores? não, mas olhe tem aqui um Nalotil que é para descansar melhor, do estilo, toma lá aí o Nalotil, durmam a noite inteira, que a gente não se quer chatear (…)”(E2,P31)</p>	<p>Equipa de Enfermagem : Saturação/ desinvestimento da profissão</p>
<p>“(…) eu tive uma experiência já aqui [estágio em que não gostei da enfermeira orientadora] a fazer um BM teste (…) quando dava a picada eu estava ali, espremia (…) e (…) estava de costas para o enfermeiro orientador e eu comecei a ouvi-la a falar (…) estás com problemas? resolve-os, mas eu nem pensava que era comigo (…) porque podia-me ter tratado pelo nome (…) sei que depois fui ao café com os doentes e tinha as mãos a tremer, inconsciente aquilo não tinha corrido bem porque quer dizer estar uma pessoa a falar daquela maneira para mim foi horrível (…)”(E5,P84)</p>	<p>Enfermeiro orientador : intimidar o aluno.</p>
<p>[pior estágio em que tive a pior docente]“(…) tive (…) experiências (…) mais graves (…) estar um doente a morrer (…) à minha frente era a primeira vez que eu me estava a deparar com aquela situação e estava a fazer a higiene (…) e o senhor começou com polipneia, tiragem costal,</p>	<p>Docente : Agressividade, capacidade de intimidar o aluno , e apontar erros sem fundamentar</p>

<p><i>extremidades cianosadas, eu não sabia o que é que aquilo queria dizer, mas percebia que alguma coisa não estava bem e o enfermeiro que me estava a orientar disse-me o que é que estava a acontecer e para eu parar e entretanto foi chamar a médica e nisto ela [pior docente] chega e começou aos berros, porque é que eu tinha parado de dar a higiene? e que aquele banho não se dava nem ao pior inimigo e que tinha que acabar (...) e eu a explicar que não havia necessidade, se calhar era melhor deixar a pessoa confortável, quentinho (...) os berros foram mais que muitos, até que veio a médica, veio o enfermeiro e o senhor faleceu mesmo e eu sai da sala e desatei a chorar (...) e quando ela [docente] passou por mim e disse temos que conversar!, com um ar em que eu pensei, bom vou chumbar!(...)(E7,P110)</i></p>	
<p><i>[pior estágio em que tive a pior docente] “(...) havia (...) situações de doentes que tinham prescrições (...) médicas (...) um (...) tinha a prescrição de estar no repouso (...) absoluto (...) e ela [docente] meteu na cabeça que o senhor devia de ser levantado (...) expliquei que não podia levantar o senhor, mas ela levantou-o e passou um enfermeiro que estava naquele quarto e viu a situação e foi falar com ela, ela disse-lhe que ele era Espanhol e que não percebia nada daquilo (...) e ele foi fazer queixa ao enfermeiro chefe, pronto entretanto depois passou a médica viu-o no cadeirão e aquilo foi para lá um rebuliço naquele serviço, foi muito complicado.(E7,P111)</i></p>	<p>Docente: o não ser capaz de prestar cuidados de qualidade; não aceitar as opiniões do aluno; não fundamentar as acções que realiza e essencialmente o ser agressivo e o criar conflitos com a equipa do local de realização do estágio.</p>
<p><i>“(...)quando ia fazer o penso contaminei os ferros (...) disse: Oh enfermeira eu contaminei os ferros importa se de me ir buscar outros ferros? e ela [pior enfermeira orientadora]disse me à frente dessa (...) doente (...) se eu sou loura aprendi, tu que és loura falsa tens que aprender também (...) fiquei (...) nervosa, (...)fui para a casa de banho (...) chorar (...)”(E4,P69)</i></p>	<p>Enfermeiro orientador: estabelecer uma má relação com o aluno</p>
<p><i>“(...) aquilo era uma coisa impressionante e andava-mos atrás dela [pior enfermeira orientadora] (...) no primeiro ano somos uns chatos (...) aquilo é o champô e o sabonete, andam sempre um atrás do outro não sabemos muito bem o que fazer e ela dizia é pá parem, vão à casa de banho, vão conhecer a casa de banho(...) e nós ficávamos assim a olhar(...)”(E4,P69)</i></p>	<p>Enfermeiro orientador: saturação no desempenho do papel de supervisor de estágio, assim como o facto de muitas vezes os orientadores encararem os alunos como uma sombra.</p>

